

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História

**“A FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES KOLPING
DE ITAPIRANGA E RIO DO SUL”**

Márcio José Werle

Florianópolis, junho de 2007.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História

**“A FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES KOLPING
DE ITAPIRANGA E RIO DO SUL”**

Márcio José Werle

Dissertação orientada pelo Professor Dr.
João Klug e apresentada a banca
Examinadora como requisito para a
obtenção do título de Mestre em História.

Florianópolis, junho de 2007.

Resumo

A presente dissertação trata de alguns aspectos das associações Kolping, conhecidas no Brasil como “Obra Kolping”, uma rede de associações organizadas em federações estaduais nacionais e uma internacional. O propósito deste estudo é compreender a formação das associações em dois municípios: Itapiranga e Rio do Sul, ambos no estado de Santa Catarina, que tem neste a sede estadual da federação da Obra Kolping. A sede internacional localiza-se na Cidade de Colônia, na Alemanha, local onde foi fundada a primeira associação em 1849. Surgidas em meio ao contexto da revolução industrial na Alemanha, estas associações objetivavam auxiliar um grupo específico de trabalhadores: os jovens artesãos que ainda não tinham estabelecimento próprio e se ofereciam como empregados aos mestres artesãos. Mas, com as mudanças da revolução industrial, esses jovens artesãos estavam gradativamente sendo marginalizados e desamparados pela sociedade. Através de palestras, cursos, entretenimento e a própria possibilidade de moradia, as associações buscavam oferecer auxílio e suporte a esses trabalhadores perante as dificuldades profissionais, antes que estes se distanciem do comportamento social proposto pela Igreja Católica. Com o empenho e dedicação de alguns agentes, destacando-se Adolf Kolping (1813-1865), as associações tiveram uma rápida difusão na Alemanha e na Europa, e conseqüentemente em outras partes do mundo, como por exemplo, no Brasil em São Paulo em 1923. Em todos os novos lugares, as associações passavam por adaptações, e apesar de se ajustarem as novas realidades, não se afastavam dos seus objetivos principais: de ajudar os trabalhadores em suas dificuldades sociais e morais, e promover a religiosidade católica. Desse modo, o objetivo desse estudo é analisar como isso ocorreu nos municípios acima citados.

Zusammenfassung

In dieses Studium geht es darum, einige Aspekten der katholischen Kolpingvereine zu analysieren, die in Brasilien als Kolpingwerk bekannt wurden. Es handelt sich um eine in ländliche, nationale und internationale Föderation organisierte Vereinsnetz, das in verschiedenen Teile der Welt eingeführt wurde. Dieses Studium bezieht sich auf die Bildung und Entstehung dieses Vereins in zwei Bezirke von Santa Catarina: Itapiranga und Rio do Sul, der letzter ist Sitzt des ländliche Kolpingvereins. Der internationale Sitz des Vereins befindet sich in Köln, wo auch der erste Verein von Kolping selbst 1849 ins Leben gerufen wurde. Der Verein wurde im Kontext der sogenannte Industrielle Revolution gegründet und hatte die Absicht, die Gesellen und Handwerker mit Rat und Tat beizustehen. Die industrielle Revolution bracht diesen Arbeitern viele Schwierigkeiten, sodass sie nicht von Regierung und Gesellschaft unterstützt wurde. Durch Vorträge, Kurse, Vergnügung und auch Unterkunftsmöglichkeit wollte der Kolpingverein die Arbeiter unterstützen, damit sie vom katholischen Sozialverhalten keinen Abstand nehmen würden. Infolge der Tätigkeit und der Bemühungen einigen Persönlichkeiten, unter denen hauptsächlich Adolf Kolping, gewann der Verein eine rasche Ausbreitung in Deutschland, Europa und in anderen Teile der Welt, z.B. Sao Paulo, Brasilien, 1923. Sogleich der Verein in eine Stadt eingeführt wurde, hatte er sich auch den örtlichen Verhältnissen angepasst, ohne die Grundideen, nämlich die Arbeiter in moralischen und sozialen Schwierigkeiten zu unterstützen und gleichzeitig ihre katholische Glaube zu verstärken, außer Acht zu lassen. Demzufolge hat dieses Studium die Absicht, die Einführung des Kolpingvereins in den obengenannten Städte zu untersuchen.

Agradecimentos

- Ao Prof. Dr. João Klug, pelo empenho e dedicação com que orientou esta dissertação;
- Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Ao prof. Dr. Rogério Luiz de Souza e Elza Daufenbach Alves que deram importantes contribuições na qualificação
- Ao museu Municipal de Itapiranga.
- Aos Dirigentes da Comunidade Kolping de Itapiranga e Obra Kolping de Rio do Sul, pelo acesso ao material de pesquisa.
- À minha família pelo incentivo e, especialmente aos meus irmãos Marco Aurélio, Denílson Luis e André Carlos pelo apoio.
- Aos colegas e amigos do curso de história, especialmente ao pessoal do Laboratório de Imigração e Migração.
- Ao CNPQ, órgão federal de apoio a pesquisa, pelo auxílio financeiro cedido durante estes dois anos de mestrado.

Sumário

<i>Introdução</i>	08
<i>Capítulo I</i>	
<i>As Corporações de Ofício e o contexto industrial</i>	23
<i>1.1 As Corporações de Ofício e sua funcionalidade</i>	28
<i>1.1.1 A organização nas corporações</i>	33
<i>1.2 O contexto industrial e as transformações sociais</i>	42
<i>Capítulo II</i>	
<i>Adolf Kolping e as Gesellenvereine</i>	55
<i>2.1 Alguns dados biográficos de Adolf Kolping</i>	57
<i>2.2 Adolf Kolping e a constituição das Gesellenvereine</i>	60
<i>3 Capítulo III</i>	
<i>As Comunidades Kolping de Itapiranga e Rio do Sul</i>	
<i>3.1 O associativismo entre imigrantes</i>	93
<i>3.2 A Comunidade Kolping de Itapiranga</i>	96
<i>3.3 A Obra Kolping de Rio do Sul</i>	107
<i>Conclusão</i>	125
<i>Fontes</i>	128
<i>Bibliografia/Referências</i>	130

Índice de Fotografias

Adolf Kolping.....	55
Prédio da Comunidade Kolping de Itapiranga.....	104
Lançamento da pedra fundamental da Obra Kolping-Rio do Sul.....	114
Evento no terreno da Obra Kolping-Rio do Sul.....	115
Inauguração da Marcenaria da Obra Kolping-Rio do Sul – 1.....	116
Inauguração da Marcenaria da Obra Kolping-Rio do Sul – 2.....	116
Pe. Justino Kleinwächter – evento da inauguração da marcenaria.....	117
Descarregamento de máquinas vindas da Alemanha 05/06/1989.....	119
Curso de mecânico.....	120
Curso de eletricista.....	121
Curso de costura industrial.....	121
Curso de ajustador.....	122
Curso de torneiro mecânico.....	122
Desenvolvimento da apicultura.....	124

Introdução.

Ao caminhar pelas ruas da pequena cidade de Itapiranga, localizada no extremo-oeste de Santa Catarina, deparamo-nos com uma instituição cultural de forte caráter religioso, sediada em um edifício muito antigo, construído segundo as regras e os padrões de estilo da arquitetura colonial-germânica: telhado pontiagudo, grossas estruturas de madeira, que lhe confere uma aura de solidez, sobriedade. Os habitantes da cidade e das comunidades circunvizinhas sabem que ali está localizada a sede de uma das mais antigas associações da região: a “Sociedade Kolping”. Contudo, a despeito de sua longevidade e presença marcante na organização da sociabilidade dos habitantes, causa certa surpresa constatar que ao perguntar sobre seu sentido e procedência, dificilmente alguém o saberá explicar.

A maneira como acontece a mediação entre ideais, instituições e práticas culturais têm sido um dos problemas teórico-metodológicos mais desafiantes para a história entendida como reflexão e narrativa crítica das ações e organização da sociabilidade humana. Segundo Jörn Rüsen, “o passado é, como uma floresta para dentro do qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreenderem, mediante o que dela ecoa, o que lhes é presente sob a forma de experiência do tempo”¹, ou seja, existe a necessidade de orientação no tempo e no espaço que pode ser conseguida através da correlação expressa do presente com o passado. Nesse sentido, o propósito desta dissertação é compreender o que são as comunidades Kolping, como elas surgiram, qual a sua participação na sociedade. Em outras palavras, a idéia é analisar as seguintes questões: por que e como essas comunidades se instalaram em Itapiranga e Rio do Sul? Qual é a razão de ser dessas comunidades?

¹ RÜSEN, Jörn, *Razão Histórica: Teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, pg. 62.

A Comunidade Kolping de Itapiranga foi fundada em 1931², cinco anos após o início da colonização da região, e continua atualmente em plena atividade, com uma presença marcante na organização da sociabilidade dos habitantes por meio de programas recreativos, assistenciais e de preparação para o trabalho. Fundada por migrantes alemães, inicialmente fora pensada como uma associação de operários, denominada *Katolische Gesellenverein*³ [Associações Católicas], que também era conhecida como Grêmio Católico de Artífices, como muitas outras comunidades Kolping espalhadas pelo Brasil e pelo mundo⁴.

A comunidade Kolping de Itapiranga, assim como as demais da Obra Kolping no Brasil, mantém como finalidade principal a formação de cidadãos trabalhadores, bons cristãos e pais de família, tendo em vista não apenas a preservação de uma ética do trabalho, mas também o objetivo político de promover um espírito cívico e um ideal de companheirismo, raiz das *Gesellenvereine*. Conseqüentemente, seu intuito é influenciar a reprodução da sociabilidade tanto em seus aspectos econômicos quanto políticos e morais. Nesse sentido, seguem à risca o ideal de seu fundador Adolf Kolping⁵ (1813-1865). Para atingir essa finalidade, a comunidade Kolping de Itapiranga vem desenvolvendo, ao longo dos anos, desde sua fundação, várias atividades. São ministrados cursos profissionalizantes direcionados não só para os associados como para as demais pessoas interessadas. Esses cursos são

² Vale lembrar que a fundação dessa sociedade deu-se no contexto da migração de colonos oriundos do Rio Grande do Sul, em grande parte fiéis da igreja católica. Isso porque grande parte da região do extremo-oeste catarinense teve sua colonização organizada pela companhia jesuítica denominada *Volksverein*, que, para a concessão dos direitos de propriedade de terra, exigia que os colonos fossem católicos.

³ O termo *Gesellenvereine* em sua tradução literal seria “associações de companheiros” no sentido que a palavra *companheiros* é uma posição dentro de uma corporação de ofícios, como veremos no primeiro capítulo.

⁴ Informações extraídas do livro de atas da Comunidade Kolping de Itapiranga (1931-2004). Ver também na internet a Obra Kolping no Brasil, disponível em <<http://www.kolping.com.br>>, acessado em 22 maio de 2007.

⁵ Alguns aspectos biográficos de Adolf Kolping encontram-se no capítulo II.

administrados por profissionais a exemplo do Sine, Senar, Senac, Senai, nos quais se destacam o curso de corte e costura, de pintura em tecido, de arte em cerâmica, culinária e panificação. Ao lado desses cursos profissionalizantes, também são realizadas reuniões e assembleias para deliberar sobre as propostas e programações de trabalho. Além disso, são realizadas palestras e seminários através de intercâmbios com outros grupos de outros municípios; apresentações de música, de violão, flauta doce, peças teatrais e danças folclóricas dos grupos infantil, juvenil, adulto e da terceira idade⁶.

A compreensão do sentido objetivo e da importância que as atividades e programas da comunidade Kolping teve para os migrantes passa pelo entendimento não somente dos ideais e princípios norteadores dessas associações, mas também e principalmente pelo entendimento de sua inserção no contexto histórico da colonização, dos problemas de existência material e das necessidades de integração comunitária e de solidariedade social vivenciados pelos colonos que migravam. A comunidade Kolping faz parte de um conjunto de estratégias associativas colocadas em prática pelos migrantes para poderem enfrentar as agruras dos primeiros tempos da colonização, garantindo a manutenção dos ideais de sua forma de vida cultural.

A colonização da região do extremo-oeste catarinense⁷ foi gerenciada pelos jesuítas, e dessa maneira, formada dentro de um sistema de tradição correspondente ao catolicismo europeu, especialmente germânico. Compreende-se que este catolicismo era mais voltado para as questões sociais e políticas dos católicos. Como foi bem destacado por André Carlos Werle

⁶ Informações contidas no Programa de Atividades da Comunidade Kolping Itapiranga, 2004.

⁷ Refere-se aqui a região da antiga Colônia Porto Novo, atualmente abrangendo a área dos Municípios de Itapiranga e São João do Oeste.

em sua dissertação de mestrado *O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga)*,

os jesuítas trouxeram consigo esse catolicismo que acabou por nortear suas atividades junto aos imigrantes alemães e seus descendentes. Mas a sociedade que encontraram no Brasil era bem diferente da européia, com outros problemas e necessidades, típicas de uma sociedade agrária [...] as atividades que conheceram na Alemanha tiveram de ser adaptadas à nova realidade, os temas discutidos tiveram de ser outros.⁸

A importância de participar das associações como forma de garantir o modo de vida cultural e a atitude cooperativista como mecanismo de promover o desenvolvimento econômico são recorrentes nos discursos católicos. O conteúdo desses discursos constituíram-se como um padrão guia para a conduta socioeconômica dos migrantes, bem como para a formação de suas instituições e associações, impedindo que fossem derrotados pelas dificuldades de sua época e pelas necessidades imediatas de existência da própria comunidade. A distância em relação aos outros centros, as péssimas vias de comunicação e estradas, a falta de uma orientação nos métodos de trabalho, caracterizam o contexto inicial em que está enraizada a fundação da Comunidade Kolping em Porto Novo (Itapiranga). Ela se constituiu como um espaço de experiências associativas e recreativas e como um horizonte de ideais (o companheirismo, a família, o bom cidadão), formadores de sentido e que funcionavam como proteção e estímulo à lida no campo e na cidade, nos primórdios da incipiente economia de mercado na região.

A comunidade Kolping de Itapiranga está entre as primeiras fundadas no Brasil. É importante destacar que as primeiras comunidades Kolping do Brasil foram fundadas por

⁸ WERLE, André Carlos; DIRKSEN, Valberto. *O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga)*. Florianópolis, 2001. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, p. 3, 183.

imigrantes alemães que já pertenciam à organização Kolping em sua terra de origem⁹. Isso aconteceu predominantemente na década de 20 e 30 do século XX. Logo após o término da Primeira Guerra Mundial, imigrantes oriundos da Europa, em sua maioria jovens, que na pátria não conseguiam trabalho, trouxeram o ideal Kolping para a América Latina. Em Buenos Aires, Argentina, formou-se no dia 9 de maio de 1923 o primeiro grupo que se orientou no ideal de Adolf Kolping. Em 22 de junho de 1923 a primeira comunidade Kolping foi fundada em São Paulo. Outras comunidades Kolping foram surgindo no Brasil, em Itapiranga, em ocasião da visita do Secretário Geral Nattermann da Obra Kolping Internacional, em Curitiba no princípio dos anos 40.

No entanto, é importante ressaltar que a Comunidade Kolping de Itapiranga não é a única existente em Santa Catarina. Além dela, destaca-se a Comunidade Kolping de Rio do Sul, onde a cada ano acontece a Assembléia da Obra Kolping Estadual de Santa Catarina, uma espécie de encontro de intercâmbio com as comunidades Kolping do Estado¹⁰.

O município de Rio do é de certa forma um prolongamento da Colônia Blumenau, e desde os primórdios teve como atividade econômica principal a agricultura. As indústrias surgidas após, ou antes, de sua emancipação política sempre estiveram diretamente ligadas à agricultura ou extração vegetal.¹¹ A indústria de extração que mais se destacou foi a

⁹ Informações extraídas do livro de atas da Comunidade Kolping de Itapiranga.

¹⁰ Além de Itapiranga e Rio do Sul, existem ainda nos seguintes municípios do Estado de Santa Catarina: Anita Garibaldi, Blumenau, Ituporanga, Mirim Doce, Saleté, São Joaquim, Taió e Vidal Ramos.

¹¹ TOMASINI, Daniel; HOERHNN, Rafael C.L.S. *Atividades Econômicas*. IN: KLUG, João; DIRKSEN, Valberto. *Rio do Sul: uma historia*. Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 1999, pg.153.

madeira, que durante muito tempo foi uma das bases da economia não só do município de Rio do Sul mas de toda a região do Alto Vale do Itajaí¹².

Devido a uma desenfreada exploração da madeira promovida durante décadas, as reservas do município e de toda região se encontravam, já nos anos sessenta, muito reduzidas. Com isso, madeira deixou de ser a principal atividade econômica e fonte de renda do município¹³. Dessa maneira, com o declínio das indústrias madeireiras, a cidade passa por uma profunda crise econômica, pois a cidade não tinha mais como amortizar o investimento em capital fixo necessário¹⁴. Nesse contexto de crise é instituída a comunidade Kolping em Rio do Sul, mais precisamente no dia 11 de Setembro de 1975. Neste contexto, para compreender o sentido das Comunidades Kolping e sua influência na promoção de um ideal de vida, será de grande importância ver como a Comunidade Kolping se instalou em Rio do Sul, expor seus princípios norteadores, a natureza de sua estrutura e funcionamento organizacional. Apesar de terem surgido em períodos diferentes e em contextos sócio-econômicos díspares (ainda que com um pano de fundo cultural semelhante – a colonização alemã), será que as duas comunidades Kolping têm a mesma importância na vida associativa dos trabalhadores? Apresentam a mesma estrutura organizacional? Quais seriam as semelhanças ou diferenças entre elas?

Para começar a responder essas perguntas, é importante observar que as Comunidades Kolping de Santa Catarina estão inseridas no contexto maior da obra Kolping no Brasil.

¹² Idem. Ibidem., pg. 161

¹³ Idem. Ibidem., pg. 168-169.

¹⁴ Idem. Ibidem., pg.143

No âmbito nacional, a Obra Kolping do Brasil entende-se como “Família no Mundo do Trabalho”. Trata-se de uma associação civil sem fins lucrativos e de natureza filantrópica, com atuação no mundo do trabalho, que objetiva a promoção do trabalhador e sua família, a cooperação, em todos os níveis, a começar do micromundo (nível local), passando pelo mesomundo (nível estadual), o macromundo (nacional) até o megamundo (internacional, intercontinental)¹⁵. A sua organização de caráter local se chama Comunidade Kolping e é a menor unidade Kolping autônoma, que congrega diversos membros associados. Já em termos estaduais, se denomina Obra Kolping Estadual e reúne todas as Comunidades Kolping de um determinado Estado. A Obra Kolping do Brasil é, por sua vez, o conjunto de todas as Comunidades Kolping que atuam no território nacional.

Em um balanço realizado no ano de 2006, a Obra Kolping do Brasil constatou que sua existência se desdobra sobre 21 Estados, espalhando-se por 423 comunidades. Estas comunidades estão distribuídas em 206 municípios, atuando em 253 paróquias de 90 dioceses¹⁶. A Obra Kolping do Brasil estruturalmente se subdivide em duas Coordenações Regionais, a do Nordeste e a do Sudeste além de uma Coordenação Regional em Formação na região Norte. Entre as Coordenações Regionais existem dezesseis Coordenações de Estados e seis Coordenações de Distrito. Sua organização é mantida através de reuniões e encontros. A cada seis meses acontece o Encontro de Coordenadores das Regiões Nordeste e Sudeste, e uma vez ao ano ocorre uma Assembléia Geral de Coordenadores¹⁷.

¹⁵ *Obra Kolping no Brasil*. Disponível em <<http://www.kolping.com.br>>, acessado em 22 maio 2007.

¹⁶ Idem. *Ibidem*.

¹⁷ Idem. *Ibidem*.

Para ter uma noção mais clara, o total de sócios da Obra Kolping do Brasil é de 22.628, O gerenciamento operacional é feito através de um Comitê Executivo, que se reúne ordinariamente uma vez por semana e extraordinariamente sempre que necessário. Esse Comitê Executivo é composto por um Presidente, pelo Assistente Eclesiástico e o Coordenador Executivo. As decisões deste Comitê são referendadas pela Diretoria Executiva em sua reunião mensal. Durante o evento do Encontro Nacional, realiza-se a reunião ampla da Diretoria Nacional, onde participam também os Diretores Delegados dos diversos Estados¹⁸.

As 423 Comunidades Kolping do Brasil são pessoas jurídicas autônomas e englobam 904 subgrupos ou “Famílias”. Trata-se de grupos de trabalhadores manuais, de formação profissional, clubes de mães, grupos de crianças e de jovens, associações esportivas, grupos de idosos e de alfabetização. Atualmente estão 61 grupos em fase de formação. Dessas 423 comunidades Kolping, 206 possuem sede própria. Ao todo Obra Kolping possui 16 Centros de Formação Profissional, 09 casas para hospedagem e 14 quadras esportivas.

A Obra Kolping estende os seus serviços através de inúmeras atividades comunitárias de assistência e projetos sociais nas áreas de: a) *educação da criança e do adolescente*: com 322 grupos de crianças, em creches ou pré-escolas, e de adolescentes em ocupação produtiva, com 7.084 educandos em frequência diária; b) *na formação da mulher*: 185 grupos de senhoras e de mães em atividades de confecções, higiene, saúde e de formação social, com 3.911 participantes em encontros semanais; c) *no atendimento à terceira idade*: 106 grupos, de homens e mulheres, em atividades de convivência, com 2.650 participantes do lazer organizado; d) *na saúde e habitação*: 1.197 famílias ajudadas na construção ou reforma de suas casas e na aquisição de móveis e equipamentos, com 17.177 moradores, muitos deles em

¹⁸ Idem. Ibidem.

favelas; e) *na alfabetização de adultos*: 981 grupos, com orientação sócio-política e trabalhista, com 24.525 alunos seguindo o programa anual; f) *orientação e encaminhamento social*: 2.145 regulamentações de documentos, 6.496 remédios e envio a hospitais, 12.750 cestas básicas, 7.732 famílias atendidas com roupas, 40.066 encaminhamentos e orientação para o emprego. De modo amplo, nos últimos anos a Obra Kolping promoveu 500 mil jovens e adultos que participaram em cursos de formação e aperfeiçoamento profissionais e, no mesmo espaço de tempo, foram promovidos e apoiados 45 mil trabalhadores autônomos no campo e na cidade¹⁹.

Os dados acima apresentados revelam a grande importância dessas comunidades com presença marcante na regulamentação de uma determinada ordem social. Mas raros, para não dizer inexistentes, são os estudos realizados sobre as comunidades Kolping no Brasil. Quanto as Comunidades Kolping no Mundo, as poucas obras presentes na historiografia são estudos que tratam apenas da biografia de seu agente principal, Adolf Kolping, ou que tratam dos ideais políticos e de sua influência na doutrina social da Igreja. Cabe mencionar que estas biografias estão voltadas predominantemente para a glorificação da figura de Adolf Kolping. A maior parte dos trabalhos é publicada por editoras católicas (Herder Freiburg, Bonifatius Paderbon, Kolping – Verlag Köln) e por autores vinculados às Comunidades Kolping.²⁰

¹⁹ Idem. Ibidem.

²⁰ A título de ilustração, destacamos os seguintes: GÖBELS, Hubert. *Adolf Kolping gestern – heute – morgen: Kurzgefsste Lebensgeschichte dês Schustergesellen, Priesters, Gesellenvaters und Volkserziehers Adoplh Kolping und Kerpen bei Köln*. Köln, 1977. HANKE, Michael. *Sozialer Wandel durch Veränderung des Menschen: Leben, Wirken und Werk des Sozialreformers Adolph Kolping*. Mülheim, 1974. REMPE, Theo. *Kolpings Grundsätze zur Pädagogik und Organisation seines Werkes*. Köln, 1975. STEINKE, Paul. *Leitbild für die Kirche: Adoplh Kolping: Sendung und Zeugnis seines Werke heute*. Paderborn, 1992. Uma feliz exceção é o trabalho de IHLI, Stefan. *Hatten die Gesellenvereine eine politische Bedeutung? Eine Untersuchung an Hand des Schrifttums Adolf Kolpings*. Disponível em <http://www.ihlisoft.de/theologie/kolping_text.htm>, Acessado em maio de 2007, que faz uma análise crítica e objetiva dos escritos, da vida e obra de Adopf Kolping. Sobre os trabalhos em torno das *Gesellenvereine* Católicas, cabe ainda mencionar o texto importante de Sarah C. Neitzel, “Priests and

Nesse sentido, há um déficit de compreensão do sentido da Obra Kolping e da sua importância na vida dos primeiros migrantes, bem como da sua relevância atual para os trabalhadores. Esta dissertação justifica-se tendo em vista a tentativa de preencher essa lacuna, investigando a influência das comunidades Kolping nos municípios de Itapiranga e Rio do Sul, de colonização predominantemente alemã, procurando apresentar as razões que levaram a sua instalação nestes municípios, o sentido que os próprios membros associados atribuem às ações destas comunidades, desde sua fundação até os dias atuais, sua influência na organização da vida associativa e das atividades sócio-econômicas, principalmente na preparação solidária para o mundo do trabalho, na manutenção cultural e do espírito de companheirismo.

Além disso, esse estudo que propomos coloca em tela de juízo um problema teórico-metodológico importante para a História, a saber, o da mediação entre instituições e práticas culturais. Desse modo, formularemos algumas hipóteses sobre como essas sociedades se espalharam pelo mundo, mantendo o mesmo ideal, mas adquirindo feições institucionais e práticas diferentes. Dependendo do contexto histórico-social a hipótese que pretendemos verificar é a de que as comunidades Kolping surgiram devido às dificuldades de existência material e aos problemas de integração social que marcavam os contextos dos municípios. A opção por esse tipo de associação comunitária se fundamenta em decorrência do paradoxo vivido pelos trabalhadores, a saber, o de ter que inserir no mercado de trabalho da economia capitalista (reino da competição e de individualismo desenfreados) sem deixar de perder os vínculos de solidariedade, fundamentais na sua forma e concepção de vida social.

Para além deste motivo de ordem acadêmica, este estudo também tem em vista a possibilidade de trazer à luz elementos importantes para compreender a situação atual dos trabalhadores urbanos e rurais frente à dinâmica da economia de mercado. No contexto atual de crise do mundo do trabalho, de desemprego, empregos precários, subempregos, trabalho informal, ausência de perspectivas, e assim por diante, a análise das virtudes e problemas das Comunidades Kolping como uma prática associativa criada e alimentada com o intuito de preparar o trabalhador para a inserção no mundo do trabalho pode apontar para formas de integração social que sejam tanto produtivas do ponto de vista econômico quanto frutíferas do ponto de vista da solidariedade social. O que a análise das comunidades Kolping pode apontar é que o princípio da economia de mercado, como já o dizia Max Weber, em *Economia e Sociedade*, tem de levar em conta tanto a *Gesellschaft* [Sociedade] quanto a *Gemeinschaft* [Comunidade].

A referência a Max Weber está relacionada com reflexões mais amplas presentes nos trabalhos sobre a sociologia da religião, a começar pela obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Estas nortearam a problematização do tema, assim como a organização sistemática e conceitual desta dissertação. Weber desenvolve uma análise comparativa e compreensiva das grandes religiões e da ação recíproca entre as condições econômicas, as situações sociais e as convicções religiosas. Certamente, aqui, não pretendemos apresentar toda a riqueza dos meios de pesquisa empírica e a complexidade de interpretação compreensiva empregadas por Weber na sua sociologia da religião. Contudo, sem violar a intenção de sua obra, pode-se dizer, resumidamente, que sua sociologia da religião é uma reflexão sobre as diferentes atitudes religiosas e a influência que exercem sobre as condutas dos homens, notadamente sobre sua conduta econômica. Essa reflexão orienta-se pela seguinte

indagação: em que medida as concepções religiosas têm influenciado o comportamento econômico dos indivíduos e a reprodução material de diferentes sociedades? A intuição básica de Weber é a de que a conduta racional, dotada de sentido, dos homens nas diversas sociedades só pode ser compreendida no quadro de valores, crenças e ideais de uma forma de vida cultural no qual os indivíduos desenvolvem uma autocompreensão de si mesmos e uma concepção geral do mundo (*Weltanschauung*). No caso específico da *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, a hipótese observada é a de que uma certa interpretação do capitalismo criou algumas das motivações e condições causais que favoreceram a formação do regime capitalista moderno: a combinação da busca do lucro com a disciplina racional do trabalho e organização racional da empresa capitalista. Ao relacionar de modo compreensivo pensamento religioso com uma atitude a respeito de certos problemas de ação, Weber se perguntou em que medida uma atitude em relação ao trabalho e à reprodução material, atitude determinada por crenças religiosas, teria constituído o fato diferencial capaz de explicar o rumo singular da história de racionalização do ocidente. Esta interrogação é fundamental no pensamento weberiano, presente no início do livro sobre a ética protestante. Sua tese afirma uma afinidade espiritual entre uma certa concepção religiosa do mundo e determinado estilo de atividade econômica, colocando em tela um problema sociológico de extrema importância, o da influência que as concepções do mundo em geral têm nas organizações sociais e nas atitudes individuais, na reprodução material e na reprodução simbólico cultural da sociedade.

O ponto importante a ser destacado na sociologia weberiana da religião é o de que as idéias não são meras construções arbitrárias, mas têm um sentido objetivo – que pode ser racionalmente apreendido e reconstruído pelo historiador a partir de pesquisas empíricas e interpretações conceituais – e são eficazes, isto é, estão enraizadas em instituições e práticas e

produzem efeitos. Os efeitos, estes sim, podem ser dos mais variados tipos, tudo dependendo do modo segundo o qual as idéias são recepcionadas pelos indivíduos e grupos, e, portanto, do contexto no qual incidem. Idéias não são neutras, sobretudo no domínio da organização social e política, onde aparecem como guias, como bússolas da ação. Adquirindo um sentido objetivo por meio das perspectivas, interesses e orientações da ação de indivíduos e grupos, as idéias recortam o que cada um entende por “realidade” e aquilo que cada um entende como necessário transformar nas relações humanas.

A partir dessas reflexões e da problemática apresentada, divide-se a dissertação em três capítulos. Sendo que no primeiro são realizados alguns estudos sobre as antigas associações de artesãos da Idade Média e o contexto da tardia revolução industrial na Alemanha. O objetivo primordial desse capítulo é analisar como eram essas estruturas tradicionais dos artesãos, para compreender quem era esse trabalhador conhecido como *Geselle*, e como foram dissolvidos com a nova ordem liberal industrial, ou seja, como esses artesãos abandonaram seus princípios corporativos e entraram para a competitividade liberal capitalista. Esta análise se baseia em uma revisão bibliográfica onde se destaca um texto bastante descritivo de Guy Antonetti, que trata sobre economia medieval e aponta para algumas hipóteses sobre o surgimento das corporações e sua estrutura. Também é de suma importância a contribuição dos estudos realizados por Eric Hobsbawm acerca do “mundo do trabalho” e “os trabalhadores” no século XIX. Ao tratar das consequências da industrialização e os efeitos sobre a situação dos trabalhadores foram consideradas os estudos clássicos de Marx e Engels, apesar de não pretender guiar este estudo à luz da teoria marxista, merecem mérito as observações realizadas por esses pensadores sobre a situação dos trabalhadores. Desse modo, coletando informações

de vários estudos, pretendemos apresentar o cenário em que as *Gesellenvereine* realizaram suas primeiras atividades.

O capítulo seguinte versa basicamente sobre o personagem Adolf Kolping, com uma breve biografia é possível observar que ele foi um desses trabalhadores artesãos, que viveu essa mudança e o abandono das tradicionais formas de treinamento de artesãos. Desiludido com as condições de seu ofício de sapateiro, mais precisamente com o ambiente degradante das oficinas, Kolping decide continuar os estudos e entra para o sacerdócio, que era uma das únicas formas de ascensão social. Com o apoio da Igreja, Kolping começa a organizar diversas associações de jovens artesãos chamadas *Gesellenvereine*, que objetivavam a organização da vida associativa e das atividades econômicas, nos moldes das antigas associações da Idade Média. As *Gesellenvereine* começaram a se difundir por toda a Europa, e mais tarde através da imigração de membros das associações (artesãos e agentes religiosos), elas se difundiram para outros continentes instalando-se nos países onde haviam migrantes, como por exemplo, EUA, Argentina e o Brasil. As fontes em que se baseia esse capítulo são os escritos de Adolf Kolping, os primeiros estatutos das *Gesellenvereine*, apoiada pela pesquisa bibliográfica. No tocante a bibliografia, Werner Plum publicou em 1979, um estudo realizado “sobre relatos de operários sobre os primórdios do Mundo Moderno do Trabalho”, no qual são analisados alguns relatos de Adolf Kolping, juntamente com o de outros artesãos que se tornaram operários.

O terceiro capítulo trata justamente desse processo de estabelecimento das associações Kolping em Santa Catarina, observando a maneira como elas respondem às necessidades de natureza associativa/comunitária, ancoradas fortemente em princípios e concepções religiosas do mundo, para lidar com as diversas dificuldades de natureza cultural, econômica e social.

Em um primeiro momento tratamos do caso da Comunidade Kolping de Itapiranga, em um contexto de migração e colonização do oeste catarinense, e em um segundo momento a Comunidade Kolping de Rio do Sul, em um contexto de crise econômica e industrialização do município. As fontes utilizadas para elaborar esse capítulo foram basicamente os documentos das comunidades Kolping, como os livros de atas e relatórios dos projetos. Também foram pesquisados alguns documentos como as correspondências dos padres, fotografias e folhetins informativos sobre comemorações e eventos realizados pelas comunidades. Para o estudo do caso de Itapiranga teve grande contribuição a dissertação “O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga)”, realizada por André Carlos Werle, e no caso de Rio do Sul teve importante contribuição o livro “Rio do Sul: uma historia”, organizado por João Klug e Valberto Dirksen.

Através da análise dessas fontes, o objetivo desse capítulo é compreender que as Comunidades Kolping constituíram-se como espaços de sociabilidade e convivência comunitária que procuravam fornecer aos migrantes no caso de Itapiranga, e trabalhadores de Rio do Sul, possibilidades de formação profissional e integração no mercado de trabalho, tanto no âmbito da agricultura quanto no setor urbano-industrial, sem que essa integração tivesse como consequência o individualismo, a perda das personalidades culturais e do espírito de companheirismo.

Capítulo I - As Corporações de ofício e o contexto industrial

Para contemplar e compreender as idéias de Adolf Kolping e das *Gesellenvereine* Kolping é importante analisar o contexto histórico no qual suas atividades estavam inseridas. Contudo, embora seja necessário se referir a esse contexto, também temos de reconhecer que o período em que Kolping viveu, um dos períodos mais dinâmicos de expansão e consolidação da formação da sociedade capitalista na Europa, se caracterizou por tantos e tão diversos processos de mudança e transformação que seria impossível tratar deles aqui com profundidade. Dentro do que estas páginas podem expor, o objetivo desse capítulo é analisar alguns aspectos históricos importantes que facilitarão a compreensão do surgimento das *Gesellenvereine* Kolping, dentro da revolução industrial da Alemanha no século XIX. Para tanto, vamos primeiramente abordar alguns estudos sobre as associações corporativas de artesãos, também conhecidas como *corpos de ofício*, que existiram desde a Idade Média e que se mantinham no início da Idade Moderna. A importância do estudo das antigas corporações de artesãos da Idade Média justifica-se por elas terem sido usadas, em certa medida, como modelo para as *Gesellenvereine* organizadas por Adolf Kolping, como veremos no segundo capítulo. À medida que se compreendem as estruturas tradicionais dessas corporações e suas transformações, tendo como contexto de referência as mudanças ocorridas com a tardia revolução industrial na Alemanha, podemos apreender melhor o sentido das próprias associações criadas por Kolping.

A primeira *Gesellenvereine* Kolping foi fundada em 1849, em meio a um período marcado, na maior parte da Europa, por muitas rupturas e mudanças em todos os âmbitos da sociedade. As mudanças mais importantes se referem a um processo decisivo de consolidação de uma formação social baseada no modo de produção capitalista, que, entre outras coisas,

depois de séculos sem grandes mudanças de ordem econômica, estava convertendo as estruturas sociais tradicionais, até então predominantemente agrárias e com a pequena produção estruturada de acordo com a ordem tradicional das corporações dos grupos de artesãos, em sociedades industriais do tipo moderno, com acentuada divisão de trabalho e acelerada expansão da urbanização.

Um dos aspectos decisivos desse processo consiste na acelerada desintegração das formas de reprodução material e simbólica das sociedades tradicionais anteriores, e pela necessidade de encontrar novas formas de integração social e redes de solidariedade entre as pessoas, uma vez que não havia se estabelecido ainda uma nova ordem social de consistência igual à das sociedades tradicionais. Os problemas da integração social surgem à medida que a esfera econômica social da reprodução material se libera de suas peias feudais, e a lógica da propriedade privada e das interações estratégicas de uma economia voltada para o mercado passam a reger grande parte das relações sociais, arrancando os indivíduos de seus vínculos tradicionais de solidariedade social e lançando-os na busca da realização de seus fins particulares. As pessoas foram gradativamente desligadas de seus contextos de vida locais e dos vínculos sociais organizados de forma tradicional em estamentos e corporações, e colocadas diante da experiência alienante de serem simultaneamente mobilizadas sob novas formas (a divisão social do trabalho do capitalismo emergente) e de, contudo, permanecerem ainda estranhas e isoladas umas das outras. A nova dinâmica da expansão dos mercados, das redes de tráfico de mercadorias, da generalização do dinheiro, exigiu uma mobilidade das pessoas que teve um impacto perturbador nos horizontes espaço-temporais das formas tradicionais de solidariedade, afrouxando a força dos vínculos solidários e afetivos tradicionais como a família, as comunidades de origem, as tradições locais e as corporações. A abertura do

mundo da vida compartilhado e o esgarçamento das malhas da integração social tiveram o significado ambíguo de uma experiência crescente de contingência e incerteza quanto aos fundamentos da vida coletiva e da própria formação da identidade pessoal.²¹ Por um lado, deu-se o efeito positivo de ampliar os espaços de realização da liberdade dando aos indivíduos a possibilidade de expandirem-se para todos os lados na busca da satisfação de suas necessidades, da realização de seus próprios planos de vida e interesses particulares. Abre-se, com isso, o horizonte de emancipação e de cultivo da personalidade individual. Contudo, por outro lado, essa abertura é contrabalançada pelas conseqüências eticamente desintegradoras geradas pelo individualismo e pela livre concorrência pressupostos na lógica estratégica própria da crescente economia capitalista de mercado²².

É notório que os rumos até então imprevisíveis desse processo de mudança afetaram especialmente e de distintas maneiras o mundo dos trabalhadores, especialmente o setor do artesanato e das corporações, ao qual o próprio Kolping havia pertencido durante alguns anos. A nova “liberdade industrial”, que desde os princípios do século XIX foi se introduzindo em praticamente todos os países europeus, causou um impacto desagregador e devastador na

²¹ “Dar lugar ao que emerge ao pensar, aceitar viver com o conflito, acolher o conflito, a contradição interna, dar ao pensar uma espécie de igualdade (quer os pensamentos sejam nobres ou vis, formem-se sob o signo do conhecimento ou da paixão, ao contato com os outros ou com as coisas), consentir ao que se enreda com a distinção entre interno-externo [...] significa o indício de um novo modo de existência do indivíduo nos horizontes da democracia. O indivíduo não apenas surge comprometido com o domínio do seu destino: assim como também está despojado da segurança de sua identidade – identidade que, outrora, parecia lhe conferir seu lugar, sua condição na sociedade, a possibilidade de se ligar a um poder legítimo. Para parafrasear Tocqueville, falando da América, diríamos de bom grado que o indivíduo se expõe ‘a uma agitação em incessante recomeço’, que a incerteza acerca de sua identidade difunde em seu espírito ‘uma inquieta atividade’, uma ‘energia superabundante’, que o governo, outrora exercido sobre si mesmo, garantido por um justo modelo, ‘era impotente para criar’. Ou ainda, [...] diríamos que o indivíduo se descobre sem definição, sem contornos, sem conteúdo, sem objetivo”. Lefort, Claude. *Pensando o Político. Ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Tradução: Eliana M. Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 214.

²² Esse processo de passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas foi largamente estudado pelos teóricos clássicos, como Marx, Webber, Durkheim, Tönnies. Limite-me aqui a tratar com mais ênfase os impactos dessas transformações na vida dos trabalhadores.

ordem das corporações de ofício que durante séculos haviam regulado a atividade dos artesãos.

Nas sociedades tradicionais, por exemplo, correspondia à corporação determinar o número de estabelecimentos artesanais que podiam se manter em um determinado lugar, o número de trabalhadores, as hierarquias entre eles (mestres, companheiros e aprendizes), a quantidade a ser produzida, a qualidade da produção, e assim por diante. Tudo para com isso manter, segundo parâmetros fundados em valores tradicionais, o equilíbrio e o controle sobre a oferta e a demanda dos produtos. No entanto, com a passagem para as sociedades modernas, com o surgimento do sistema das fábricas e a inauguração dos tempos da liberdade industrial, o número de estabelecimentos aumentou sem controle nem restrições de nenhuma classe, a não ser o dos imperativos da livre iniciativa e da competição sem limites entre as próprias fábricas, regulada pela “não-regulação” da mão invisível do mercado, competição desenfreada que se espalhou até mesmo entre os próprios artesãos, cuja existência cada vez mais estava ameaçada pelo crescente número de novas empresas industriais. Em consequência dessa competição desenfreada, a antiga rede de segurança e proteção tecida pelas corporações foi paulatinamente sendo corroída, e um grande número de estabelecimentos teve que se submeter a trabalhar em condições de miséria, e outros tantos faliram, de modo que muitos artesãos perderam a sua independência vendo-se obrigados a engrossar as filas do proletariado industrial.

No início do processo da revolução industrial – algo que é ainda mais válido para o caso específico da tardia revolução industrial na Alemanha – é necessário lembrar que o artesanato ainda constituía um setor econômico muito importante e que o número de artesãos superava o número de operários das primeiras empresas indústrias. Como comenta

Hobsbawm, o clássico proletariado da moderna fábrica ou estabelecimento industrial, freqüentemente uma minoria ainda pequena embora em rápido aumento, estava longe de ser idêntica ao grosso dos trabalhadores manuais que trabalhavam em pequenas oficinas na produção domiciliar da zona rural e dos fundos de casas da cidade ou até ao ar livre; e também da labiríntica selva de assalariados que abarrotavam as cidades - mesmo deixando de lado os da lavoura - o campo²³. Naquela época, em todas as pequenas cidades, em todos os povoados, os mestres de ofício com estabelecimento próprio formavam uma parte sólida da coletividade como tal exerciam uma função reguladora importante na sociedade. À medida que a ordem tradicional dos artesãos vai se desintegrando, vão diminuindo as possibilidades para os jovens aprendizes, em sua etapa de aperfeiçoamento, encontrar moradia e alimentação nas casas dos mestres, em cujo estabelecimento trabalhavam. Muitos mestres de ofício que antes passavam suas habilidades particulares de “geração a geração”²⁴ aos aprendizes, com o advento da empresa industrial começavam a considerar estes jovens exclusivamente como mão-de-obra assalariada, aos quais pagavam sem ter nenhuma obrigação a mais para com eles, e resistiam em integrá-los ao seu grupo familiar tal como haviam sido o costume durante séculos anteriores.

Para ter uma visão geral das profundas transformações no processo social na passagem do sistema tradicional de corporações para o moderno sistema da produção industrial, é necessário considerar: 1) a natureza das corporações de ofício e sua funcionalidade na ordem social tradicional; e 2) o impacto das transformações da sociedade industrial na vida dos trabalhadores artesanais. Isso possibilita uma melhor compreensão do próprio sentido das

²³ HOBSBAWM, Eric. J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 172.

²⁴ BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 63.

Gesellenvereine organizadas por Kolping, que podem ser entendidas como uma forma de reação aos efeitos desagregadores da revolução industrial.

1.1)As corporações de ofício e sua funcionalidade

De acordo com Braudel, as associações de grupos de artesãos, sejam elas as "*Zünfte* alemães, as *Arti* italianas, as *Guilds* inglesas ou os *Grêmios* espanhóis desenvolveram-se em praticamente toda a Europa, mais cedo ou mais tarde em determinados lugares conforme as regiões, mas em parte alguma teve a possibilidade de se impor livre de restrições ²⁵. O movimento de constituição dessas corporações, mesmo parecendo ser espontâneo em seu ponto inicial e geralmente regulamentado pela autoridade pública local, foi freqüentemente combatido pelas classes nobiliárquicas urbanas. Um dos motivos da antipatia da nobiliarquia urbana emanava do risco ou do potencial desses artesãos organizados dentro da cidade estabelecer-se e fortalecer-se politicamente e, assim, colocar em risco o poder dos nobres. O ingresso e estabelecimento das corporações dentro das cidades foi um processo de desenvolvimento lento e marcado por conflitos sociais intensos, alcançando somente o auge de sua expressão no final da Idade Média.

Guy Antonetti sugere uma apresentação das corporações de artesãos assentada em dois critérios: (a) um fundamentado no agrupamento dos membros da associação, ou seja, considerando a maneira como se estrutura a corporação; e (b) o outro com base na disciplina

²⁵ BRAUDEL. Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismos: séculos XV-XVIII*. Vol. II - *Os Jogos das Trocas*. Trad: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 274.

coletiva, isto é, a regulamentação social e as normas estabelecidas pela corporação.²⁶ De acordo com esses critérios, o autor estabelece algumas variações entre as corporações e as determina em três diferentes tipos de movimentos. O *movimento espontâneo*, segundo o qual as corporações não teriam a mesma origem ou os mesmos motivos. Nesse movimento, partindo de uma pergunta – "Por que os artesãos e os mercadores das cidades se constituíram em grupos organizados?"²⁷ – o autor aponta para algumas dissidências que podem sugerir algumas hipóteses sobre as primeiras formas desses agrupamentos de trabalhadores. Para responder a essa pergunta Antonetti aborda vários motivos e razões pelas quais o problema poderia ser observado. Um desses motivos refere-se às razões religiosas dos agrupamentos, que tratam basicamente das reuniões em confrarias religiosas de pessoas pertencentes a uma mesma profissão. Essas reuniões poderiam ter o propósito do culto ao santo patrono do ofício, e sob inspiração da Igreja também poderiam ter o propósito de praticar a caridade em relação a alguém em situação de inferioridade dentro da confraria, tanto em caso de auxílio mútuo no exercício da profissão como em caso de acidentes doenças ou falecimento. Contudo, argumenta Antonetti, apesar do esforço da Igreja, estas confrarias tinham como objetivo específico resolver os problemas materiais da profissão. Em muitos casos, em consequência de conseguir resolver esses problemas sem a intervenção da Igreja, essas confrarias acabavam neutralizando os seus fundamentos religiosos e, desse modo, a laicização das confrarias poderia ter dado nascimento às corporações de artesãos. Segundo Antonetti, "entretanto, a Igreja, receosa em relação às confrarias juramentadas (juramento coletivo = *conjuratio*),

²⁶ ANTONETTI, Guy. *A economia Medieval*. Trad: Hilário Franco Junior. São Paulo: Atlas, 1977, p. 75.

²⁷ Idem. *Ibidem.*, p. 75.

censurou-as nos sínodos locais na França, por volta de 1220-1240, ou mesmo obteve do imperador, na Alemanha, uma interdição formal das associações de ofício (1231-1232)".²⁸

Para além dessas razões religiosas, Antonetti aponta para razões de ordem econômica dos agrupamentos de artesãos. Nesse aspecto, a origem das corporações de artesãos estaria ligada a simples pretensão de manter distantes os eventuais artesãos novatos, para, dessa maneira, manter também algum controle sobre a concorrência de outros agrupamentos. Esse controle era tanto para equilibrar as condições de produção, isto é, promover uma igualdade das técnicas e nos equipamentos, quanto para equilibrar as condições de venda, e mesmo ainda, provavelmente, para manter um determinado padrão de fabricação dos produtos. A base funcional dessas regulamentações era a de evitar que um artesão individualmente monopolizasse determinado ofício, mas que esse monopólio fosse mantido pela corporação. Estando ou não ligado à origem dos movimentos das corporações, as razões de ordem econômica estão sempre presentes, e constituem, portanto, um elemento essencial na manutenção dos sistemas de corporações.

Em complemento às razões econômicas existem também os motivos de segurança. Nesse caso, "quer se trate de afirmar as reivindicações de profissionais contra a autoridade do senhor ou quer se tratasse de proteger os comboios nas estradas, uma força de defesa comum era indispensável ao sucesso desses empreendimentos".²⁹ O elemento agrupador das corporações estaria ligado à necessidade de cooperação entre os artesãos para promover a segurança diante das ameaças ao funcionamento de seus ofícios. Essas ameaças eram reciprocamente contornadas com o trabalho em grupo.

²⁸ Idem. Ibidem., p. 76.

²⁹ Idem. Ibidem., p. 76.

Por fim, existiam razões político-sociais. Segundo Antonetti, "na maior parte das cidades o poder urbano caiu no século XIII nas mãos do patriciado mercador: e que uma plebe de artesãos tentou, tardiamente, organizar-se para conquistar ou dividir o poder, visando obter a melhoria de sua sorte".³⁰ Nesse intuito, partindo do anseio de se prevenir do fracasso de seus empreendimentos, e aliado à certeza de pertencer a um grupo social valorizado e mesmo a possibilidade de ser respeitado em um grupo social, os artesãos reunidos teriam formado, desse modo, as corporações. Sendo assim, a origem das corporações estaria ligada à consciência da possibilidade de garantir melhores resultados através do poder do trabalho corporativista, ou seja, não só resolver os problemas de ordem material, mas também a possibilidade de defender seus interesses no plano político e sustentar suas posições dentro da sociedade.

Depois de ter observado alguns dos vários motivos que poderiam ter originado o ponto de partida para a existência das corporações, Antonetti apresenta algumas possibilidades de análise dos rumos que essas corporações tomaram de acordo com determinadas situações. Uma dessas análises é denominada pelo autor de *movimento regulamentado*³¹. Depois que as corporações surgiram, independentemente de qual fosse sua razão, elas apareciam para a sociedade como um potencial a ser regulamentado, e assim estariam passíveis de sofrer certas pressões e modificações por parte dos grupos dominantes da sociedade. Para Antonetti, "preocupados em exercer um controle sobre as atividades profissionais e desse modo também poder taxá-las melhor, os senhores freqüentemente preferiram canalizar o movimento em seu proveito. A alta burguesia detentora do poder municipal ficava satisfeita por controlar aqueles

³⁰ Idem. Ibidem., p. 76.

trabalhadores que antes ela não dominava social ou economicamente, e de poder subsidiariamente integrá-los com mais facilidade nas milícias municipais"³². Tal atitude de subordinar os ofícios ao poder político vigente dos nobres, provavelmente poderia ser uma estratégia aplicável não só aos artesãos, mas a qualquer elemento da sociedade, toda a vez que o poder da autoridade local estivesse sob receio de que algum evento lesivo viesse a ocorrer.

Dentro desse ambiente de regulamentação do poder, podemos adequar o outro tipo de movimento apresentado por Antonetti, o *movimento contestado*. Esse processo trata basicamente da oposição de interesses entre a associação dos mercadores e as corporações dos artesãos. Por exemplo, no caso Inglês,

"os compradores de lãs na Inglaterra e vendedores de tecidos dominavam todo o ciclo da fabricação, no qual umas trinta operações distintas poderiam ser executadas por uma mesma quantidade de trabalhadores resumidos a uma especialização limitada. Os fabricantes de panos, senhores das almotaçarias, impediram até o fim do século XIII a formação de corporações de artesãos têxteis, a fim de poderem manter seu domínio econômico e social sobre esses artesãos não é senão por volta de 1300, ao fim de longas agitações, que os ofícios de artesãos tomaram enfim corpo, sendo o século XIV marcado pelas lutas empreendidas para arrancar o poder municipal ao patriciado."³³

Esse movimento contestador apresentado pelo autor sugere, portanto, que a organização corporativa dos artesãos não decorre como algo natural às atividades de artesanato, mas como uma resposta política-social à maneira não moralmente aceitável com que os mercadores tiravam proveito dos produtos dos artesãos.

Nesse contexto de lutas político-sociais, o corporativismo artesanal foi se estendendo e consolidando como uma forma predominante organização da produção nos séculos XIV-XV,

³¹ Idem. Ibidem., p. 76.

³² Idem. Ibidem., p. 76-77.

³³ Idem. Ibidem., p. 77-78.

em particular nas regiões mais tardiamente atingidas pelo desenvolvimento do grande artesanato têxtil.³⁴ As constantes ameaças ao seu sistema corporativo, ao invés de enfraquecerem suas estruturas, acabavam por estimular reações de proteção e novas formas de organizações corporativas entre os artesãos, possibilitando que os próprios artesãos enxergassem na arte de seu ofício e sua organização sob a forma de corporações uma oportunidade de defender melhor os interesses e valores que julgavam serem importantes, tanto no sentido material como no sentido moral e ou social.

Esses movimentos estimularam o surgimento de várias corporações de diversos ofícios (alfaiates, figurinistas, ferreiros, moageiros, fabricantes de plainas, armeiros, mecânicos, moldadores de ferro, torneiros, sapateiros, bombeiros, classificadores de lã, torneiros de madeira, pedreiros, tecelões, chapeleiros, cardadores de lã, construtores de carros ou carruagens, marceneiros, carpinteiros, seleiros, surradores de couro, fundidores de bronze, ourives, tanoeiros, tipógrafos, pintores, assentadores de tijolos, tintureiros de lã, serradores de madeira) e que apesar dessa diversidade de ofícios as corporações apresentavam estruturas semelhantes entre si.

1.1.1 – A organização nas corporações.

As oficinas dos artesãos, além de serem as unidades fundamentais de produção, eram também os “cofres” onde eram guardados com grande cuidado todos os segredos dos mestres artesãos. Para aprender um determinado ofício artesanal era necessário acima de tudo, ser aceito pelo mestre artesão. Em todos os lugares em que o movimento corporativo se

³⁴ Idem. Ibidem., p. 78.

estabeleceu, a organização de um determinado ofício se submetia à ordem da oficina. A reprodução artesanal do ofício era submetida a uma elite de zelosos mestres artesãos, defensores aguerridos de sua especialidade profissional.

A oficina reunia sob a autoridade do mestre artesão alguns trabalhadores que eram normalmente *aprendizes*, mas também poderiam ser os *companheiros*. A mestria de um determinado ofício se caracterizava pela responsabilidade dos conhecimentos profissionais, pela autonomia material e pela tendência à hereditariedade³⁵. Em princípio, a mestria de determinado ofício era acessível para qualquer pessoa com competência necessária ao cumprimento da aprendizagem, mas quando as corporações se organizaram de fato, a competência do candidato à condição de mestre era apreciada pelos jurados do ofício, que a partir do fim do século XIII, exigiam do candidato a prova da obra-prima, que poderia também ser mais rigorosa dependendo da demanda dos estabelecimentos.

Além dessa prova, aquele que aspirasse ao cargo de mestre deveria ter condições materiais que lhe permitissem tanto pagar os direitos de entrada, uma espécie de taxa senhorial, quanto para assegurar o funcionamento de uma oficina. Contudo, no final da Idade Média, o acesso à mestria tornou-se mais difícil, à medida que foi sendo criada uma regulamentação que facilitava a transmissão hereditária da função de mestre do ofício³⁶, excluindo dela os novatos e controlando dessa maneira também a quantidade de estabelecimentos novos.

O processo de aprendizagem dentro da oficina começava relativamente cedo, se comparado com épocas atuais. A decisão de aprender um ofício por juízo próprio ou por

³⁵ Idem. Ibidem., p. 79.

decreto de outrem (em grande parte por decisão dos pais ou parentes) geralmente acontecia quando o aprendiz tinha por volta dos 10 ou 12 anos de idade. A duração do processo de aprendizagem foi pouco a pouco regulamentada, mas não era a mesma em todos os ofícios. Determinados ofícios exigiam um período muito longo de aprendizado, como por exemplo, a ourivesaria. A aprendizagem era regulada através de um contrato. De acordo com o estudo realizado por Antonetti, esse contrato de aprendizagem era fixado por meio de uma ata notarial ou pública, na qual o mestre tomava o aprendiz para dentro de sua família, e juridicamente colocava o aprendiz sob seu poder paternal comprometendo-se a lhe ensinar o ofício. Mesmo como membro da família, o aprendiz era também um elemento importante da oficina, podendo ser inclusive cedido por seu mestre a um outro mestre, desde que esse fosse participante da mesma corporação.

Durante o processo de aprendizagem, mesmo sendo um elemento trabalhador da oficina, o jovem aprendiz não recebia salário. Na maior parte dos casos, o que acontecia era justamente o contrário: eram os parentes do aprendiz que pagavam freqüentemente ao mestre uma pequena renda pelos custos da aprendizagem.³⁷

Muitos desses aprendizes eram filhos de camponeses e agricultores que encontravam no artesanato uma maneira de superar a necessidade de comprar os produtos que eles próprios poderiam fazer. Considerando que em boa parte da Europa os invernos são tão rigorosos que impedem o cultivo e a prática das atividades agrícolas ao longo dos meses de inverno, as pessoas do mundo rural buscavam freqüentemente ocupar o tempo dessa estação em alguma atividade artesanal, pois grande parte das matérias-primas poderiam ser facilmente

³⁶ Idem. Ibidem., p. 79.

³⁷ Idem. Ibidem. p. 79-81.

encontradas em suas propriedades rurais, como por exemplo, a madeira e o couro. A princípio, esse artesanato rural poderia servir para abastecer as necessidades primordiais de materiais para a subsistência rural, mas em momentos de escassez também poderia ser útil para gerar algum suplemento na renda da família rural, através do *Verlagssystem*.³⁸

Salvo as hipóteses de ser filho legítimo de um mestre ou ter a sorte de conseguir casar com a filha de um mestre, as possibilidades de um aprendiz alcançar a incumbência de mestre artesão eram muito raras. Desse modo, a maioria dos aprendizes que quisessem seguir exclusivamente o seu ofício se tornavam *companheiros*. Os *companheiros* eram os trabalhadores que tinham acabado sua aprendizagem e não podendo tornar-se mestres, trabalhavam toda a sua vida na qualidade de assalariados na oficina de algum mestre. Quando ainda era possível, na esperança de tornarem-se mestres, cumpriam na casa de um mestre o estágio requerido para ascender à mestría.

Dentro da estrutura das corporações de ofício os *companheiros* eram membros de segunda categoria e, normalmente, não tinham acesso aos órgãos deliberativos de um ofício, nem participavam nas suas obras caritativas. Normalmente os *companheiros* alugavam o seu serviço a um mestre por um salário que era basicamente pago através de assistência social, como por exemplo, alojamento, vestimenta e alimento, pois os *companheiros* também vivam sob o mesmo teto do mestre.³⁹

³⁸ Tal sistema é organizado por um mercador, o *Verleger*, este não se importava com a maneira que o produto era fabricado, somente distribuía a matéria-prima e recolhia o produto, pagando assim pela mão-de-obra. A principal preocupação do *Verleger* era a venda. O *Verlagssystem* era mais difundido nas áreas rurais, fora do alcance das corporações de artesãos e se destinava mais a abastecer o comércio mercantil, sendo assim mais difundido no final da Idade Média. Para mais detalhes ver *O Verlagssystem* em BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismos: séculos XV-XVIII*. Vol. II - *Os Jogos das Trocas*. Trad: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 276- 280.

³⁹ ANTONETTI, Op. Cit. p. 80.

Para os companheiros, era estritamente proibido alugar-se a vários mestres simultaneamente ou então exercer o ofício por conta própria, também chamado trabalho negro. Entretanto, para os companheiros era permitido migrar em busca do trabalho, assim chamado por Eric Hobsbawm como “sistema ambulante”.⁴⁰ O funcionamento do sistema ambulante era bastante simples. “O homem que desejasse deixar a cidade para procurar trabalho em outra parte, recebia um ‘impresso’, ‘licença’ ou ‘documento’, identificando-o como membro regular de uma associação ou corporação”.⁴¹ Esse documento de identificação ele apresentava ao mestre da oficina onde fosse procurar alojamento. Em muitos casos a corporação dispunha de uma sede ou clube, onde o companheiro recebia alimentação, alojamento e uma licença de ambulante. Segundo Hobsbawm, se houvesse trabalho a fazer, ele o pegava, assinava o livro de visitas, que era naturalmente conservado na sede, e se não houvesse trabalho nenhum, ele seguia em frente, para a próxima localidade. Se por infelicidade do acaso algum companheiro não conseguisse trabalho permanente e suficiente para se transferir para uma nova filial da corporação, este devia no devido tempo voltar à sua cidade de origem, após ter terminado o circuito de todas as filiais.⁴²

A avaliação para o pagamento de ajuda a um companheiro ambulante que não achasse trabalho variava de acordo com determinados ofícios. A quantidade do pagamento poderia ser avaliada por dia ou por distância. No caso da distância, eram as matrizes as responsáveis em averiguar se o ambulante realmente foi de filial para filial, e se percorreu o caminho mais curto, muitas vezes para isso fornecendo cartões de itinerários. A ajuda para o fim de semana

⁴⁰ HOBBSAWM, Eric. *Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado*. Trad. Marina Leão Teixeira Virato de Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p 43.

⁴¹ Idem. *Ibidem.* p. 43.

⁴² Idem. *Ibidem.*, p. 43.

era geralmente mais alta do que para os dias úteis. Os pagamentos ficavam ou (nas fases iniciais do sistema) inteiramente nas mãos das filiais que, de tempo em tempo, compensavam suas despesas umas com as outras diretamente, ou através da matriz.⁴³

Com o passar do tempo, esse sistema foi sendo cada vez mais centralizado na matriz. Para evitar o abuso por parte dos ambulantes, começaram a utilizar um sistema de cheques. Esse sistema era bastante simples: ao sair de uma cidade o ambulante recebia um “talão de cheques” válido por determinados dias, sendo que eram descontados em cada filial pela qual passasse. Como bem analisou Hobsbawm, esse sistema de cheques ajudou a evitar a ruína do sistema, ou seu uso pelos ambulantes sem direito absolutamente a qualquer ajuda, ou por homens que haviam esgotado seu máximo anual de dinheiro como ambulantes. Por isso, o responsável pela sede local tinha que estar em condições de verificar a legitimidade dos pretendentes - porque até a falsificação dos bilhetes de ambulantes não era desconhecida, especialmente entre os tipógrafos, alguns dos quais viajavam com documentos emitidos por filiais inteiramente míticas até serem apreendidos por colegas vigilantes.⁴⁴

Entretanto, ainda existia uma bolsa não oficial de ajuda. Essa bolsa era abastecida por contribuições de colegas e seus ajudantes e servia de reserva para quando eventualmente um ambulante precisasse de uma ajuda maior, como por exemplo, em casos de enfermidades em suas viagens. Apesar do sistema de ambulantes ser susceptível de fraudes por parte de ambulantes falsos, entre muitas corporações ele ficou por muito tempo o único método de auxílio-desemprego, que em muitos ofícios se manteve até o século XX.⁴⁵

⁴³ Idem. Ibidem. p. 43-44.

⁴⁴ Idem. Ibidem. p. 44.

⁴⁵ Idem. Ibidem. p. 44.

Dentro de todo esse processo, existia uma categoria que mais delegava a si todas as responsabilidades do funcionamento da corporação: o *corpo de ofício*. Este corpo de ofício normalmente era regido por uma direção colegial de mestres, que poderiam levar nomes diversos de acordo com cada ofício, podendo ser jurados, síndicos, guardas, etc. Independentemente dos nomes que recebiam, eles eram eleitos por dois anos pelas assembléias dos mestres, pelas quais recebiam também a responsabilidade e a autoridade para manter a organização dentro da corporação, podendo inclusive estender sua autoridade para vários aspectos da vida dos mestres. Dentro da oficina, o corpo do ofício poderia controlar a obediência aos regulamentos através da observação dos procedimentos técnicos e modos de emprego da mão-de-obra, ou então poderiam também realizar visitas aos estabelecimentos dos mestres, inspecionando as oficinas investigando e podendo confiscar se por ventura encontrassem alguma "obra desleal" fabricada em contravensão aos regulamentos, podendo inclusive decretar e aplicar multas.⁴⁶

Além da designação dos jurados, a assembléia dos mestres tinha várias outras funções, como a fixação das rendas ou a redação dos estatutos. Mas também era nas assembléias que se decidia sobre o valor das cotizações de seus membros para alimentar a bolsa comum que lhes proporcionava a segurança de ajuda para emergências: como em caso de doenças e acidentes ou fundações hospitalares; casos de miséria ou abono de assistência; ou casos de falecimento e ajuda às viúvas e aos filhos menores.⁴⁷

Toda essa regulamentação por parte da corporação tinha como objetivo primordial promover o equilíbrio e a igualdade entre os estabelecimentos da corporação. Para atingir este

⁴⁶ ANTONETTI, Op. Cit. p. 81.

resultado, era preciso inicialmente que os mestres fossem todos colocados sob uma rigorosa igualdade dentro da própria profissão e em seguida que eles tivessem a exclusividade do mercado local. Portanto, todos os mestres deviam ter a possibilidade de se beneficiar das mesmas condições de abastecimento em matérias-primas, por exemplo: as compras deveriam ser somente em mercados sem monopólio, e ou divisão em lotes imposta àquele que tivesse comprado por um preço vantajoso, que então deveria compartilhar com os outros membros. Os mestres deveriam utilizar os mesmos procedimentos de fabricação, com as mesmas técnicas e as mesmas espécies de ferramentas; e também empregar a mão-de-obra nas mesmas condições, por exemplo: a duração do tempo do trabalho dos aprendizes e companheiros, a quantidade de empregados e seus respectivos salários; e enfim vender sem fazer a menor publicidade para atrair o freguês, pois isso seria desleal para com os outros mestres.⁴⁸

Diante das informações vistas acima, podemos observar que existe um leque de diferenças entre uma oficina de artesãos pertencente a uma corporação e uma firma industrial do tipo moderno, a qual em grande parte abdicou desse conjunto de regulamentações solidárias e paternalistas. Diferentemente da empresa moderna, o propósito de uma corporação não era antes e acima de tudo ganhar dinheiro. Antes, era o de preservar certo estilo ordenado de vida. Estilo esse que objetivava uma renda decente para os seus mestres, mas que certamente não tencionava permitir que nenhum deles se transformasse em um grande homem de negócios ou em um monopolista.

Dessa maneira, as corporações eram especialmente voltadas para prevenir qualquer contratempo que colocasse em risco sua estrutura e função, tal como uma luta aberta entre os

⁴⁷ Idem. Ibidem. p. 81-82.

⁴⁸ Idem. Ibidem. p. 82-83.

seus membros. O tempo de serviço, os salários, a marcha de adiantamento dos aprendizes e companheiros, todos esses processos eram estabelecidos por valores tradicionais, como o companheirismo, senso de hierarquia e solidariedade. Desse modo a concorrência era estritamente limitada, os lucros e as condições de venda eram mantidos em níveis fixados pelos costumes, por exemplo: se algum membro da corporação estocasse provisões, ou fizesse um negócio de compra por varejo e venda por atacado. O mesmo acontecia também com os progressos técnicos. Era considerado desleal que alguém se adiantasse dos demais membros da corporação e não compartilhasse alguma melhora técnica na produção. Mais do que isso, em todos os casos a corporação via a violação de alguma das regras como um ato merecedor de punição, de alguma forma de sanção (multas, suspensão temporária das atividades, apreensão dos produtos).⁴⁹

Embora a maior parte dos estatutos das corporações e regulamentos tratassem de assuntos típicos dos empreendimentos industriais modernos, como soldos, condições de trabalho e especificações da produção, envolviam também uma variada quantidade de aspectos sociais que não se referiam ao econômico, como por exemplo, as contribuições de caridade esperadas de cada membro nas suas atribuições cívicas, suas vestes apropriadas e mesmo seu procedimento moral cotidiano para com os demais companheiros de ofício. Portanto, as corporações eram reguladoras não só da produção, como também da conduta social em geral, e se eventualmente ocorresse uma rixa ou um desentendimento público entre os membros da

⁴⁹ HEILBRONER, Robert L. *A Formação da Sociedade Econômica*. Trad: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ª ed. 1974, p. 54

corporação, ambos seriam punidos com multas e afiançados para que não repetissem a ignomínia.⁵⁰

1.2 – O contexto industrial e as transformações sociais

De modo geral, os processos de transformação de matérias-primas em produtos elaborados foram divididos em três tipos. O *artesanato*, que é considerado o estágio inicial, conhecido há milhares de anos, e no qual ainda não há divisão do trabalho. Nesse caso o artesão realiza sozinho todas as etapas ou atividades necessárias para obter o produto final. A *manufatura*, que muitas vezes é considerado como período intermediário entre o artesanato e a indústria, prevaleceu em partes da Europa ocidental nos séculos XVI, XVII e XVIII, no qual já se destacam o uso de dispositivos especializados e uma simples divisão do trabalho. Mas o trabalho ainda depende essencialmente da habilidade das pessoas e não das máquinas. Diferentemente na *indústria moderna*, com a revolução industrial surge uma grande divisão do trabalho, com a conseqüente especialização do trabalhador em uma determinada atividade. Em vista disso, o trabalhador acaba perdendo a idéia de como fazer todo o produto.

Nesse momento a utilização de máquinas passa a ser tão importante para o desenvolvimento da empresa, que a habilidade humana torna-se apenas um complemento da máquina, resumindo-se apenas em saber fazê-la funcionar. O ritmo da indústria não depende mais da vontade dos trabalhadores, mas sim do ritmo das máquinas⁵¹

⁵⁰ Idem. Ibidem. p 53.

⁵¹ Esse processo de transformação dos meios de produção foi amplamente estudado por André Gorz, In: GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. Trad: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

Nesses diferentes tipos de produção podem ser observados os efeitos de uma transformação gradual não só nas forças produtivas, mas também ocorreu uma transformação significativa na reprodução simbólica da sociedade, na vida dos trabalhadores. Como bem colocou José Jobson de Andrade Arruda, "a emergência do sistema fabril revoluciona completamente as estruturas de produção que permaneciam na sua retaguarda: a manufatura se transforma constantemente em fábricas, o artesanato em manufatura e, finalmente, os resquícios do artesanato e do trabalho doméstico transformam-se, rapidamente, em antros de miséria onde campeia livremente a exploração capitalista".⁵²

A primeira grande mudança ocorrida com a revolução industrial foi o aumento de produção. Subseqüentemente a esse aumento de produção ocorre também um aumento populacional, o que é bastante razoável, pois seria difícil a população crescer aceleradamente antes da produção. Entrementes, não somente o ritmo do crescimento demográfico foi alterado, como também se transformou completamente a densidade demográfica, alterando principalmente a paisagem urbana, com fortes deslocamentos populacionais do campo para a cidade, refletindo-se também diretamente na paisagem rural.⁵³

Visto que as primeiras fábricas dependiam de energia hidráulica, nem sempre podiam se estabelecer dentro da cidade, e assim buscavam nas cercanias das cidades as condições necessárias para seu funcionamento. Mas a introdução da máquina a vapor altera completamente este quadro. Independente do fluxo natural das correntes da água, as máquinas poderiam concentrar-se nos centros urbanos mais populosos e, principalmente, nos pontos mais estratégicos do ponto de vista da circulação e dos transportes de matérias primas,

⁵² ARRUDA, José Jobson de Andrade. *A Revolução Industrial*. São Paulo: Ed. Ática, 1988, p. 67.

⁵³ Idem, *Ibidem*, p. 65

produtos e trabalhadores. No entanto, era o fenômeno de concentração fabril e de aglomeração da força de mão-de-obra nesses locais que surgia como uma das maiores mudanças sociais, trazendo em seu âmago uma série de problemas na sociedade. Como descrito por Alexis de Tocqueville em relação ao caso inglês:

Trinta ou quarenta manufaturas se elevam no alto das colinas que eu estou descrevendo. Seus seis estágios erguem-se no ar, seus imensos limites anunciam à distância a concentração da indústria... Mas como se poderia descrever o interior desses quarteirões colocados ao acaso, receptáculos do vício e da miséria, que envolvem e comprimem com suas medonhas voltas os grandes palácios da indústria? Sobre um terreno mais baixo que o nível do rio, dominado por todos os lados por enormes oficinas, se estende em terreno pantanoso, com valas lodosas, que não são secadas nem saneadas. Noutra parte, aparecem pequenas ruas tortuosas e estreitas, margeadas por casas de um único andar, onde há tábuas mal unidas e tijolos quebrados como a última morada que possa ter o homem entre a miséria e a morte. Entretanto, seres desafortunados que ocupam esses redutos excitam ainda a inveja entre alguns de seus semelhantes. Sob essas miseráveis moradias encontram-se uma fileira de porões, os quais conduzem a um corredor semi-subterrâneo. Em cada desses lugares úmidos e repelentes são amontoadas, confusamente, 12 ou 15 criaturas humanas... Levantai a cabeça, e a toda volta desse lugar vos vereis levantarem-se imensos palácios da indústria. Vós ouvireis o ruído dos fornos e os silvos do vapor. Estas vastas moradas impedem o ar e a luz de penetrar nas habitações humanas que elas dominam; aquelas lhes envolvem de um ruído contínuo... Uma espessa e negra fumaça cobre a cidade. O sol aparece através dela como um disco sem raios. É neste dia incompleto que se agitam sem cessar 300mil criaturas humanas.⁵⁴

Dentro dessas mudanças, entretanto, convém aprofundar mais a situação concreta vivida por estes artesãos jovens cujas condições de vida e trabalho estavam se agravando tão dramaticamente. Eram jovens solteiros que em seu respectivo ofício já haviam superado a etapa de “aprendiz” e agora – de acordo com o costume tradicional mantido desde a Idade Média – haviam saído de seus lugares de origem buscando aperfeiçoar-se em seu ofício em outros lugares. Caminhando durante vários anos de povoado em povoado, de cidade em cidade se colocando em serviço de distintos mestres durante um tempo indeterminado para ir

⁵⁴ TOCQUEVILLE, Alexis. *Oeuvres Completes*. Apud: Idem, *Ibidem*, p 66.

adquirindo mais experiência, conhecimento e destreza em seu ofício antes de tentar a possibilidade de se estabelecer eles mesmos como mestres artesãos com estabelecimento próprio em algum lugar⁵⁵. "O antigo artesão que combinava a atividade artesanal com a agricultura, produzia o sustento indispensável à sobrevivência, mas ao ser deslocado para o sistema fabril perde esta garantia básica fundamental e tem que trabalhar para atingir o mesmo limite de subsistência⁵⁶". A diferença marcante dos tempos anteriores, quando esses jovens sempre haviam sido acolhidos, praticamente como um membro a mais da família na casa do mestre, é que os artesãos que ainda não têm estabelecimento precisam se alojar em albergues baratos e acabam por passar seu tempo livre nas tabernas, distanciando-se do desenvolvimento moral e social adequado proposto pela Igreja⁵⁷. Devido a sua vida transeunte e as condições descritas, os trabalhadores jovens se estavam transformando em grupos socialmente marginalizados.

Dessa maneira e de acordo com a tendência geral dos novos tempos, é possível constatar-se uma progressiva despersonalização do mundo do trabalho também no âmbito dos artífices, e dito de outro modo, também os mestres de ofício estavam se adaptando cada vez mais ao novo enfoque liberal que se firmava unicamente na ganância e no lucro, sem considerar os contextos humanos e sociais. Os mestres artesãos não trabalhavam mais como antigamente, para consumidores individuais, mas para a fabricação em grande escala em estabelecimentos comerciais, sendo muitas vezes tão numeroso que cidades e zonas inteiras se

⁵⁵ *A Obra Kolping no Brasil*. Disponível em: <<http://www.kolping.com.br>>. Acessado em: Outubro 2004

⁵⁶ ARRUDA, Op. Cit., p. 71

⁵⁷ *A Obra Kolping no Brasil*. Disponível em: <<http://www.kolping.com.br>>. Acessado em: Outubro 2004.

dedicam a este ou aquele ramo do artesanato.⁵⁸ Como bem colocou Paul Mantoux, no livro “a Revolução Industrial no século XVIII”, a história dos conflitos entre capital e o trabalho é o que melhor faz compreender a evolução econômica no advento da grande indústria. Esses conflitos não esperaram o maquinismo e as fábricas, nem mesmo as manufaturas, para se produzirem freqüentemente e com violência. Assim que os meios de produção deixaram de pertencer ao trabalhador, assim que se constituiu uma classe de homens que vende trabalho e uma classe de homens que o compra, manifesta-se o antagonismo inevitável. O fato essencial, no qual nunca insistiremos demasiado, é o divórcio entre o trabalhador e os meios de produção, ou seja, o divórcio entre o trabalho e o conhecimento. Posteriormente, a concentração da mão-de-obra nas fábricas e o crescimento das grandes aglomerações industriais trouxeram a esse fato de primeira ordem as conseqüências sociais e todo o seu valor histórico.⁵⁹

Como descreve Marx,

a contradição entre a divisão manufatureira do trabalho e a natureza da indústria moderna se impõem de maneira poderosa. Ela se patenteia, por exemplo, no terrível fato de grande parte dos meninos empregados nas fábricas e manufaturas modernas, condenados desde a mais tenra idade a repetir sempre as operações mais simples, serem explorados anos seguidos, sem aprender qualquer trabalho que os torne úteis mais tarde, mesmo que fosse na mesma fábrica. Antigamente nas tipografias inglesas, por exemplo, os aprendizes, de acordo com o velho sistema da manufatura do artesanato, começavam pelas tarefas mais fáceis, evoluindo gradativamente para as mais complexas. Percorriam as etapas de uma aprendizagem, até se tornarem tipógrafos completos. Saber ler e escrever era para todos uma exigência do ofício. Tudo isso mudou com a máquina de imprimir. Esta precisa de duas espécies de trabalhadores, um adulto, o supervisor da máquina, e meninos, na maioria entre 11 e 17 anos, cuja atividade consiste exclusivamente em colocar uma folha de papel na máquina e retirá-la depois de impressa[...] quando se tornam demasiadamente velhos para esse trabalho infantil, o mais tardar aos 17 anos, são despedidos da tipografia. Vão então aumentar as fileiras do crime. Algumas tentativas para

⁵⁸ MARX Karl *O Capital: Crítica da Economia Política. Livro Primeiro: o Processo de Reprodução do Capital*. Vol. I. Trad: Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Difusão Editora, 6ª ed., 1980, p. 539-540.

⁵⁹ MANTOUX, Paul. *A Revolução Industrial no século XVIII*. São Paulo: Editora UNESP, HUCITEC. p. 53.

arranjar-lhes ocupação noutra atividades fracassam diante da sua ignorância, brutalização e degradação física e espiritual"⁶⁰

Esse contexto descrito pode parecer para muitos historiadores como tendencioso e direcionado para uma determinada posição de vitimização de uma respectiva categoria de trabalhadores, sobretudo para aqueles adeptos à teoria da *escola otimista* da revolução industrial. Atualmente existe uma grande aceitação da teoria que defende o argumento de que no contexto da revolução industrial houve uma significativa melhora no padrão de vida da população em geral, argumento que vai em contraponto com a teoria clássica de Marx e Malthus. Como bem analisa Hobsbawm, a respeito do debate sobre o padrão de vida no começo do industrialismo, "a teoria moderna sobre a melhora no padrão de vida como consequência do aumento de produção é baseada em evidências insuficientes", e apesar das evidências, como os relatos de observadores da teoria clássica serem tendenciosos e não representativos, não implica que sejam indignos de confiança.⁶¹

A observação inicial de Hobsbawm é que não existe nenhum motivo *a priori* para que o padrão de vida devesse subir marcadamente no começo do industrialismo. Provavelmente o crescimento da população foi devido não a um aumento do consumo per capita por ano, mas a uma regularidade maior da oferta, que possivelmente foi responsável pela diminuição da mortalidade, ou seja, a extinção das carências e fomes periódicas que flagelavam as economias pré-industriais e dizimavam suas populações. Em todo caso, não é justo afirmar que o aumento da produção, que excedeu o aumento da população, pudesse levar a uma melhora nos padrões de vida materiais. Evidentemente que não é possível negar que a longo prazo as condições

⁶⁰ MARX, Op. Cit. p. 555-556.

⁶¹ HOBSBAWM. Op. Cit. p. 72.

materiais de alguns trabalhadores possam ter melhorado, mas não há qualquer justificativa para que essa melhora se aplique a todos os casos. De modo que no início do industrialismo ainda não havia nenhum mecanismo eficaz para tornar a distribuição da renda nacional mais eqüitativa e havia vários para torná-la menos, e que a industrialização sob as condições então prevalentes exigia quase certamente uma divisão mais embaraçosa dos recursos do consumo do que teoricamente necessário, porque o mecanismo dos investimentos era ineficiente, ou seja, uma grande porção das economias acumuladas não foram diretamente investidas absolutamente na industrialização, lançando assim uma carga muito maior de economias sobre o resto da comunidade⁶².

A crítica principal de Hobsbawm incide sobre o argumento da teoria otimista moderna fundamentado no cálculo do aumento dos salários reais, isto é, que a remuneração dos trabalhadores industriais normalmente seria melhor e mais alta do que a remuneração dos trabalhadores artesãos ou rurais. Entretanto, é difícil supor que nos países com uma população rapidamente crescente e uma grande reserva de mão-de-obra rural imigrante, a carência como tal tenha probabilidade de impelir para cima os salários reais para um grupo limitado de trabalhadores. Além do mais, devemos tomar cuidado ao interpretar as diferenças qualitativas entre as vidas urbanas e rurais, industriais e pré-industriais como automaticamente sendo diferenças entre “melhor” e “pior”, ou seja, as pessoas nas cidades não estão necessariamente em melhores condições do que as pessoas do campo.⁶³

Apesar dos eventos vistos acima, esse contexto foi a época em que o Liberalismo se converteu em uma ideologia preponderante na burguesia urbana. Surgido em um século

⁶² Idem. Ibidem. p. 73.

⁶³ Idem. Ibidem. p.74.

posterior na época da ilustração, este Liberalismo, tem assinado o valor absoluto do indivíduo, e acredita em um progresso sem limites propondo a competição livre entre os distintos atores sociais e fatores econômicos. O liberalismo possivelmente foi também o fator ideológico que impulsionou essas mudanças sócio-políticas tão profundas que estamos comentando. O programa liberal consistia em uma série de reformas e mudanças que ocorreram gradualmente em direção ao estabelecimento do *Rechtsstaat* [Estado de Direito], ou seja, uma estrutura legal que garantia liberdades civis iguais para todos, objetivando estabelecer a igualdade diante a lei, removendo as restrições sobre a liberdade de movimento e colocando de lado as barreiras de classe e religião.⁶⁴ Este não é o momento para explicar a abrangência desse enfoque ideológico em mais detalhes, mas somente é importante assinalar que além das características já mencionadas, o liberalismo de então carregava uma forte carga anti-religiosa, sendo assim, a influência dos valores cristãos na sociedade estavam passando por um debilitamento. Desse modo, o liberalismo se havia convertido em uma nova crença e como tal havia entrado em competição com o catolicismo, que até então na Europa não havia tido que competir com outra ideologia de semelhante força e difusão. Perante esse fenômeno, a Igreja Católica na Alemanha e em outros países europeus se encontrou em uma situação bastante difícil, posto que a crescente secularização ligou mais um novo fator adverso a vários outros fatores desfavoráveis, como foram, por exemplo, a perda violenta de todos seus bens materiais, sofrida no princípio do século XIX como consequência da Revolução Francesa e as novas estruturas de poder motivadas por ela em quase toda a Europa, e a nova situação de competição ideológica.

⁶⁴ BELLAMY, Richard. *Liberalismo e Sociedade Moderna*. São Paulo: UNESP, 1994. p. 287-288.

Como conseqüência da Revolução Francesa, o mapa político da Europa havia mudado drasticamente. Os Estados já não eram capazes de acalmar o clamor popular que em sua oportunidade havia feito eclodir a revolução na França e que agora exigia mais liberdade e mais igualdade em todos os lugares. Dentro de todo esse processo de reestruturação teve especial importância a introdução paulatina da liberdade de imprensa, que propiciava uma maior liberdade de expressão política, e o reconhecimento progressivo do direito da livre associação⁶⁵, que dava passagem – especialmente na Alemanha – ao surgimento de toda uma nova infraestrutura formada por inumeráveis associações. Estas organizações de base se convertiam em um fator social de primeira importância, visto que apareceram entre as classes desprivilegiadas economicamente. Surgiram, naquele tempo, assim como as *Gesellenvereine* que Kolping fundou, muitos outros tipos de organizações, cujo objetivo fundamental consistia em zelar pelos interesses do povo. "Sendo estas por tradição (as associações de companheiros); ou por necessidade, cada vez que suas míseras condições de vida se agravam de modo insuportável"⁶⁶.

Um dos fenômenos principais que pode ser observado no tempo de Kolping foi a progressiva dissolução ou perda dos vínculos tradicionais e ideológicos. A sociedade se foi abrindo, permitindo um desenvolvimento pessoal do indivíduo e uma organização de sua própria vida, que já não dependia na mesma medida que antes, de suas origens familiares e sociais. Como bem apresentado por Hobsbawm, os tradicionais sistemas das corporações de mestres, artífices e aprendizes ainda se constituíam um obstáculo para o empreendimento capitalista, para a mobilidade da mão-de-obra qualificada e mesmo para qualquer mudança

⁶⁵ Especificamente nos diversos Estados alemães, as liberdades de imprensa e de livre associação foram introduzidas com a revolução de 1848.

econômica, a obrigação de que um artesão pertencesse a uma corporação, por exemplo, foi abolida na Prússia em 1811, embora não o fossem as próprias corporações cujos membros eram fortalecidos politicamente pela legislação municipal do período. A produção das corporações permaneceu quase intacta até as décadas de 1830 e 1840, e em outros países, a introdução plena da *Gewerbefreiheit* (liberdade de ofício ou livre exercício profissional) tivesse que esperar até a década de 1850.⁶⁷

Surgiram novas possibilidades e necessidades que facultaram ou obrigaram os indivíduos, com mais frequência que em tempos anteriores, a mudar de domicílio ou de lugar de trabalho. Dessa maneira, o indivíduo foi se libertando também em relação às múltiplas formas tradicionais de controle social, ao mesmo tempo, que essa liberdade estava expondo o trabalhador a um novo tipo de insegurança. A ordem social rígida dos tempos anteriores – apesar de apresentar grandes desvantagens – havia sido capaz de proporcionar certa segurança integral para a maior parte das pessoas; depois disso, ao haver perdido essa vinculação, os indivíduos se viam abandonados à sua própria sorte diante dos problemas e amenidades da sociedade capitalista, posto que então ainda não existiam os sistemas modernos de seguridade social.

Dentro desse processo, deve-se observar que não foram somente as mudanças em si que marcaram esse contexto, mas também, e com um impacto bem mais forte, a consciência de que a visão de mundo estava mudando. As estruturas políticas e sociais deixaram de ser consideradas como pré-estabelecidas por um destino, e se descobriu e se assumiu que elas

⁶⁶ BRAUDEL, Op. Cit. p. 268.

⁴⁵ HOBBSAWM, Eric. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 245.

estavam legitimamente e ilimitadamente submetidas a ser transformadas e reformadas pelo ser humano.

Depois de 1830 (ou por essa época) a situação mudou rápida e drasticamente, a ponto de os problemas sociais característicos do industrialismo, a saber, o novo proletariado, os horrores da incontrolável urbanização, se transformar no lugar comum de sérias discussões na Europa Ocidental e no pesadelo dos políticos e administradores⁶⁸. A revolução industrial suscitou um problema que a mais eficaz assistência não poderia resolver: o aperfeiçoamento do equipamento e do desenvolvimento da divisão do trabalho tornava cada vez mais inútil uma longa educação profissional⁶⁹. O novo proletariado fabril encontrava-se sob o rígido controle e a disciplina imposta pelo patrão ou supervisor contra quem não tinha qualquer recurso de proteção pública. Eles tinham que trabalhar por horas ou turnos, aceitar os castigos e multas com as quais os patrões impunham suas ordens ou aumentavam seus lucros. Para o jovem artesão a vida poderia parecer dependente e depauperada. Sob uma forte tradição paternalista, o despotismo do patrão era contrabalançado pela segurança, instrução e serviços de bem-estar social que por vezes o patrão fornecia. Mas para o homem livre, entrar em uma fábrica na qualidade de uma simples “mão” era entrar em algo um pouco melhor que a escravidão, e todos, exceto os mais famintos, tratavam de evitá-lo, e quando não tinham mais alternativas, tendiam a resistir contra a disciplina cruel de uma maneira muito mais consistente do que as mulheres e as crianças, a quem os proprietários de fábricas davam por isso preferência.⁷⁰

⁶⁸ Idem Ibidem., p. 241.

⁶⁹ MANTOUX, p. 469.

⁷⁰ HOBSBAWM, Op.Cit. p. 290.

Como bem descreve Hobsbawm, qualquer que fosse a situação dos trabalhadores industriais, não existia nenhuma dúvida de que todos aqueles que pensavam sobre a sua situação tomavam consciência de que o trabalhador era explorado pelo rico, que cada vez mais enriquecia, ao passo que os pobres cada vez mais empobreciam. Mas existiam muito mais trabalhadores que, diante da catástrofe social, não conseguiam entender, empobrecidos, explorados, jogados em cortiços onde se misturavam o frio e a imundície, ou nos extensos complexos de aldeias industriais de pequena escala, mergulhavam na total desmoralização. Destituídos das tradicionais instituições e padrões de comportamento, como poderiam muitos deles deixar de cair no abismo dos recursos de sobrevivência, em que as famílias penhoravam a cada semana seus cobertores até o dia do pagamento.⁷¹

Enfim, se a revolução industrial se resumisse à alguns aperfeiçoamentos técnicos, se suas conseqüências não se estendessem para além do equipamento e das mercadorias, ela seria, afinal, um fato de importância medíocre e ocuparia apenas um pequeno espaço na história geral. Mas, por meio das coisas, expressões concretas das necessidades, dos desígnios e da atividade do homem, ela agiu sobre o homem. Imprimiu sua marca à sociedade moderna, inicialmente na Inglaterra, depois, espalhando-se por outros países. Quer consideremos a sociedade exteriormente e em seu conjunto, como uma população que aumenta e se distribui de acordo com certas leis; quer estudemos sua estrutura interna, a formação, as funções, as relações entre as classes que a compõem, sempre encontramos o traço desse grande movimento que transformou as condições de vida de toda a coletividade.⁷²

⁷¹ Idem Ibidem.

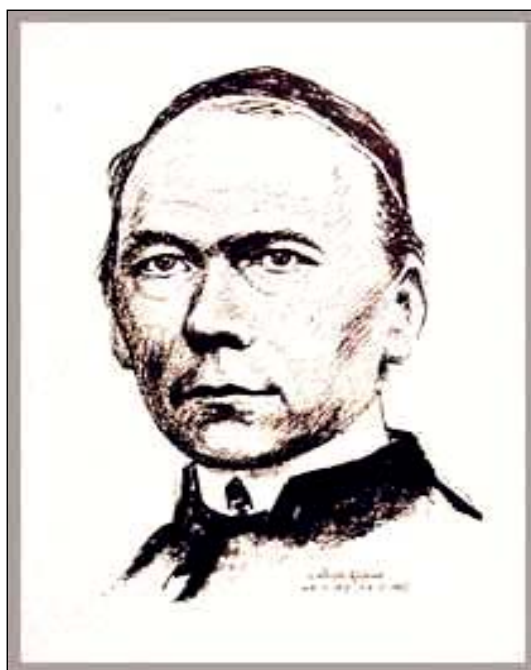
⁷² MANTOUX, Op. Cit. p. 343.

Como melhorar a condição da multidão de trabalhadores cuja participação na riqueza criada por seu trabalho era tão pequena? As associações católicas surgem em um momento de intensa mudança política e social na Europa. Nos distintos Estados Europeus surgem então regimes sociais inspirados no princípio da democracia, que atribui novas funções à sociedade civil. Sem muitas dificuldades, este desenvolvimento não modifica somente a relação do indivíduo frente o Estado, dado que os súditos se convertem em cidadãos com direitos próprios, mas também modifica a relação entre a Igreja Católica e o Estado.⁷³ A partir da separação entre o poder estatal e o poder eclesiástico, a Igreja se confronta com o fato de o Estado poder atuar em paralelo com os seus interesses e valores. Sendo assim, a Igreja sentiu a necessidade de estar presente de um modo distinto e naqueles campos de vida que haviam adquirido uma relativa independência do Estado, como o âmbito do trabalho, da economia, e da cultura. Deste modo, a questão social, o associativismo católico aparece como uma resposta a esse processo histórico.

⁷³ TINTELOTT, Hubert. *Las Asociaciones Católicas como parte de la Sociedad Civil y de la Iglesia*. Disponível em: < www.kolpinglinks.net/2333_sg_sociedadcivil.doc >. Acessado em: Outubro 2004.

Capítulo II – Adolf Kolping e as *Gesellenvereine*

Quando ouvimos falar de catolicismo social, um dos nomes com que nos deparamos é o de Adolf Kolping e suas *Gesellenvereine*, famosos pela atuação em sua época, e que ainda hoje são reconhecidos pelo seu apoio aos trabalhadores. Para compreender o sentido da obra Kolping e o modo como as comunidades se encontram presentes na sociedade atual, é imprescindível que conheçamos a vida do personagem que influenciou diretamente no modo que elas se estruturaram e fundamentaram.



Adolf Kolping

Quem foi Adolf Kolping e por que este personagem teve tanta importância na forma e na consolidação das *Gesellenvereine*, são questões que propomos para este capítulo. Como veremos em seguida, Adolf Kolping teve uma significativa importância na concretização das *Gesellenvereine*, pois através de sua participação e empenho pôde acompanhar de perto suas associações. Além disso, por servir como um exemplo, um ideal a ser seguido pelos membros

das associações, as experiências vividas por Adolf Kolping já foram e continuam sendo tema para vários estudos e publicações⁷⁴. Contudo, grande parte dessas publicações normalmente é realizada pelos próprios membros e dirigentes das comunidades. É bastante comum encontrarmos esse tipo de publicações em eventos e datas comemorativas, e por ter essa propriedade podemos evidenciar nelas um forte traço glorificante, pois a figura humana de Adolf Kolping plasmou um ideal dentro dessas instituições.

O nosso objetivo nesse capítulo não é o de conhecer a forma integral das experiências vividas por Adolf Kolping. O que propomos fazer é compreender o sentido da ação social através da análise de alguns aspectos da vida e atividades desse ator ideal, que são importantes na compreensão da sua atuação e influência no surgimento das *Gesellenvereine*. Assim sendo, vamos analisar o desenvolvimento do empreendimento de Adolf Kolping, suas preocupações com os artesãos companheiros e as estratégias adotadas para contornar os problemas dessa classe de trabalhadores e da sociedade em geral que passava por intensas mudanças com a tardia revolução industrial na Alemanha.

⁷⁴ A título de ilustração, destacamos os seguintes: GÖBELS, Hubert. *Adolph Kolping gestern – heute – morgen: Kurzgefsste Lebensgeschichte dês Schustergesellen, Priesters, Gesellenvaters und Volkserziehers Adolph Kolping und Kerpen bei Köln*. Köln, 1977; HANKE, Michael. *Sozialer Wandel durch Veränderung des Menschen: Leben, Wirken und Werk des Sozialreformers Adolph Kolping*. Mülheim, 1974; REMPE, Theo. *Kolpings Grundsätze zur Pädagogik und Organisation seines Werkes*. Köln, 1975; STEINKE, Paul. *Leitbild für die Kirche: Adolph Kolping: Sendung und Zeugnis seines Werke heute*. Paderborn, 1992; HÜNERMANN, Wilhelm. *Der Gesellenvater: Die Erzählung des Lebens von Adolf Kolping*. Breisgau: Herder Freiburg, 1949. Sobre os trabalhos em torno das *Gesellenvereine* Católicas, cabe ainda mencionar o texto importante de Sarah C. Neitzel, “Priests and Journeymen : The German Catholic Gesellenverein and the Christian Social Movement in the Nineteenth Century”, *Schriften zur Rheinischen Geschichte Heft*, Bonn, n.7, 1987.

Alguns dados biográficos de Adolf Kolping

Adolf Kolping foi um personagem conseqüente de sua época. Nasceu em 8 de dezembro de 1813 em Kerpen, próximo de Colônia, como o quarto filho de uma família de camponeses, Peter Kolping e sua mulher Anna Maria, que trabalhavam como empregados em uma propriedade que criava ovelhas. Seu pai também era auxiliar religioso e pregava a religião católica. Apesar de ajudar desde cedo nos afazeres doméstico e das pobres condições financeiras de sua família pode participar e terminar os estudos primários sem nenhum contratempo em seu povoado. Entretanto, seus pais não tinham condições de enviá-lo para o ensino superior, e dessa maneira, aos treze anos de idade chegava o momento de aprender um ofício. "Como os custos de aprendizado eram mínimos, as famílias que não podiam sustentar o aprendizado de seus filhos em ofícios mais prósperos e mais exclusivos (e mais caros) podiam dar um jeito de arrumar a quantia necessária para que ele aprendesse o ofício de Sapateiro"⁷⁵. Dessa maneira, Kolping teve que aprender o ofício de sapateiro, no qual atuou como aprendiz durante os anos de 1826 até 1829 em Kerpen, e nos arredores dessa mesma cidade trabalhou como companheiro durante os anos de 1829 até 1832, ano em que falece sua mãe. Devido à morte de sua mãe, e depois de ter adquirido certa experiência como aprendiz, chegava o momento de ir para uma cidade buscar um estabelecimento para trabalhar e obter o aperfeiçoamento no ofício. Naquele contexto, a cidade grande atraía esses artesãos em fase de

⁷⁵ Na pesquisa realizada por Hobsbawm é possível realizar uma relação do ofício de sapateiro com a pobreza, que pode ser observada inclusive nos provérbios populares da época, como por exemplo: "Todos os sapateiros andam descalços" e "o sapateiro sempre usa sapatos estragados", ou mesmo uma mistura de sobras de comida era conhecida na região de Hamburgo, como "torta de sapateiro". HOBBSAWM, Eric J.; SCOTT, Joan W. *Sapateiros Politizados*. IN: HOBBSAWM Eric J. *Mundos do Trabalho: Novos Estudos Sobre História Operária*. Trad: Waldea Barcellos e Sandra Bedran. São Paulo: Paz e Terra, 4ª ed., 2005.p. 164.

aperfeiçoamento, pois representava um grande potencial de oferta de emprego e de emancipação social:

Meus conhecimentos pareciam ser insuficientes, meus trabalhos profissionais não pareciam corresponder às concepções originais que eu tinha dos mesmos, e da vida de aldeia eu me havia tornado farto, pois achava que ela limitava minha vida em todos os seus sentidos; por isso, decidi conhecer as cidades da vizinhança, a fim de poder encontrar trabalhos mais perfeitos e pessoas mais estudadas nas oficinas maiores, o que me possibilitaria manter uma certa proximidade com a esfera dos estudos.

[...]

Eu havia saído em busca de pessoas cultas: O que encontrei não foram senão mentalidades vazias, na grande maioria já corrompidas em seu interior, que nem mais se envergonhavam de suas maiores degradações morais...⁷⁶

Durante esse período, trabalhou em vários estabelecimentos submetendo-se como principiante para vários mestres.

...e assim, durante oito anos, eu peregrinei de uma cidade à outra, trabalhei em diversas oficinas, conheci muitas pessoas, observei a vida em seus lados bons e maus, e no fim, após ter conseguido reunir conhecimentos específicos sobre todos os campos, acabei me encontrando numa situação, na qual eu só reconhecia com maior clareza ainda, o quanto havia me tornado infeliz.[...] Eu consegui ingressar na oficina mais importante de Colônia, um lugar onde inúmeras pessoas tentaram o seu ingresso inutilmente. E, não obstante, ainda hoje estremece o meu interior, quando relembro os dias horríveis passados ali em meio ao desleixo e degradação dos oficiais artesãos alemães. [...] Todo aquele que nunca viu, ouviu e nem entrou em contato com tal tipo de gente, pode considerar-se um felizardo!⁷⁷

Contudo, as cidades industriais não apresentavam boas condições de sobrevivência, elas cresciam

feias e negras, envoltas numa atmosfera fumarenta, estendendo por todos os lados seus subúrbios mal construídos, como tentáculos disformes, mas transbordantes de atividade, ricas, cada dia mais ricas, já relacionadas com toda a Europa, sobre a qual derramavam o excedente de sua produção sempre crescente. Nessas cidades de novo tipo se desenvolveu uma vida urbana que ainda era desconhecida: homens novos, classes novas, quase que um novo povo se formava no espaço de uma ou duas gerações. Era a massa enorme e confusa de trabalhadores, que ocupava o formigueiro

⁷⁶ Adolf Kolping redigiu sua biografia em 1841, em um *Lebenslauf* (espécie de Curriculum Vitae) que fazia parte do requerimento com pedido de admissão para a Faculdade. KOLPING, Adolf. *Selbstbiographie [Autobiografia]*. IN: Rheinische Volksblätter für Haus und Familie, ano 26, n. 8, Köln: 22.2.1879. Apud: PLUM, Werner. *Aspectos Sociais e Culturais da Industrialização / Relatos de operários sobre os primórdios do mundo moderno do trabalho*. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung. 1979, p. 111-112.

⁷⁷ Idem. *Ibidem.*, p. 111-112.

industrial com seu movimento disciplinado; acima dela dirigindo para seu lucro todo o mecanismo da grande indústria, a aristocracia manufatureira, a classe poderosa dos capitalistas, fundadores e proprietários das fábricas ⁷⁸.

Nesse cenário, as péssimas condições de vida e o ambiente degradante que apresentava o ofício motivaram Kolping a se inscrever em um colégio em Colônia, para continuar sua formação escolar e conseqüentemente abandonar o trabalho de sapateiro. Em meados de 1841, por meio da ajuda de alguns benfeitores e incentivadores de sua terra natal ⁷⁹, começou na Universidade de München a Faculdade de Teologia e com o quais prosseguiu em seguida na Universidade de Bonn, e finalizou no Seminário em Colônia. Depois de terminar a faculdade, Kolping recebeu em 1845 a ordenação sacerdotal na Igreja dos Minoritas (Frades Menores de S. Francisco). Começou seu trabalho como capelão na paróquia de St. Laurentius, em Elberfeld, uma cidade industrial com aproximadamente 9000 habitantes. Nessa cidade trabalhou primeiramente como professor de religião, e com o apoio do professor "Johann Gegor Breuer" organizaram uma associação de leitura, que mudou para uma associação cristã, e que em 1846 se tornou a *Katholischen Jünglingsvereins Elberfeld* [Associação Católica de Jovens de Elberfeld], e mais tarde foi renomeada para *Junggesellenverein* [Associação de Jovens Companheiros] ⁸⁰.

De 1849 até 1861, Kolping atuou na cidade de Colônia, período em que pode trabalhar prioritariamente a idéia das associações para jovens trabalhadores, visto que nessa região da Alemanha as transformações da revolução industrial se apresentavam com mais força. Em

⁷⁸ MANTOUX, Paul. *A Revolução Industrial no século XVIII*. São Paulo: Editora UNESP, HUCITEC. p 368.

⁷⁹ Refere-se à família ao qual o pai de Adolf Kolping trabalhava como pastor de ovelhas. Uma espécie de retribuição, pois Kolping cuidara, a pedido da família, de um jovem estudante alcoólatra em Colônia. SCHMITZ, Arsênio José. *Obra Kolping Estadual de Santa Catarina, Subsídios para Reflexão e Orientação*. Rio do Sul: Impressora Continental Ltda. 2000.p. 19.

1849 foi redator e editor do *Katholischen Volkskalender* [Almanaque Católico Popular], e em 1850-1854 redator das *Rheinischen Kirchenblottes* [Periódico da Igreja Renana] que traziam como suplementos as *Vereinsorgan* [Órgão da Associação] e as *Feierstunden* [Horas de Descanso] que basicamente eram textos sobre as *Gesellenvereine*.

Em 1854 Kolping foi redator e editor das *Rheinischen Volksblätter für Haus, Familie und Handwerk* [Periódico Popular Renano para Casa, Família e Ofício], dentro do qual mantinha a coluna *Politisches Tagebuch* [Diário Político].

Em 1862 foi designado como Reitor da Igreja Menorita de Colônia, e ainda no mesmo ano fora também qualificado como "agente pontífice" [Päpstlichen Geheimkämmerer]. No ano de 1863 publica as *Mittheilungen für die Vorsteher der Katholischen Gesellenvereine* [Comunicações para a Diretoria das Associações Católicas]. Adolf Kolping morre 1865 devido a pesadas enfermidades, e em 27 de outubro de 1991 foi beatificado pelo Papa João Paulo II.

Adolf Kolping e a constituição das *Gesellenvereine*

Sabemos que o advento do Capitalismo e do Liberalismo provocou profundas mudanças na ordenação das sociedades. No âmbito econômico, a revolução industrial criou um novo significado aos modos de produção. Os melhores exemplos: a produção em grande escala com a utilização de máquinas provocou a falência dos produtores artesanais; ou a intensa preocupação apresentada em torno do lucro, que era visto como objetivo principal de uma empresa. Essas mudanças trouxeram pesadas conseqüências que não se resumem apenas

⁸⁰ Idem Ibidem., p. 19.

nos aspectos técnicos no campo social econômico ou político, mas como também um problema que apresenta dimensões éticas. Conseqüências como o direito à propriedade individual que passa a ser um valor absoluto para a existência das pessoas e, o individualismo que opera como elemento desagregador das relações culturais de uma sociedade.

Nesse processo de industrialização, as grandes empresas empregavam verdadeiros exércitos de operários, como pode ser observado nas citações abaixo, se referindo ao caso da condição dos operários na Inglaterra que não era muito diferente dos da Alemanha⁸¹:

A pequena indústria deu lugar à classe média, a grande indústria à classe operária, e colocou no trono alguns raros eleitos da classe média, mas unicamente para um dia os abater com mais segurança. Entretanto, é um fato inegável e facilmente explicável que a numerosa pequena burguesia dos “velhos tempos” foi destruída e decomposta em ricos capitalistas por um lado e pobres operários por outro. Mas a tendência centralizadora da indústria não fica por aí. A população fica tão centralizada como o capital; nada mais natural porque, na indústria, o homem, o trabalhador, não é considerado senão como uma fração do capital à qual o industrial entrega um juro – que se chama salário – como compensação ao que o trabalhador lhe proporciona. O grande estabelecimento industrial exige numerosos operários trabalhando juntos num mesmo edifício; eles têm de habitar juntos; para uma fábrica média constituem já uma vila.⁸²

De maneira análoga à dos agentes da ideologia comunista, que lançaram as bases de uma fundamentação teórica para os movimentos operários. Foi este contexto, precisamente, dentro do qual Kolping tentou dar respostas concretas aos desafios que marcava sua época,

Vocês sabem que há algum anos eu fiz uma viagem aos Países Baixos. Ali eu também tive a oportunidade de ver e ouvir muito sobre as fábricas, do que vos posso dar algumas informações.[...] para a produção de suas mercadorias, estas pessoas [donos de fábricas] necessitam de muitos operários, pequenos e grandes, seguidamente crianças de 8 até 10 anos, mulheres e moças, sempre de acordo com a natureza do trabalho. [...] é claro que com isto também a disciplina e a moral da família acabam se debilitando, quando não desaparecem de vez. Vocês também irão entender que as pessoas que, de ano para ano realizam sempre o mesmo trabalho, em pouco tempo acabam tornando-se incapazes para qualquer outro tipo de atividade, além disso, como

⁸¹ Notadamente a Inglaterra foi muito estudada pelos pensadores preocupados com os problemas sociais, pois como fora a pioneira no processo industrial assim também foi pioneira com os problemas sociais decorrentes dessa industrialização.

⁸² ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1986.p. 32.

o trabalho de fábrica geralmente não requer a aplicação de muita força física, esta vai diminuindo gradativamente, acarretando uma debilitação corporal nas pessoas. A isto, somam-se ainda o fato de os trabalhadores se encontrarem trancados diariamente, desde cedo na manhã até tarde da noite, dentro de recintos mofentos e sujos, o que certamente é bem menos benéfico para a saúde do que, por exemplo, o trabalho no campo.[...] quando o trabalho numa fábrica se encontra parado, as mãos dos trabalhadores descansam, suas bocas e seus estômagos, porém, não descansam; pelo contrário, clamam por pão, e o que acontece é que pessoas que nada tem a ver com o caso, acabam pagando o pato. É esse o fato que ocorre quando as mercadorias não tem saída, um fato que não deixa de ser freqüente.⁸³

Além dos aspectos morais, como os abalos à estrutura familiar e as insalubres condições de trabalho, os elementos do comércio com suas complicadas relações entre a produção e a demanda e suas conseqüências para os trabalhadores, também eram pontos discutidos por Kolping, porém em uma linguagem muito mais simples:

Vocês devem pensar que somente esse um dono de fábrica produz esta ou aquela mercadoria. Tão logo uma mercadoria se prova como rendosa, aparecem também outras pessoas possuidoras de dinheiro e ávidas por mais dinheiro ainda, pois a cobiça é, como vício, uma das doenças mais difundidas entre os homens. Desta forma são construídas então fábricas em outros lugares, as quais produzem a mesma mercadoria, com o cuidado, não tanto para melhorar a sua qualidade, e sim, muito mais, para conseguir baratear o seu preço, a fim de facilitar a sua venda. O que pode fazer o fabricante diante de tal situação? Ele é obrigado a baixar o preço de suas mercadorias, a fim de poder competir com os outros na venda. Como, porém, o homem prefere sempre prejudicar antes o seu próximo do que a si próprio, ele acabará baixando, antes de mais nada, o ordenado dos trabalhadores. Estes, mesmo que maldigam e protestem com veemência nada conseguem e acabam sujeitando-se. Pois em caso contrário, o dono da fábrica seria obrigado a paralisar o trabalho da mesma por completo, o que resultaria em uma infelicidade ainda maior para os trabalhadores. Esta redução salarial em virtude da concorrência, chega, por vezes, a níveis inacreditáveis...Na fábrica a pessoa se torna facilmente uma máquina, tanto no seu modo de pensar, como também no de agir. Dia após dia a fábrica lima e bate, sibila e vibra dentro de sua cabeça, de modo que o seu coração e a sua mente necessariamente acabam sofrendo prejuízos. Nessa situação o homem - afastado de Deus - gosta de pensar em suas paixões e em suas dores, a insatisfação roí-lhe a alma, ou uma resignação apática o consome interiormente...⁸⁴

⁸³KOLPING, Adolf. *Der Bauer im Oberinntal und die Fabrik*. In: *Kalender für das Katholische Volk*. Köln: 1854. Apud: PLUM, Op. Cit., p. 121-124.

⁸⁴Idem Ibidem. p. 121-124.

Como diria Goethe, "existem duas maneiras de escrever a História, uma para os sábios e outra para os ignorantes. No primeiro caso pressupõe-se que o leitor conheça cada detalhe de modo exaustivo. [...] A outra maneira é aquela em que nós, mesmo tendo o propósito de apresentar uma grande unidade, somos também obrigados a transmitir necessariamente os detalhes"⁸⁵ Na primeira maneira se pressupõem também que o leitor se encontre familiarizado com os eventos e que conheça o processo histórico que se propõem a analisar. No segundo caso o escritor tem a necessidade de apresentar os mínimos detalhes de forma muito menos complexa, de modo a não oferecer obstáculos à compreensão do leitor.

Observando os fragmentos citados acima, a maneira como Engels expõem a suas colocações a respeito das indústrias e o sistema capitalista, nos leva a presumir que seu texto se destina a um público leitor intelectual de acadêmicos, que por certo já estavam familiarizados com as discussões a cerca do capitalismo (sem, contudo, tirar o mérito de que possam existir pessoas aptas a compreendê-lo no meio popular). Mas parece bastante evidente que a citação de Kolping se direciona para um leitor leigo, ou seja, para a população em geral daquela época, ou pelo menos para aquela parte da população jovem que mostrasse interesse em compreender a sua situação frente ao capitalismo. A citação de Kolping é um fragmento de um texto pedagógico publicado em um almanaque para o povo católico, no qual conta a estória de um aldeão que não sabendo o que viria a ser uma fábrica, teria perguntado ao pároco local quais as vantagens que uma fábrica poderia oferecer para a aldeia. Este é um exemplo claro da maneira como Kolping tentava dar resposta aos problemas sociais de sua época. Ele

⁸⁵ *Es gibt zweierlei Arten, die Geschichte zu schreiben, eine für die Wissenden, die andere für die Nichtwissenden. Bei der ersten setzt man voraus, daß dem Leser das Einzelne bis zum Überdruß bekannt sei [...] die andere Art ist die, wo wir, selbst bei der Absicht eine große Einheit darzustellen, auch das Einzelne unnachlässiglich zu überliefern verpflichtet sind.* [Tradução do autor] GOETHE, J. W. "Bildnisse jetzt Lebender Berliner Gelehrten von S. M. Lowe", IN: *Schriften zur Literatur*, Zürich - Stuttgart: Artemis, 2ª ed. 1964, p. 228.

percebeu as transformações sociais que a tardia revolução industrial na Alemanha do século XIX provocou para a classe dos trabalhadores artesãos e os camponeses. Estes foram, aos poucos, sendo arrancados de suas formas de vida culturais tradicionais e solidárias, sendo transformados em proletários, quando não ficavam deixados ao léu, empurrados para o mundo impessoal dos trabalhadores assalariados desenraizados, próprio da nascente economia liberal.

De acordo com a imagem que Kolping tinha da sociedade, os condicionamentos impostos impediam ou ao menos dificultavam que os indivíduos desenvolvessem todas suas forças e capacidades para chegar a ocupar o lugar que lhes correspondia, tanto no âmbito profissional, como na sociedade em geral⁸⁶. Em outras palavras, Kolping via como os contextos sociais não permitiam que as pessoas conseguissem a independência que era prevista com a modernidade, e que não lhes dava a autonomia suficiente para organizar sua própria vida de forma responsável e com isto cumprir com seu desenvolvimento cristão. Para Kolping, é a religião precisamente que deveria motivar o homem a assumir sua responsabilidade no mundo, ao contrário de outras posições sociais em relação ao movimento trabalhista, como, por exemplo, as de Schulze-Delitzsch, que defendia uma autonomia trabalhista, e de Lassalle, que propunha uma maior participação do Estado.

"Ora! A religião é a questão principal e única quando se trata do aprimoramento do povo. Fazei com que o povo tenha novamente religião e a questão do trabalho será resolvida sem Schulze-Delitzsch ou apesar de Lassalle! Observai a associação de companheiros. Quanto ela realizou, na medida em que ela reconduziu os membros artesãos novamente para o antigo terreno da religião! Seria possível creditar isso a Schulze-Delitzsch e Lassalle, às associações e sociedades de consumo? Reitero: Religião é a questão principal e desse modo a questão do trabalho está resolvida." Assim eu ouvia, palavras de uma conversa de um grupo de quatro a cinco pessoas, quando eu passeava pelo convés do barco a vapor do Reno, feliz em minha liberdade com o melhor clima possível que me oferecia paisagens que se renovavam a cada momento.⁸⁷

⁸⁶ *A Obra Kolping no Brasil*. Disponível em: <<http://www.kolping.com.br>>. Acessado em: Outubro 2004.

⁸⁷ *"Ei was! Die Religion ist die Hauptsache und das einzige bei aller Volksverbesserung. Macht, dass das Volk wieder Religion innehalt, und die Arbeiterfrage ist gelöst ohne Schulze-Delitzsch und trotz Lassalle! Seht nur den*

O ideal da religião, como nos sugere a própria etimologia da palavra, tem sido ao longo da história, o de “re-ligar” as pessoas com um todo maior, que transcende as suas particularidades. “Religar” significa unir as pessoas tanto no sentido de criar vínculos com a transcendência (Deus, Deuses) como no sentido de criar laços de solidariedade social entre as próprias pessoas. Para tanto, a religião incorpora-se à práxis cotidiana das pessoas por meio de discursos e instituições (Igrejas, associações, pastorais, doutrinas, rituais, catequese, etc.) que funcionam como parte de um complexo aparelho cultural, regulamentador da ordem social. Esse complexo aparelho cultural é, segundo o pensador Roger Chartier, o elemento determinante fundamental da realidade histórica e, assim, deveríamos passar de uma história social da cultura, a uma história cultural do social. Esta parece ser também a opinião de Lynn Hunt, na apresentação do livro por ela organizado acerca da “nova história cultural”, menciona que para Chartier “a relação estabelecida não é de dependência das estruturas mentais quanto a suas determinações materiais. As próprias representações do mundo social são os componentes da realidade social. As relações econômicas e sociais não são anteriores às

Gesellenverei an. Wieviel hat er ausgerichtet, indem er die Handwerksburschen wieder auf den alten Boden der Religion zurückführte! Ob ihr da von Schulze-Delitzsch und Lassalle, von Assoziation und Konsumvereinen schwatzt: Religion ist die Hauptsache, und damit ist die Arbeiterfrage gelöst." So hörte ich auf dem Rheindampfschiffe aus einer Gruppe von vier bis fünf Personen herausräsonieren, als ich froh meiner Freiheit und meines endlichen Ausfluges auf dem Verdeck herumspazierte und beim schönsten Wetter an der wunderschönen immer neuen Aussicht mich erfreute. [Tradução do autor] IN:COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef A. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Soziale Frage und Gesellenverei: Teil III: 1859-1865.. Band 5.* Köln: Kolping-Verlag GMBH, p 283. Kolping refere-se nesse trecho a Hermann Schulze-Delitzsch (20/08/1808- 29/04/1883), fundador da *deutsche Genossenschaftswesen* [cooperativismo alemão]. No *Assoziationsbuch für deutschen Handwerker und Arbeiter* [Livro sobre a associação dos artesãos e trabalhadores alemães] (1853), Schulze-Delitzsch forneceu as diretrizes para as organizações autônomas de crédito cooperativista e para o banco alemão de cooperativas, fundado em 1865; também foi um dos fundadores do *Nazionalverein* [Associação Nacional] (1859) e do *Fortschrittspartei* [Partido Progressista] (1861). Ao contrário de Lassalle que defendia o cooperativismo para agricultores e trabalhadores, Schulze-Delitzsch negou o apoio estatal para as cooperativas. Ferdinand Lassalle (11/04/1825-31/08/1864) também citado nesse trecho, foi um dos fundadores do movimento trabalhista alemão e estava engajado na revolução de 1848. Era defensor de subsídios estatais para as associações de trabalhadores e de produção.

culturais, nem as determinam; elas próprias são campos de prática e produção cultural”⁸⁸. O estudo das instituições religiosas, e as representações sociais por elas vinculadas são fundamentais para a compreensão da realidade social. De acordo com Sergio Miceli, “a religião se apresenta de imediato como se fosse um sistema de símbolos ‘fechado’ e ‘autônomo’ cuja inteligibilidade parece estar contida na hierarquia alegórica que propõe a compreensão de suas práticas e discursos”⁸⁹. Pois se a cultura se apresenta sob forma de símbolos, com um conjunto de significados e significantes, a realidade que ela produz é indissociavelmente aparelhada a uma função política dentro de um sistema de dominação (poder). Nesse processo, convém ao historiador conhecer os aparelhos de produção simbólica no qual se constituem as linguagens e representações do mundo, para a partir disso reconstruir o sistema completo de relações tanto simbólicas quanto não-simbólicas, das condições de existências material ou social daí resultantes. Essa reconstrução somente é possível se analisarmos todos os sistemas de relações existentes nas quais as coisas dispostas em grupos mantêm entre si noções definidas, constituindo um instrumento de conhecimento e comunicação que dão sentido à sociedade. Mas devemos considerar que esse sentido está relacionado às próprias condições sociais, porque as relações sociais entre os homens servem de fundamento para as relações lógicas entre as coisas.

Partindo disso, os historiadores não devem aceitar uma teoria da cultura como um fiel reflexo da realidade social, em que as formas de ação simbólica simplesmente expressam um significado central. Tampouco devem deixar de observar que os textos que descrevem ações

⁸⁸ HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 9.

⁸⁹ MICELI, Sérgio. *A Força do Sentido*. IN.: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, p. XIII.

simbólicas do passado não são textos límpidos e transparentes. Dessa maneira, é fundamental distinguir as estratégias e intenções que motivaram os autores, o que somente pode ser conseguido através de uma profunda crítica aos documentos. "As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas".⁹⁰ Nesse caso, nos textos que emanam de agentes religiosos, mesmo tratando de assuntos profanos, tem a especificidade de apresentar, muitas vezes nas entrelinhas, uma carga de valores culturais éticos e morais. Segundo o ideário de Kolping, toda a vida da sociedade e todas as estruturas sociais teriam que configurar-se de acordo com o destino religioso do homem, com o qual, a sociedade, na sua concepção, não teria um fim em si, mas sim no que constituía o "instrumental" em serviço do destino⁹¹.

Quando em meu primeiro texto eu expressei o enunciado de que é um equívoco ressaltar o fato de que a religião é necessária somente no tratamento da questão dos trabalhadores e com isso a questão social será resolvida, eu esclareci exato e suficientemente como eu penso. Certamente ninguém compreendeu isso de maneira errada, como se com isso não tivesse sido percebida a importância infinita que deve ser atribuída à religiosidade em todas as relações humanas e especialmente na apreensão e avaliação correta da difícil situação do desemprego. Preciso ressaltar mais precisamente essa importância e observá-la claramente em todas as questões que se referem ao melhoramento das relações da *situação dos trabalhadores*. Digo situação dos trabalhadores, pois não falamos apenas dos artesãos, mas de um círculo bem mais amplo, no qual o artesão constitui apenas um setor. O camponês, o minerador, o pequeno comerciante, o trabalhador de fábrica, o diarista, todos eles pertencem, assim como os mestres e companheiros, à situação dos trabalhadores e constituem juntos muito mais do que nove décimos da humanidade, caso acrescentemos as mulheres e famílias desses homens, como é de direito.⁹²

⁹⁰CHARTIER, Roger. *A História Cultural, Entre Práticas e Representações*. [Trad. Maria Manuela Galhardo] Lisboa: DIFEL, 1990, p.17.

⁹¹Kolpinglinks, Portal Latinoamericano de Enlaces Kolping. *Documentos & Publicaciones Obra Kolping Internacional Oficina Santiago de Chile*. Disponível em: <<http://www.kolpinglinks.net/ind2docs.html#adolfo>> Acessado em Outubro de 2004.

⁹² *Wenn ich in meiner ersten Zuschrift den Satz ausgesprochen habe, es sei ein Irrtum, wenn man bei Besprechung der Arbeiterfrage nur allein heraushebe, es sei Religion notwendig, und die Soziale Frage sei gelöst, so hab'ich genau genug erklärt, wie ich das meine. Niemand wird es dahin Mißverstanden haben, als wäre*

Tal como Kolping encarava a realidade em que vivia, estas exigências não estavam sendo cumpridas. Por isso, aproveitando as oportunidades que apareciam em sua atividade sacerdotal, começou a desenvolver uma forte crítica a sociedade, denunciando, entre outros problemas, os enfoques e projetos sociais elaborados com o fim de “liberar” a vida social de qualquer tipo de considerações religiosas, uma nova mentalidade caracterizada por um individualismo sem limites que explorava sem nenhum tipo de reparo ao ser humano e a natureza⁹³, e o risco do desaparecimento dos fundamentos e valores comuns.

A primeira associação que reunia jovens nasceu em 1846, na cidade de Elberfeld, hoje bairro da cidade de Wuppertal na Alemanha. A iniciativa partiu de alguns jovens cujas inquietudes foram acolhidas pelo professor Johann Georg Breuer, o qual apoiou a esse primeiro grupo ativamente em muitos aspectos, como, por exemplo, prestando ajuda para a redação do primeiro texto de estatutos, e colocando a sua disposição as salas de seu colégio como lugares físicos para as reuniões⁹⁴. Na segunda metade do ano de 1847, Kolping, que naquele período era capelão em Elberfeld, foi eleito como segundo assessor eclesiástico dessa

*dadurch die unendliche Wichtigkeit verkannt, welche der Religiosität bei allen menschlichen Verhältnissen und namentlich bei dem richtigen Erfassen und Tragen des schweren Arbeiterloses beizulegen ist. Ich muß hier diese Wichtigkeit genauer herausheben, und sie nur recht klar bei allen Fragen nach Verbesserung der Verhältnisse des Arbeiterstandes im Auge zu behalten. Ich sage des Arbeiterstandes; denn nicht allein von Handwerkern reden wir, sondern von einem viel weiteren Kreise, in welchem der Handwerker nur eine einzelne Abteilung ausmacht. Der Ackerbauer, der Bergmann, der kleine Handelsmann, der Fabrikarbeiter, der Dienstknecht, sie alle gehören, so gut wie Meister und Gesellen, zum Arbeiterstandes und bilden zusammen weit mehr als neun Zehntel der Menschheit, wenn wir die Frauen und Familien all dieser Männer, wie Recht ist, hinzuzählen. [Tradução do autor] IN:COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef A. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Soziale Frage und Gesellenverei: Teil III: 1859-1865. Band 5.* Köln: Kolping-Verlag GMBH, p. 298.*

⁹³ Kolpinglinks, Portal Latinoamericano de Enlaces Kolping. Documentos & Publicaciones Obra Kolping Internacional Oficina Santiago de Chile. Disponível em: <<http://www.kolpinglinks.net/ind2docs.html#adolfo>> Acessado em Outubro de 2004.

⁹⁴ Idem. Ibidem.

associação. Apesar de não ter tido parte no projeto de fundação dessa associação de jovens, Kolping identificou nesse sistema de associações um campo aberto e um potencial para realizar as atividades que pretendia. Uma vez destinado por seus superiores em Colônia, fundou ali uma *Gesellenvereine* em 1849 e, no ano seguinte fundou outra na cidade de Düsseldorf.

Sete companheiros estavam sentados nas carteiras escolares quando Kolping entrou e melancolicamente sorrindo teve que pensar em sua suposição de que o espaço não seria suficiente. "Certamente temos que adiar a reunião para uma ocasião mais favorável" falou o professor de religião: "Com tão poucos não vale a pena iniciar". No entanto, Kolping reagiu contra qualquer adiamento com uma resolução rápida e disse com voz firme: "Não, meus irmãos, nós começaremos!" A seguir, fez com que os sete se apresentassem e estendeu com firmeza sua mão direita às mãos rudes que por sua vez lhe estendiam. "Eu lhes agradeço por terem vindo!" Então ele se sentou junto a eles em uma carteira e disse: "Gostaria de saber uma coisa. O que vocês imaginaram quando foram convidados a virem para a escola Kolumba? Os companheiros olhavam confusos um para o outro. "Sejam francos!" desafiou Kolping. "O que deveríamos pensar?" retrucou Hein Kavenstein, o caldeireiro. "Não nos agradou muito ter de voltar novamente ao colégio. Mas o Gumpert Franz, o tapeceiro de Elberfeld, que o senhor nos enviou, falou mil maravilhas. Então prometi a ele que viria, pois o que um caldeireiro promete, ele cumpre!". Kolping sorriu alegremente: "Pois então quero esclarecer-vos do que se trata. Ouçam!" e assim começou a falar do sentido e do objetivo de sua obra...⁹⁵

Apesar de a primeira associação ter iniciado com apenas sete membros, elas tinham uma interessante aceitação entre os artesãos católicos, e aproximadamente nesses mesmos

⁹⁵ *Sieben Gesellen hockten auf den Schulpulten, als Kolping eintrat, und wehmütig lächelnd mußte er an seine Vermutung denken, der Raum möchte nicht ausreichen. - "Wir müssen es wohl auf eine günstigere Stunde verschieben!" - meinte der Religionslehrer. "Mit so wenigen wird sich der Anfang nicht lohnen." Kolping aber wehrte sich mit schnellem Entschluß aller Verzagtheit und sagte mit fester Stimme: "Nein, Bruder, wir fange an!" - Dann ließ er sich die Sieben vorstellen, spannte mit starkem Griff seine Rechte um die schwieligen Hände, die sich ihm entgegenstreckten! "Ich danke euch, daß ihr gekommen seid!" Dann setzte er sich zu ihnen auf eine der Bänke und sagte: "Eines möchte ich von euch wissen. Was habt ihr euch gedacht, als man euch zur Kolumbaschule einlud?" Die Gesellen schauten einander verlegen an. "Sagt es geradeheraus!" forderte Kolping. "Was sollen wir uns gedacht haben?" erwiderte Hein Kavenstein, der Kesselschmied. "Eigentlich hat es uns wenig gefallen, daß wir nochmal in eine Schule gehen sollten. Aber der Gumpert Franz, der Eberfelder Tapezier, den Sie uns ja wohl auf den Hals geschick haben, der hat das Blaue vom Himmel geredet. Da hab'ich ihm denn versprochen, zu kommen, und was ein Kesselschmied verspricht, das hält er auch!" Kolping lachte herzlich: "Aber nun will ich euch das Ding einmal auseinandersetzen. Hört zu!" dann begann er vom Sinn und Ziel seines Werkes zu reden. [Tradução do autor] HÜNERMANN, Wilhelm. So begann Adolf Kolping vor 100 Jahren. IN: Der Familienfreund: Hauskalender und Wegweiser für das Jahr 1952. Porto Alegre: Tipografia do Centro. 1952, p 42.*

anos, depois de já existir um número razoável de associações, reuniram-se os representantes dessas com o propósito de constituir uma espécie de federação,

§16. As associações de Companheiros de Colônia, Elberfeld, Düsseldorf, Bonn, Aachen, Hildesheim, Koblenz e Mainz reúnem-se baseados nos Parágrafos precedentes, em uma "Federação Renana de Companheiros", e escolhem como ponto central a sua unidade e eficiência uma associação central com uma diretoria central específica. A associação de Colônia é a associação central.

§17. A diretoria Central, é formada por um presidente, um vice-presidente, três conselheiros dos quais dois devem ser companheiros e um secretário...⁹⁶.

No entanto, o momento escolhido por Kolping para fundar as suas associações não era ao mero acaso. Não nos esqueçamos que estamos falando de uma época de uma nascente economia capitalista que trouxe a competitividade a todas as esferas da sociedade, mudando o âmbito do trabalho, em grande parte, tanto nos processos operários como nas relações sociais, dissolvendo vínculos tradicionais e implantando novas dependências que traziam conseqüências às vezes dramáticas para as pessoas afetadas. É necessário analisar que nessa mesma época também surgiram ou se acrescentaram respectivamente as demandas de participação política e social, de democracia, de direitos civis das liberdades de associação e de opinião de imprensa, cujas conseqüências marcaram notavelmente toda a conjuntura político e a vida social em geral criando novas necessidades e novos interesses e apontando novos elementos destinados a configurar uma nova dinâmica a sociedade.

Naquela mesma noite, não muito distante do local em que Kolping se reunia com seus sete companheiros, Karl Marx realizava um discurso fortalecendo e colocando em prática a

⁹⁶. §16. *Die Gesellenvereine von Köln, Elberfeld, Düsseldorf, Bonn, Aachen, Hildesheim, Koblenz und Mainz vereinigen sich auf den Grund vorstehender Paragraphen zu einem "Rheinischen Gesellenbunde" und wählen als Mittelpunkt ihre Einheit und Wirksamkeit eine Zentralverei mit besonderem Zentralvorstande. Der Kölner Verein ist Zentralverein* §17. *Der Zentralvorstand, bestehed aus einem Präsidenten, einem Vizepräsidenten, drei Beisitzen, wovon zwei Gesellen sein müssen, und dem Sekretät...* [Tradução do autor]. LÜTTGEN, Franz. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Dokumente über den Kölner Gesellenverein 1849 bis 1865. Band 16.* Köln: Kolping-Verlag 1998, p. 43.

Doutrina Comunista. Sem dúvida, sabemos que o marxismo surge como uma ameaça às concepções religiosas, pois a primeira condição para se ser membro da Liga Comunista, mesmo antes de Marx ter ingressado nela, era a "libertação de qualquer vínculo religioso, independência virtual de qualquer associação religiosa e de quaisquer cerimônias não exigidas pelo direito civil"⁹⁷. Mas é importante observar que tanto Kolping quanto Marx viveram em um tempo em que a industrialização na Alemanha estava em fase inicial, em que a classe dos *Handwerker* estava se desintegrando e os operários estavam surgindo, e neste período a discussão em torno dos trabalhadores também ainda estava fraca. Mas, o perigo do socialismo para a religião, já existia na metade do século, principalmente como algo que se desenvolvia nos berços da industrialização, na Inglaterra e na França, e se aproximava cada vez mais da Alemanha.

Contudo, Kolping conviveu e sentiu na carne o início da industrialização na Alemanha, trabalhando, observando, participando, soube à sua maneira valorizar o trabalho e a classe trabalhadora, ou seja, valorizar uma atividade e uma classe que até pouco tempo eram reconhecidamente importantes, mas que agora praticamente eram tidas como as mais desprezadas dentro da sociedade. Kolping logo pôs suas idéias em prática e de forma tipicamente artesanal fundou imediatamente as suas associações para jovens artífices, mobilizando esses trabalhadores antes que os outros o fizessem, e neste ponto, segundo Werner Plum, ele divergiu fundamentalmente de seus contemporâneos e concorrentes marxistas que, procuraram antes organizar e salvar uma filosofia que corria o perigo de degradar-se, em virtude do surgimento das novas concepções sobre o trabalho e classe operária. Kolping dizia que “ao invés de fazer leis antes do projeto começar a viver,

⁹⁷ HOBSBAWM, 2005. p. 55.

procuramos primeiramente dar vida ao projeto; antes de fazer leis, ou melhor, antes de propor como leis os princípios que nesta vida surgiam de forma natural, antes de limitar a liberdade, deixamos que eles mesmos atuem por um bom período de tempo, descobrindo desta forma, tanto os seus limites, como os seus excessos”.⁹⁸

Era um momento em que ainda existiam tanto os mestres artesãos com seus estabelecimentos, quanto as novas fábricas que cada vez mais impunham sua ordem. Até pouco tempo antes da época de Kolping, o mestre ainda havia constituído, juntamente com sua esposa e filhos e o companheiro, uma só família. As corporações e os laços familiares dos oficiais artesãos agora já se encontravam profundamente deteriorados. Antigamente o mestre era também o pai da família e o chefe de seus trabalhadores subalternos (companheiros e aprendizes) mesmo quando se encontravam sentados à mesa. Entrementes, tanto a comunhão, como também a autoridade dos mestres começaram a ser questionadas.⁹⁹

Ó, tudo no mundo está conectado, de modo que não podemos atribuir toda a culpa dos modos decepcionantes à pessoas decepcionantes, as quais concernem. Por duas gerações o pobre artesão vagou pelo mundo entregue a si mesmo; nenhuma mão amistosa lhe foi estendida. Há duas gerações os companheiros e os mestres encontram-se sempre mais em conflito. Há duas gerações foi nos ensinado desprezá-los. E eles reagem a esse desprezo com resistência. A situação chegou a esse ponto porque eles foram esquecidos e abandonados e porque os mestres não realizam seu dever de mestres. Eu, meus queridos amigos, não quero continuar falando dessas cenas lamentáveis. Apenas desejo que vocês agora imprimam profundamente em seus corações esses traços decepcionantes, mas não para que firam vossos corações, não, de modo algum, mas para que vos incitem a se preocuparem, cada um de vocês em seu círculo e onde sua força puder ser aplicada, com o restabelecimento do sistema artesão.¹⁰⁰

⁹⁸ KOLPING, Adolf. *Autorität und Freiheit*. Rheinisches Kirchenblatt. Köln, 1850. Apud: PLUM. Werner. *Relatos de Operários sobre os primórdios do Mundo Moderno do Trabalho. Aspectos Sociais e Culturais da Industrialização*. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979. p.133.

⁹⁹ PLUM. Op. Cit. p. 117-118.

¹⁰⁰ *O es hängt alles in der Welt zusammen, so daß man die entsetzliche Weise entsetzlicher Menschen, die es trifft, ihnen nicht ganz schuld geben darf. Zwei Menschenalter ist der arme Handwerksbursch durch die Welt gewandert, sich selbst überlassen; keine freundliche Hand hat sich nach ihm ausgestreckt. Seit zwei Menschenaltern habe sich Geselle und Meister immer mehr abgestoßen. Seit zwei Menschenaltern hat man sie verachten gelehrt, und der Verachtung setzen sie den Trutz entgegen. Und weil man sie vergaß und weil man sie*

Os mestres convertiam-se em patrões, e os seus subalternos em meros empregados. E em virtude disso os últimos começaram a passar por dificuldades. Por exemplo, o lugar onde estes permaneciam à noite para dormir ou suas horas vagas, não coincidia mais com o estabelecimento do mestre. A indiferença por parte dos mestres, e o abandono por parte da sociedade em conseguir moradia adequada para os artesãos solteiros e ambulantes e os estados precários dos albergues particulares que brotavam ao redor dos centros industriais eram problemas cada vez mais presentes nas cidades. Por ter vivenciado esse cenário, Kolping conhecia bem o ambiente em que viviam esses trabalhadores e a maneira como passavam suas horas vagas:

Como podem ser tornadas úteis para o companheiro artesão às noites de domingo e de segunda até agora desperdiçadas, tendo em vista a sua felicidade e enobrecimento? Nessas noites o companheiro não tem como ficar na casa do mestre. Por conseguinte, ele vai para as ruas, para as tabernas e facilmente cai em todo o tipo de vagabundagem. Se ele uma vez começa com isso, ele logo não terá mais nenhuma roupa decente sobre o corpo, pois ganha pouco e gasta muito. E então ele se envergonha de sair durante o dia de domingo. Logo aos domingos, ele fica sentado trabalhando o dia todo na oficina, até que, tarde da noite, vestindo uma roupa suja ele possa se esgueirar na direção de um boteco ou espelunca. A noite e a segunda-feira são então dedicadas a vagabundagem até quando houver dinheiro. O jovem homem está perdido e logo ele seduz os outros. No entanto, justamente é esta classe que constitui a descendência para a parte axial mais importante do povo e sobre o qual repousa todo o futuro das relações sociais.¹⁰¹

*gehen ließ und weil die Meister ihre meisterhafte Pflicht nicht taten, deswegen ist es so weit gekommen. Ich, meine lieben Freude, spreche hier nichts weiter von dieser Jammerszenen. Ich wünsche nur eins, daß alle wie ihr hier seid, euch diese entsetzlichen Züge tief ins Herz schreiben möchte, nicht daß sie dort an eurem Herzen bloß bluten, nein, sondern daß sie euch aufstacheln, jeden in seinem Kreise und, wo er seine Kraft dem Werke widmen kann, für Wiederherstellung des Handwerkes Sorge zu tragen. [Tradução do autor]. COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef A. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Soziale Frage und Gesellenverei: Teil II: 1852-1858.. Band 5.* Köln: Kolping-Verlag GMBH, 1986, p. 49.*

¹⁰¹ *Wie können dem Handwerksgelesen die für ihn bisher immer verlorenen Abende der Sonntage und Montage für sein Glück und seine Veredlung nützlich gemacht werden? An diesen Abenden ist im Hause des Meisters für den Gesellen gar kein Verbleib. Daher gerät er auf die Straße, ins Wirtshaus und leicht in alle Liederlichkeit. Hat er einmal so angefangen, dann hat er bald bei geringem Verdienst und großem Verzehr keinen ordentlichen Rock mehr am Leibe. Dann schämt er sich also, sonntags bei Tage auszugehen. Also wird sonntags den Tage über auf der Werkstätte gehockt und gearbeitet, bis man beim Abenddunkel auch in schuftiger Kleidung nach irgendeiner Kneipe oder Spelunke schleichen kann. Die Nacht und der Montag werden dann, soweit das Geld reicht, der Liederlichkeit geweiht. Der junge Mensch ist verloren, und er wird bald der Verführer anderer. Und doch ist das gerade diejenige Klasse, welche den Nachwuchs für den wichtigsten Hauptstamm des Volkes bildet und auf der*

Para manter melhor um controle moral e disciplinar, era fator determinante de cada associação, conseguir um local ou edifício para a abertura de uma sede especial para os trabalhadores artesãos. Kolping ocupou-se quase que exclusivamente dos jovens artesãos católicos, e no que concernia a todas as suas necessidades religiosas, intelectuais, materiais e recreativas, enfatizando as horas vagas desses trabalhadores, ele sabia muito bem como ocupar seus pensamentos:

Um dos pensamentos fundamentais da associação é que ela não é uma irmandade, mas uma verdadeira reunião de companheiros, de companheiros reais, de rapazes artesãos. Eles são uma classe determinada de pessoas. Mesmo que pareça simplório e insignificante, é uma classe de extrema importância. Se o jovem trabalhou durante toda a semana e no domingo se lava e usa uma roupa limpa, então ele pode, depois de ter cumprido com sua obrigação cristã, passear e se divertir. O jovem deve ser alegre por si só, e se ele não puder fazê-lo, é um coitado. Existem tantas coisas no cotidiano que tiram a alegria do coração. Por isso, a associação deve providenciar para que o jovem possa rir pra valer [gehörig auslachen], para que seu ânimo se levante e se excite. Uma Associação de companheiros tem o objetivo de reunir e distrair jovens em suas horas livres. Não deve trazer o caráter escolar, não deve parecer pedante. Deve ser alegre e divertida. [...]

A atuação da Associação consiste no encontro espontâneo de companheiros na casa da Associação e lá passem suas horas livres. Quanto mais alegre, tanto melhor. Estou convencido de que o mais importante na atividade da associação são as palestras feitas nas reuniões de domingos ou segundas a noite pelos presidentes ou por pessoas que tem verdadeiro amor pela causa. Se forem realizadas de maneira alegre e agradável, então pode-se obter os melhores resultados. Deve-se falar somente da vida simples, isto fornece um material inesgotável. Aos responsáveis companheiros já interessa formar sua futura família e lhe interessa o que diz respeito a seu mundo futuro. Isto já fornece material suficiente para palestras. Outros temas podem ser o andamento do mundo natural, o céu estrelado, a mudança da temperatura, e assim por diante.

Com isso, os jovens terão sobre o que refletir, o que irá lhes consumir a semana e, assim que a pessoa começa a refletir, sua fisionomia se altera, seu rosto assume uma expressão espiritual. Pode-se também perfeitamente, para obter material de palestras, questionar os companheiros, que com isso serão incentivados a refletir sobre suas relações, sobre sua posição na vida e assim por diante...¹⁰²

die ganze Zukunft der sozialen Verhältnisse beruht. [Tradução do autor]. LÜTTGEN, Franz. . *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Dokumente über den Kölner Gesellenverein 1849 bis 1865.* . Köln: Kolping-Verlag GMBH, 1998, p. 4.

¹⁰² *Verhandlungen der vierzehnten Generalversammlung der katholischen Vereine Deutschlands in Aachen am 8., 9., 10. und 11. September 1862.* Amtlicher Bericht. Aachen: Verlag der Cremerschen Buchhandlung. (F. Cazin.), 1863. 344 Seiten. (Martinus-Bibliothek Mainz, Deutschland), p. 192;194.

Essas sedes eram mais do que apenas um lugar de reuniões ou hospedarias com refeitórios, eram também locais para lazer onde os trabalhadores poderiam encontrar seus colegas e confraternizar. Em todas as associações em que fosse isso possível, Kolping imediatamente organizava uma biblioteca para os membros da associação:

Ainda falta muito, a começar por todo o material de ensino e *pela biblioteca*. No entanto, tudo dará e deverá dar certo. Por conseguinte ousamos solicitar a todos os que se interessam pelo verdadeiro bem estar do povo e especialmente à religiosidade, *para que doem livros para a biblioteca*. Tudo isso poderá ser utilizado, de início serão diretamente úteis livros de conteúdo religioso, especializados, de história natural e geográfica, livros de viagens, romances e almanaques populares. Muitas pessoas têm em suas casas livros que não utilizam e que aqui poderiam ser muito úteis. Quantos não leram, por exemplo, os livros da Comunidade Borronäus ou sobre os Mechitaristen e não os utilizam mais. Pedimos urgentemente que pensem nisso e lembrem os outros desse assunto. Além disso, sob certas condições também serão úteis presentes de livros eruditos. Quantas vezes não encontramos, por exemplo, folhas ilustradas espalhadas pelo país sem que o proprietário tenha tido a ocasião de alguma vez folhá-las, bem como não teve vontade de oferecê-las. Mandem esses velhos volumes antes que os ratos os devorem! Podemos vendê-los e trocá-los aqui, caso não sejam refugos. Então algo se torna útil, o que até agora apenas é um móvel incomodo ou está se deteriorando.¹⁰³

Estimulando a criação de bibliotecas, as associações adquiriam certo aspecto de formação escolar, e ali se organizavam tanto palestras para o entretenimento, como palestras para fornecer condições para que esses jovens possam se instruir intelectualmente. Os assuntos para as palestras estavam categorizados nos estatutos, em ordem por grupos de interesses: a) religião, b) *Geistlichen und weltlichen Gesänge* [cânticos espirituais e profanos]; c) leitura,

¹⁰³ *Nun fehlt noch viel, zunächst alles Unterrichtsmaterial und die Bibliothek. Doch die Sache wird und muß gut gehen. Wir wagen daher, alle, die sich um wahres Volkswohl interessieren, und namentlich die Geistlichkeit zu bitten, daß sie Bücher für die Bibliothek schenken mögen. Da ist alles zu brauchen. Zunächst direkt brauchbar sind Bücher religiösen, gewerblichen, natuhistorischen und geographischen Inhaltes, Reisebeschreibungen, Erzählungen, Volkskalender. Wie mancher hat Bücher, die in seinem Hause unbenutzt stehen, während sie hier viel nutzen könnten. Wie mancher hat z. B. die Bücher aus dem Borromäusverein oder von den Mechitaristen gesellen und braucht sie nun nicht weiter. Wir bitten dringen, daran zu denken und andere daran zu erinnern. Ferner würden auch unter Umständen Geschenken von gelehrten Büchern nützlich sein. Wie oft findet man z.B. gelehrte Folianten im Lande herum, ohne daß der Besitzer sie je anzurühren Veranlassung hat, während er auch nicht Lust hat, sie feilzubieten. Schickt nur die alten Bände, ehe die Mäuse sie fressen! Man Kann sie hier verkaufen und umtauschen, wenn es nicht gerade Schund ist. Da wird etwas nützlich gemacht, was jetzt nur ein lästiges Möbel im Hause ist oder gar zugrunde geht. [Tradução do autor]. LUTTGEN, Op. Cit., p. 5.*

escrita e os cálculos; d) desenhar e modelar; e) Geografia e História; f) Ciências Naturais. Os assuntos políticos ou polêmicas religiosas eram rigorosamente proibidos nas associações.¹⁰⁴

Como bem analisado por Plum, a intenção apolítica das *Gesellenvereine*, para não dizer antipolítica, e a possibilidade de uma participação moderada dos membros nas decisões das atividades dentro da associação, prevenia o surgimento de movimentos operários a partir dessas associações¹⁰⁵. Mas deve ser entendida como uma posição política no momento que impedia também que esses trabalhadores se envolvessem nos movimentos operários que já estavam em andamento naquela época, como por exemplo, as *Allgemeine deutsche Arbeiter-Verbrüderung* [Fraternidade geral dos operários alemães] organizadas no primeiro congresso operário alemão em 23 de agosto de 1848 em Berlim.

Apesar de Kolping ter publicado vários textos de caráter político, não permitia que os membros da associação se envolvessem com as polêmicas políticas daquela época, pois temos que considerar que era um momento em que falar de política significava o mesmo que falar de socialismo ou de revoluções. Kolping demonstrava mais abertamente suas intenções políticas somente quando se referia a *Soziale Frage* [questão social]. Para Kolping, a questão social abrangia não somente o jovem artesão e, na verdade, do angulo da questão social não se observavam diferenças entre os trabalhadores, pois ela abrange toda a classe de trabalhadores.

A "questão social" em sentido estrito ocupa-se de maneira especial com a situação da classe dos trabalhadores e como ela pode ser melhorada com o maior sucesso possível. De maneira mais precisa, a questão social torna-se a questão específica da profissão e ocupa-se com a situação dos artesãos e dos trabalhadores de fábrica. Na verdade,

¹⁰⁴ § 40. Der Vorstand entwirft für jedes Halbjahr die Ordnung des Unterrichts und wählt die geeignet scheinenden Gegenstände aus. Der Unterrichtsplan wird im Vereinslokal angeheftet - § 39. In der Regel wird Unterricht erteilt: a.) in der Religion, b.) im geistlichen und weltlichen Gesange, c.) im Lesen, Schreiben und Rechnen, d.) Im Zeichnen und Modellieren, e.) in der Geographie und Geschichte, f.) in der Naturkunde. NB.: Politik und gehässige religiöse Polemik sind und bleiben aus den Vereine grundsätzlich ausgeschlossen. [Tradução do autor]. LUTTGEN. Op. Cit., p. 13.

¹⁰⁵ PULM, Op. Cit., p. 119.

vistos em si e de modo mais profundo, estes são dois círculos vitais muito distintos, que no tratamento colocam também a questão de maneira muito distinta; todavia, esses círculos, porque um surgiu do outro e por assim dizer o gerou ou também está para gerá-lo, penetram um no outro e se cruzam de tal maneira que é muito difícil encontrar a diferença.¹⁰⁶

No entanto, o mesmo não acontecia nas *Gesellevereine*, pois do ponto de vista dessa associação existia uma grande diferença entre os artífices e os operários. Os artífices eram profissionais qualificados, e que já haviam ou que ainda estivessem passando por um processo de aprendizado, e desse modo também correspondia a um *status* de aristocracia do trabalho. Enquanto que o operário na maioria dos casos não dispunha dessa qualificação em sua função, pois nas indústrias a fabricação dos produtos depende da qualificação tecnológica das máquinas.

Entretanto, por ser uma associação de jovens católicos, é possível presumir que a grande diferença entre artífices e operários seja observada no aspecto religioso. Como já foi estudado por Hobsbawm, "a questão da religião da classe operária torna-se parcialmente confusa, porque os trabalhadores característicos da *proto-industrialização* (tecelões de tear manual, artífices assalariados, mineiros, etc) eram muito dados à exaltação religiosa ou a heterodoxia; e parcialmente porque a grande parte da industrialização ocorreu em aldeias e pequenas cidades. Contudo, "fora de qualquer dúvida possível"¹⁰⁷, os operários nas metrópoles

¹⁰⁶ Die "Soziale Frage" im engeren Sinne beschäftigt sich vorzüglich mit der Lage der arbeitenden Klassen, und wie diese auf die erfolgreichste Weise zu verbessern sei. Noch enger gefaßt, wird sie zur Gewerbefrage und beschäftigt sich mit der Lage der Handwerker und der Fabriksarbeiter. An sich und gründlich besehen, sind das zwar zwei sehr verschieden Lebenskreise, stellen also auch in der Behandlung die Frage sehr verschieden; indessen laufen diese Kreise, weil eine aus dem anderen hervorgegangen, ihn gleichsam geboren hat oder auch noch zu gebären im Begriffe steht, so vielfach in- und durcheinander, daß es dennoch überschwer ist, die Scheidung zu finden. [Tradução do autor]. COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef A. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Soziale Frage und Gesellenverei: Teil III: 1859-1865.. Band 5*. Köln: Kolping-Verlag GMBH, p. 289.

¹⁰⁷ Nota nº 23: MCLEOD, Hugh. *Class, Community and Religion: The Religious Geography of Nineteenth Century England*, Sociol. Yearbook of Religion, nº 6, 1973, p. 47. Para uma opinião mais qualificada, veja: ISAMBERT, F. *Christianisme et Classe Ouvrière*. Paris, 1961. Apud: HOBBSAWM, 2005, p. 74

participavam menos da prática religiosa formal do que os outros e a relativa indiferença, ou ateísmo, da classe operária é registrada por praticamente todas as pesquisas, em todas as datas.¹⁰⁸

Em consequência disso, as *Gesellenvereine* de Kolping fundamentando-se nos aspectos religiosos e familiares, orientam-se para as necessidades práticas imediatas de exclusivamente jovens artífices profissionais.

Desse modo, as casas ou sedes das *Gesellenvereine* deveriam manter um conjunto de condições que promovessem o espírito de companheirismo e um ambiente familiar, que garantisse para esses jovens um lugar confiável:

Com a construção do albergue em Colônia, pensou-se em encontrar um auxílio para os membros nas diferentes cidades onde existem as associações fraternas, até que outros albergues pudessem ser plenamente construídos. Imaginou-se em fazer um acordo com um hoteleiro confiável, segundo o qual ele seria obrigado a hospedar, mediante pagamento razoável, os membros fraternos da associação que estavam viajando. Isso ocorreu em Aachen, em Bonn e em outros lugares. Em outras cidades fez-se um acordo com a associação local e se construiu uma espécie de albergue, que tinha um quarto com camas aos cuidados de um hoteleiro. Ainda em outros lugares pareceu-se mais prudente, e se misturou formalmente as associações e os albergues, e desse modo, a partir de bons propósitos fez-se da associação mesma uma espécie de hotel. [...] O albergue em Colônia tem uma finalidade dupla. *Em primeiro lugar* ele fornece os espaços para a associação de companheiros que até agora ainda subsiste inteiramente em sua construção antiga. [...] *Em segundo lugar* o albergue serve para a recepção de companheiros migrantes, na medida em que eles são membros fraternos da associação e podem se identificar legalmente como tais. Mas esses querem comer e beber? Sem dúvida, e de modo algum deve faltar o necessário a eles. Se quisermos preparar na associação de companheiros uma espécie de *lar* para os membros trabalhadores, então esse lar foi ampliado por meio do albergue também para os trabalhadores migrantes. Quem chega, chega então a uma casa e ele se sentirá como se estivesse junto com a sua família.¹⁰⁹

¹⁰⁸ Idem Ibidem, p. 60.

¹⁰⁹ *Mit der Errichtung des Hospitums in Köln hat man in verschiedenen Städten, wo Brüdervereine sich befinden, daran gedacht, bis sich das Hospitium vollständig nachbilden lasse, eine Aushilfe für die Mitglieder dadurch zu finden, daß man mit einem zuverlässigen Wirte ein abkommen traf, nach welchem er verpflichtet ist gegen mäßiges Entgelt die reisenden Vereinsbrüder zu verpflegen. So in Aachen, in Bonn und anderwärts. In anderen Städten hat man mit dem Vereinslokal eine Art Herberge verbunden, so daß man ein Zimmer mit Bette herrichtete und die Verpflegung einem Wirte übergab. Noch an anderen Orten scheint man gesonnen zu sein, Vereinswesen und Herbergswesen förmlich zu vermengen und dadurch aus lauter guten Absichten den Verein selbst zu einer Art Wirtshaus zu machen.[...] Das Hospitium in Köln hat eine doppelte Bestimmung. Zuerst bietet es die Räume für den Gesellenverein dar, der in seiner bisherigen Einrichtung durchaus bestehenbleibt. [...]*

Mas essa família não deveria parecer como um simples empreendimento, o patrono não deve aparecer como um patrão e tampouco os membros da família parecer como fregueses, segundo Kolping, “é justamente uma família com um chefe familiar, uma ceia e organização familiar, dentro do qual o membro familiar se comporta de acordo, juntando assim o melhor possível. O mais estimulante que o companheiro hospedado no albergue deve saber é que ele não está em uma hospedaria, mas sim na casa familiar da associação”.¹¹⁰ Esse sentimento de pertencer a uma família deveria ser semelhante ao sentimento tradicional de ambiente familiar do antigo sistema de corporações dos mestres artesãos em suas oficinas. Nesse intuito, Kolping e seu colega, o Bispo de Mainz, Emanuel Von Ketteler,¹¹¹ que estão

Zweitens dient das Hospitium zur Aufnahme der wandernden Gesellen, insofern sie Vereinsbrüder sind und sich ordentlich ausweisen können. Aber diese wollen doch essen und Trinken? Gewiß, und am Notwendigen soll es auch gar nicht fehlen. Haben wir aber im Gesellenvereine dem arbeitenden Burschen eine Art Heimat bereiten wollen, so haben wir diese Heimat durch das Hospitium eben auch auf den wandernden Burschen ausgedehnt. Wer kommt, kommt eben nach Haus und wird's finden, als ob er eben in seiner Familie wäre. [Tradução do autor]. COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef A. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Soziale Frage und Gesellenverei: Teil II: 1852-1858.. Band 5.* Köln: Kolping-Verlag GMBH, 1986, p. 64.

¹¹⁰ *...es ist eben eine Familie mit dem Familienhaupt, dem Familientisch und der Familienordnung, worein sich das Familienglied um so lieber schickt, als es am besten dabei steht. Das angereiste, ins Hospitium aufgenommene Geselle soll eben wissen, daß er nicht im Wirtshause ist, sondern in dem Vereins-Familienhause.* [Tradução do autor]. Idem. Ibidem. p. 64-65.

¹¹¹ Merece importante destaque é o Bispo de Mainz, Wilhelm Emmanuel von Ketteler (1811-1877), que teve estreito contato com Adolf Kolping. A partir de 1848 eles se encontram diversas vezes nos anuais Congressos Católicos, em que a "questão social" é um dos temas centrais. No Iº Congresso Católico, Ketteler chama pela primeira vez atenção da Alemanha Católica para os problemas sociais e em seus célebres “Discursos de Advento”, em Mainz em 1848, no livro “O Cristianismo e a questão trabalhista” publicado em 1863 em numa conferência para 10.000 operários em Offenbach, Frankfurt, em 1869, ele aborda, entre outros assuntos, as reivindicações sobre salários e durações do expediente de trabalho, descanso semanal e trabalho de mulheres e crianças. IN: KETTELER, Wilhelm Emmanuel Freiherrn von. *Sämtliche Werke und Briefe.* IN: ISERLOH, Erwin; STOLL Christoph; VALASEK, Emil; JÄGER, Norbert. *Schriften, Aufsätze und Reden 1848-1866.* Abteilung I, Band I. Mainz: Hase & Koehler Verlag, 1977. Podemos citar outro agente religioso que contribuiu na “questão social”, como Antoine Frédéric Ozanam (1813-1853) que foi fundador das Sociedades de São Vicente de Paulo (1833) conhecidas como “Conferências Vicentinas”, do qual é a significativa frase: “é da cabeceira dos pobres que se aprende verdadeiramente as questões sociais”, dizia ele em seus discursos: “É a liberdade humana que faz os pobres. É ela que seca essas duas fontes primitivas de riqueza, a inteligência e a vontade, deixando a primeira se extinguir na ignorância e a Segunda se extenuar na devassidão. Os operários o sabem melhor do que nós.[...] Vós, políticos censurais a incapacidade e a incúria do operário, os defeitos rotineiros de seus métodos, a

entre os principais pensadores católicos, percebem que a melhor solução para os problemas dos artesãos profissionais está na formação de associações que deveriam seguir o molde das antigas corporações da Idade Média:

Nos tempos antigos o artesão era escravo e se não quisesse trabalhar, era açoitado. Então veio o cristianismo, que não conhece diferença entre os homens, que os considera todos como feitos a imagem de Deus, e acabou com o trabalho escravo. E porque o trabalhador não consegue viver sozinho, a Igreja aceitou o trabalhador e fundou as corporações. Pois as corporações e os antigos grêmios são obras da Igreja. Era um tempo em que floresciam as cidades e não se temia o artesão. Era um tempo em que o mestre sentava com seu companheiro não só na mesa de trabalho, mas também na mesa familiar e comiam da mesma tigela. Era um tempo em que eles não só comiam da mesma tigela como também iam juntos a missa. Era um tempo em que o mestre era também pai de família e não só mestre, pai também de seus companheiros e ele tinha um regimento e educação paterna na casa. Era um tempo, um tempo antigo em que as corporações floresciam e o artesão estava em florescimento, tinha um chão de ouro. E os frutos disso é que todos confiavam em seus companheiros e ninguém falava em proletariado, pois esta palavra vocês não entendem, eu também não a compreendo. Entende-se que são pessoas pobres, que já não sabem mais como sobreviver. Enquanto a Igreja ainda possuía influencia sobre o trabalho e ajudava os pobres, enquanto a Igreja ainda reunia as pessoas e quase não havia tão pobres a ponto de não saberem como sobreviveram. Então veio um novo tempo e soprou um novo vento, que trouxe um espírito novo. Um espírito que quis expulsar o espírito divino. Primeiro das estradas e das hospedarias,[...] Ele separou cada vez mais as classes sociais, as de cima e as de baixo. Ele acabou com o velho mestre de ofício, com a velha casa da corporação.¹¹²

Kolping viveu num momento de transição, e sua posição é radicalmente contrária ao novo que surgia, ao liberalismo. A melhor solução seria então um retorno ao sistema do passado, no qual a Igreja mantinha uma destacada presença. Por isso, para poder resolver as misérias e necessidades de seu tempo, tanto as individuais como as coletivas, e para poder

desordem sistemática de sua conduta. No entanto, não só jamais lhes oferecestes estímulo algum, mas tivestes sempre temor das associações que os reuniriam... que os cercariam de exemplos e de luzes e lhes garantiriam a educação permanente tão necessária ao homem sempre fraco, [...] O cristianismo fez da esperança uma virtude; fazei dela a defesa desta sociedade ameaçada. Guardai-vos de desesperar de nosso século, não vos deixeis submergir no derrotismo incapaz de construir qualquer coisa, que assiste inerte à decadência da civilização." IN: AVILA, Fernando Bastos de. *O pensamento Social cristão antes de Marx: Textos e comentários*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1972. p. 230-234.

¹¹² *Verhandlungen der sechsten General-Versammlung des katholischen Verein Deutschlands am 21., 22., 23. September 1852 zu Münster*. Amtlicher Bericht. Münster: Druck und Verlag der Copenrathschens Buch- und Kunsthandlung, 1853. (Martinus-Bibliothek Mainz, Deutschland), p. 227-228.

encaminhar as mudanças profundas que a sociedade precisava, Kolping pretendia imprescindivelmente formar um tipo de “bons” cristãos. No pensamento de Kolping não havia lugar para idéias que implicariam uma mudança violenta e através de revoluções, nem de especulações que esperavam que a mudança viesse dos políticos. Do seu ponto de vista era necessário que cada pessoa apontasse a sua transformação da sociedade, e assim, criasse condições melhores de sobrevivência. Segundo ele, para que as coisas no mundo melhorassem, todos deviam esforçar-se por atuar na melhor maneira possível dentro dos âmbitos concretos das responsabilidades sociais de cada pessoa. De maneira abreviada, se pode dizer que Kolping confiava em cada pessoa desde que fosse educada dentro dos princípios cristãos e que guiados por eles deveriam se esforçar em chegar a ser “Tüchtig”¹¹³, tentando organizar a sua própria vida familiar e profissional e assim contribuir com a transformação social.

A habilidade pessoal, da qual aqui muito depende, para não dizer tudo, é dupla: ela é estimulada pelo caráter moral e pela formação técnica. Ela não deve ser desenvolvida unilateralmente, os dois aspectos devem andar lado a lado. O mais habilidoso trabalhador pode ser um grande vagabundo e arruaceiro, quando lhe falta a estatura moral - os mais corretos são então os piores - e o homem mais comportado em termos de personalidade pode ser um ignorante lastimável no ofício, o homem mais desajeitado para a vida familiar e pública. É o que também mostra a experiência. Hoje em dia inclusive, quando a assim chamada liberdade a mais ilimitada no que se refere ao lucro impele a uma concorrência desmesurada, uma subsistência *honest*a e *honros*a para o artesanato exige tanto o caráter comportado e digno quanto uma habilidade possível no respectivo ofício. É por isso que a associação de companheiros adverte para uma formação segundo dois lados e fornece para tanto um auxílio útil segundo a medida de suas forças e meios. Nesse sentido, a associação de companheiros é e deve ser uma escola preparatória para a vida prática do jovem artesão e dessa maneira comporta em sua função uma importância tremenda para a vida social.¹¹⁴

¹¹³Refere-se ao termo alemão “Tüchtigkeit”, que para Adolf Kolping era um conceito e representava um conjunto de atitudes como trabalho, responsabilidade, compromisso, profissionalismo eficiência e honestidade, e apontava diretamente nos objetivos das associações, a saber, formar bons cristãos, bons artesãos, bons cidadãos e bons pais de família. Fonte: *Dr. Michael Hanke Adolfo Kolping: Su Vida y su Obra en el pasado y presente*. Disponível em:<http://www.kolpinglinks.net/2201_akolping_vida+obra.pdf>. Acessado em outubro de 2004.

¹¹⁴ *Die persönliche Tüchtigkeit, von der hier so sehr viel, wenn nicht alles abhängt, ist eine zweifache, wird vom moralischen Charakter und von der gewerblichen Ausbildung gefordert. Sie darf nicht gesondert werden, sondern muß Hand in Hand gehen. Der geschickteste Arbeiter kann ein großer Lump und Unheilstifter sein, wenn's ihm an der moralischen Tüchtigkeit fehlt - die Gescheitesten sind dann die Schlimmsten - , und der*

Dentro deste contexto, as *Gesellenvereine* se apresentavam para Kolping como um importante mecanismo no qual seria possível abordar com êxito as tarefas precisas que o momento requeria, surgindo como o meio mais adequado para enfrentar o desafio de melhorar as condições desses trabalhadores. A idéia das associações deveria combinar de uma maneira especialmente propícia com a convicção, profundamente arraigada, de que as pessoas e a sociedade necessitam de instituições onde possam desenvolver um “espírito familiar”. Para alcançar esse objetivo, o ambiente humano dentro das associações devia ter as qualidades fundamentais de um ambiente familiar, e assim oferecer aos seus membros, cuja característica comum era a vida em condições sociais muito difíceis, um ponto de partida para que se apoiassem mutuamente e alcançassem a “Tüchtigkeit” a qual Kolping acreditava ser fundamental para a renovação cristã do mundo. Desse modo, o intuito dessas instituições era influenciar a reprodução da sociabilidade, tanto em aspectos econômicos quanto em políticos e morais, e nesse sentido, seguem fielmente o ideal de seu fundador, refletida em uma vigorosa vida religiosa e cidadã ao trabalhador.

O fato de que a associação se determinasse em especial a um grupo alvo, o dos jovens artesãos, se explica tanto pela necessidade de concentrar forças, como pelas condições marcantes dessa categoria de trabalhadores dentro daquela sociedade, que havia caracterizado

*persönlich bravste Mann kann ein jämmerlicher Stümper im Geschäft sein, der unbeholfenste Mensch für Familien- und öffentliche Leben. Wie die Erfahrung auch zeigt. Heutzutage gar, wo die ungebundenste sogenannte Freiheit im Erwerb zur ungemessenste Konkurrenz drängt, verlangt ein ehrliches und ehrenhaftes Durchkommen für den Handwerkerstand ebensosehr den braven, ehrenhaften Charakter als die mögliche Geschicklichkeit im betreffenden Geschäfte. Darum mahnt der Gesellenverein zur Ausbildung nach beiden Seiten und reicht nach Maßgabe seiner Kräfte und Mittel dazu die hilfreiche Hand. In diesem Sinne ist und soll sein der Gesellenverein die vorbereitende Schule fürs praktische Leben der jungen Handwerker und trägt also seine gewaltige Wichtigkeit für das soziale Leben in seiner Aufgabe. [Tradução do autor]. COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef A. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Soziale Frage und Gesellenverein: Teil III: 1859-1865.. Band 5*. Köln: Kolping-Verlag GMBH, p. 293.*

a própria história pessoal vivida por Kolping. Havia por suposto muito mais pessoas que viviam em condições muito problemáticas e que também precisariam de apoio, mas sua preocupação consistia, muito mais em preservar um grupo bem determinado de trabalhadores contra certos perigos que os aguardavam com o crescente desenvolvimento da industrialização. A idéia de Kolping não era, portanto, de agregar pessoas que já teriam perdido suas convicções religiosas:

Não adianta nada cruzar os braços e repetir frases inócuas: a religião sozinha torna supérfluos todos esses meios de resolução da questão social. Ela os torna tão pouco supérfluos assim como os medicamentos são supérfluos diante da doença. Sem dúvida, a religião é o único elemento para a *preservação* e igualmente para a *conservação*, mas não para a *cura*. Por conseguinte aquele pastor apresentou de maneira incorreta a associação de companheiros como exemplo. Essa associação deveria, aliás, de maneira predominante apenas preservar e conservar, mas não curar. Proteger e conservar algo que ainda não foi deturpado, esse é o seu propósito principal, uma vez que ela somente se ocupa com a juventude.¹¹⁵

Nesse sentido, antes que esses jovens se "perdessem" para o mundo individualista da sociedade liberal, Kolping pretendia orientá-los e prepará-los. A isto devemos observar que os artesãos jovens, por mais deploráveis que fossem suas situações pessoais, pertenciam a um grupo social cujos integrantes logo escalariam posições dentro da sociedade convertendo-se – como pais de família e com estabelecimento próprio – na porção axial da classe média, pois em 1848 predominava nas cidades da Alemanha a pequena burguesia, que se compunha de artesãos e comerciantes, formando uma classe média bastante abrangente.¹¹⁶ Dessa maneira, formavam um grupo especialmente interessante para as intenções de Kolping, de dedicar-se e

¹¹⁵ *Also nur nicht die Hände in den Schoß legen und die schädliche Phrase repetieren: Religion allein macht all diese Mittel in der Soziale Frage überflüssig. Sie macht sie so wenig überflüssig, wie sie die Arznei gegen die Krankheit überflüssig macht. Zum Preservieren ist allerdings die Religion das einzige und ebenso zum Konservieren, nicht aber zum Kurieren. Unrichtig führte daher jener Pastor den Gesellenverein als Beispiel auf. Dieser Verein sollte ja vorherrschend nur präservieren und konservieren, nicht kurieren. Unverdorbenes schützen und bewahren, das ist seine Hauptabsicht, da er es ja nur mit der Jugend zu tun hat.* [Tradução do autor]. Idem. Ibidem., p. 287.

¹¹⁶ BORN, Stephan. *Erinnerungen eines Achtundvierzigers*. Leipzig 1898, p. 13. Apud: PLUM, Op. Cit. p. 88.

orientar as pessoas que mais adiante estariam em condições de contribuir e influenciar na mudança social desejada.

A missão da associação do artesão é uma das mais importantes do mundo. Os artesãos são os que na maioria das vezes dão tom de uma cidade, ou bom ou ruim. Eles estão em constante contato uns com os outros e com as demais classes da sociedade e tem o maior contato com as pessoas. Ou o artesão voltará a ser virtuoso e despretensioso, ou o artesão ira se conjurar. Nossa associação se ocupa acima de tudo com companheiros e não pode sair deste círculo. Mas nossos companheiros serão mestres algum dia e, se estiverem convencidos de que são também missionários para com seus irmãos, a atuação se exercerá sobre a totalidade da classe dos artesãos.¹¹⁷

Assim, Kolping foi um dos primeiros em insistir de uma maneira tão inequívoca e pragmática na responsabilidade pessoal de cada cristão para com o mundo. Essa delimitação e parcialidade a favor dos jovens foi fortemente reprovada por seus críticos, mas por outro lado, provavelmente foi justamente esta agilidade de suas atividades pedagógicas e político-sociais que contribuíram para que sua obra adquirisse uma consistência sólida, capaz de resistir aos distúrbios sociais do processo de industrialização.

Devido o desamparo e os efeitos nocivos da sociedade industrial, grande parte dessa classe de jovens trabalhadores não conseguia trilhar o caminho para alcançar sua formação como profissional autônomo. Estes buscavam, então, contornar suas dificuldades através da renovação das antigas formas tradicionais de vida social, através de reuniões e da cooperação era possível organizar sua situação e proteger a classe da desintegração. Pelo fato de oferecer uma possibilidade desses jovens alcançarem alguma instrução, as associações desempenhavam um importante papel na carreira profissional desses artesãos, pois através das atividades das associações, palestras e reuniões, podiam se aperfeiçoar na formação geral, ou seja, a instrução em prol da possibilidade de estabelecer-se e exercer dignamente a profissão.

¹¹⁷ Idem. Ibidem., p. 194.

Como analisado por Plum, Kolping ocupou-se do oficial artesão católico crente no que relacionava a todas as suas necessidades religiosas, intelectuais, materiais e recreativas. Com persuasiva eloquência através de escritos pedagógicos, Kolping ofereceu uma "religião para o uso doméstico", adaptada ao entretenimento e às necessidades dos jovens oficiais artesãos, ou seja, tratavam de perguntas práticas do cotidiano e de interesse imediato. Kolping falava sobre os mais variados assuntos, por exemplo, descrevia a vida familiar e conjugal, discorria sobre a educação das crianças e apresentava exemplos para o aumento do nível de formação profissional; também tratava sobre a necessidade de fazer-se economia e das preocupações materiais¹¹⁸:

Uma parte importante da atuação da associação é a caixa de poupança. A propriedade é de valor inestimável para um mestre. Um pé quadrado de terra é de valor inestimável para quem nunca possuiu nada. Se uma pessoa tem a oportunidade de dar o primeiro passo para sua propriedade, assim ele se esforça notavelmente, ele se torna mais ativo, econômico, age e trabalha de modo bem diferente de antes, é como se tivesse se transformado em outra pessoa. Este é o fruto das primeiras economias. A pequena burguesia nas cidades oscila e voa demais de um lugar para outro, por isso o povo também é tão migratório em sua moral e pensamentos. Mas quando alguém possui uma casa, ele se torna notavelmente conservador. Eu não consigo compreender como se pode falar de patriotismo com um povo que não possui nenhuma propriedade. A associação dos companheiros também deve observar que o homem tenha acesso a uma propriedade digna. Se eu pudesse multiplicar minhas forças, iria me concentrar num ponto: fundar associações de companheiros, que tenham uma casa própria, onde morasse o presidente.

Não é difícil de imaginar que provavelmente existiu uma necessidade de adaptação, e um longo processo de informação para fazer as associações que antes eram voltadas para os moldes das antigas corporações da Idade Média, se voltassem para as necessidades e exigências do mundo moderno. Dentro desse processo, seguramente podemos dizer que teve grande importância o fato de Kolping ter sido um artesão companheiro e assim apresentar uma capacidade pedagógica bem maior do que a apresentada por muitos teóricos intelectuais da

¹¹⁸ PLUM, Op. Cit. p. 116-117.

emancipação do operariado¹¹⁹. Nas palavras de Kolping: “Ninguém sabe melhor onde o sapato aperta do que aquele que o usa. Ninguém conhece melhor a necessidade e o real freqüente estado de desespero dos artesãos, que os artesãos mesmos”¹²⁰, ou seja, que somente seria possível compreender as necessidades dos trabalhadores quem fizesse parte dos trabalhadores, ou, no seu caso, tivesse feito parte dos trabalhadores. Dessa maneira, as *Gesellenvereine* Kolping tornavam-se lugares atrativos para a congregação desses trabalhadores, estimulando assim uma relação de companheirismo, e nos anos seguintes as associações experimentaram uma rápida difusão, o qual demonstrou que a “semente havia caído em terra fértil¹²¹”, e dito de outro modo, que a idéia correspondia a uma necessidade real da época. A partir dessa difusão foram então elaborados e aprovados no nível da federação os primeiros “estatutos gerais”, sobre cuja base das distintas associações locais redigiram e aprovaram os seus próprios estatutos particulares.

Desde o princípio a sede da federação estava em Colônia, onde Adolf Kolping exercia a posição de assessor tanto da associação local e quanto da federação. Devido a sua sóbria autoridade, pôde marcar com seu zelo pessoal o destino e desenvolvimento das instituições até sua morte em Dezembro de 1865. Quando morreu em 1865, Kolping através de suas orientações com palestras e organizações, conseguiu fundar 418 *Gesellenverein* de

¹¹⁹ Idem. Ibidem., p. 167.

¹²⁰ *Niemand weiß besser, wo der Schuh drückt, als wer ihn am Fuße trägt. Niemand kennt die Not und die oft wahrhaft verzweifelte Lage der Handwerker besser als eben die Handwerker selber.* [Tradução do autor]. COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef A. *Adolf-Kolping-Schriften: Kölner Ausgabe / Soziale Frage und Gesellenverei: Teil II: 1852-1858.. Band 5.* Köln: Kolping-Verlag GMBH, 1986, p.57.

¹²¹ *Kolpinglinks Portal Latinoamericano de Enlaces Kolping. Documentos & Publicaciones Obra Kolping Internacional Oficina Santiago de Chile.* Disponível em: <<http://www.kolpinglinks.net/ind2docs.html#adolfo>> Acessado em Outubro de 2004.

trabalhadores similares às de Colônia. Dessa maneira, observa-se que objetivando a reprodução social, a mediação operada pelo agente assemelha-se ao papel estratégico, mas não exclusivo, os sistemas educativos desempenham no processo de socialização.

Segundo Sérgio Miceli, “do ponto de vista do agente, e tão somente em certa medida, o mundo é o que consta de seu universo de representações, as quais devem forçosamente ser incorporadas à construção do objeto a cargo do observador”¹²², pois os agentes vivem as suas próprias representações donde retiram o valor e a importância de cada elemento da sociedade. Dessa maneira, tem grande importância observar o processo de moldagem pelo qual passa o agente para incorporar os princípios e as significações de um determinado modelo social. No caso de Adolf Kolping, os principais objetivos destacados em sua ambiciosa iniciativa eram dar continuidade na formação da vocação, a formação de cristãos, cidadãos trabalhadores e pais de família, pois assim conseguiria abranger os aspectos sociais, econômicos e morais da sociedade.

Mesmo depois da morte de Adolf Kolping, as associações por ele lideradas foram se expandindo por grande parte da Europa. Naquela época já existiam – na Alemanha, em outros países europeus como Suíça, Hungria e Yugoslávia, e também em países de outros continentes como na América do Norte e na Austrália – 418 associações locais, prestando assistência para cerca de 25.000 membros.¹²³ Um aspecto que merece notável observação é a maneira como se desenvolveram as preocupações e as iniciativas de ajudar as associações, que naquela época eram concebidas como parte do movimento social católico que havia se formado com a intenção de contribuir na solução dos problemas sociais.

¹²² MICELI, Sérgio. IN: BOURDIEU, Op. Cit. p. XXI.

Podemos dizer que essas associações estão intimamente aliadas a esse ideal, de resolver os problemas surgidos nas sociedades industrializadas, ou seja, a essa noção de que esses problemas são mais bem resolvidos em comunidade. Devemos considerar que as representações possuem uma existência material que em geral traduzem-se em atos e práticas. As diferentes modalidades institucionais podem ser entendidas como expressões que correspondem a diferentes observações acerca da vida social total. Por isso, atualmente, podemos constatar que as Comunidades Kolping estão espalhadas por todo o mundo e continuam realizando suas atividades.

Mas a forma que essas instituições com sua estrutura de sistemas de práticas e crenças religiosas assumem em um dado momento do tempo, sofre um afastamento do conteúdo de seu projeto original e a mensagem só pode ser compreendida inteiramente se for contraposta com a estrutura completa das relações materiais e simbólicas dessa sociedade. No contexto das sociedades industriais, em que surgem as instituições culturais preocupadas com a questão social, o discurso organizado por estas condena os problemas na revolução industrial decorrentes do liberalismo, pois a condição às quais eram expostos os homens eliminava qualquer idéia de redenção e salvação, conseqüentemente os trabalhadores desinteressavam-se pelos problemas de ordem moral e religiosa. Kolping entendia que não era somente o maquinismo que esmagava o homem, mas o sua exploração pelo capitalismo. Semelhante posição pode ser observada no catolicismo francês, analisada por Michel Lagrée, no qual descreve a constante tensão que existiu entre as atitudes cristãs diante das técnicas modernas. “Diante disso a religião aparece como uma resposta para aquilo que foi prometido pelo projeto

¹²³ Dados coletados em diversas fontes: SCHMITZ, Arsênio José, Op. Cit. p. 27; UNZUETA, Luis M. *Obra Kolping, Uma Família No Mundo Do Trabalho*. São Paulo: 1985 p. 18

da modernidade, mas não foi alcançado”.¹²⁴ Por isso, era necessário resolver esse problema, e a maneira mais eficaz era promovendo um discurso que dignifica o trabalho, no caso das *Gesellenvereine* Kolping, através de cursos e especializações do trabalho e instrução do trabalhador.

Mas ao promover isso, também condicionam e regulam os homens para essa sociedade industrial. Esse fato pode ser melhor compreendido através da análise de Bourdieu, ao dizer que numa sociedade dividida em classes, as estruturas dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribuí para perpetuação e para a reprodução da ordem social cultural ao contribuir para consagrá-la, entendida na forma de um conjunto de relações simbólicas e materiais estabelecidos entre os grupos ou classes.

Isso acontece porque no momento em que se apresenta o conjunto de relações, esta se estrutura e organiza em posições polares, a saber, os sistemas de práticas e de representações tendentes a justificar a preeminência das classes dominantes no caso a religiosidade, e os sistemas de práticas e representações tendente a impor aos dominados um reconhecimento da legitimidade da dominação fundada no desconhecimento da relação da dominação e dos modos de expressão simbólicos da dominação, contribuindo desse modo ao reforço moral da representação simbólica de uma disposição de renúncia e do *ethos* resignação diretamente sugerido pelas condições de existência por parte dos dominados¹²⁵.

Se considerarmos que o interesse religioso tem como princípio a necessidade de legitimar determinadas representações vinculadas a uma determinada condição de existência e

¹²⁴ HILLESHEIM, Jaime; MENDONÇA, Elaine Cristina, *Algumas Reflexões sobre o Associativismo Religioso em Blumenau*. IN: SCHERER-WARREN Ilse; CHAVES, Iara Maria. *Associativismo civil em Santa Catarina: trajetórias e tendências*. Florianópolis: Insular, 2004, p. 83.

¹²⁵ BOURDIEU, Op.Cit., p. 53.

forma de estrutura social, o papel por ela desempenhado será em favor de uma classe, concordando com a posição que este grupo ou classe ocupa na sociedade. Por isso, o sistema de representação legitimado pela religião, para conseguir um efeito de mobilização, deve fornecer um sistema de justificação das representações que também deve estar associado ao grupo na medida em que ele ocupa uma determinada posição na estrutura social. Ao conseguir isso a Igreja contribui para a manutenção da ordem social, tanto do ponto de vista da reprodução simbólica (ideais de vida, concepções de mundo) quanto do ponto de vista da reprodução material (instituições de trabalho, como no caso das Sociedades Kolping).

As idéias de Kolping continuaram caracterizando o movimento católico do século XIX até por volta dos anos 1870-80, quando surgem novos personagens no cenário católico, como Franz Hitze, Franz Brandts, Von Hertling, Windhorst. Estes fundam o partido católico em 1871 e na década de 80 eles não são mais fundamentalmente contrários à sociedade moderna, mas procuram fazer uma reforma social, em que o Estado devia regular a relação entre patrões e empregados. A concepção liberal moderna de Estado, que vê a fonte do poder e base de legitimação, sobretudo na idéia de contrato social e não num poder divino, assim como a filosofia moderna, que entende a razão como o único instrumento de compreensão de mundo, são os pontos principais contra os quais a Igreja direciona a suas atenções. O auge desta reação ou crítica é a publicação da encíclica de Pio IX, “*Quanta Cura*” e de sua agregada “*Syllabus Errorum*”, publicada em 1864, trata-se de pronunciamentos críticos e condenatórios em relação às concepções de mundo e a idéias modernas.¹²⁶

¹²⁶ WERLE, André Carlos. KLUG, João. *A Revista de Tropas do Exército Católico Alemão. Congressos Católicos na Alemanha e no Sul do Brasil*. Florianópolis: 2006. 219 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina.

As décadas seguintes à morte de Adolf Kolping podem ser caracterizadas certamente como um período de crescimento e continuidade dentro do âmbito das associações, pois ocorreu uma significativa expansão, na qual até o final do século a rede de associações cobria grande parte dos países da Europa. Nesse período, ainda não se constata nenhuma grande mudança no que se refere às atividades – religiosas, trabalhistas e culturais – organizadas pelas associações. Também não houve mudanças significativas nas estruturas e na organização das associações, de modo que os estatutos gerais de 1864 ao longo dessas décadas não sofreram nenhuma mudança que valha a pena mencionar.¹²⁷

Não obstante, o crescimento e expansão das associações e sua consolidação no interior das sociedades foram motivos suficientes para fazer com que elas assumissem novos sentidos e significados, e assim ampliassem e aprofundassem iniciativas e atividades de acordo com as necessidades dos lugares onde se estabeleciam. Assim, por exemplo, nas dioceses que contavam com um número especialmente elevado de associações locais, foram se criando “associações de distrito”, ou seja, uma espécie de centrais dirigentes que tinham o objetivo de disponibilizar um maior nível operativo entre as associações locais. Uma característica que deve ser mencionada dentro desse contexto de desenvolvimento, se refere à maneira como se desenvolveram também as iniciativas de ajuda mútua, que marcaram o ideal das associações desde a sua fundação, posto que em muitos lugares não existiam, ou estavam se formando os sistemas de seguridade social.

¹²⁷ *Estatutos Generales de La Obra Kolping Internacional* Disponível em: <<http://www.kolpinglinks.net/1002_pp-estatutos.html>>. Acessado em outubro de 2004.

Semelhante caso abordaremos no capítulo seguinte, ao tratar das Obras Kolping que se instalaram nos municípios de Itapiranga, e mais tarde em Rio do Sul, ambos lugares de colonização alemã, mas que apresentam realidades sociais distintas.

Capítulo III - As Comunidades Kolping de Itapiranga e Rio do Sul

O associativismo entre imigrantes

Como vimos nos capítulos anteriores, ocorreram grandes mudanças na sociedade alemã com o advento da industrialização. O primeiro impacto deu-se na esfera das tradicionais corporações de artesãos. Aqueles indivíduos que conseguiram se inserir no trabalho mecanizado das fábricas tiveram que se sujeitar à baixos salários e jornadas de trabalho exaustivas, muitas vezes tendo que contar com o trabalho do restante da família para conseguir extrair o seu sustento. Quem mais sentiu o impacto da industrialização alemã foram os artesãos e os camponeses mais modestos. As conseqüências para a população urbana, que vivia do artesanato, foram as piores, pois, impossibilitados de concorrer diretamente com as modernas máquinas que, pouco a pouco, substituíam sua força de trabalho, muitos artesãos sentiram na pele a ruína financeira e o desemprego.

Aqueles que vendiam sua força de trabalho às indústrias se proletarizavam, já que o salário que recebiam não correspondia de forma alguma às necessidades de sobrevivência do trabalhador e sua família. Dessa forma, inúmeros trabalhadores do artesanato e do campo tentaram – através da união em cooperativas e do auxílio mútuo – adaptar-se a essas mudanças, buscando manter sua independência econômica.

Para aqueles indivíduos que, por inúmeras razões pessoais, políticas ou econômicas não conseguiram adaptar-se ou inserir na nova ordem, a alternativa mais comum, e talvez a mais praticada, foi a emigração. Tendo como alternativa a emigração, partiam em grandes grupos rumo às Américas do Sul e Norte, numa tentativa desesperada de não engrossar as fileiras do proletariado artesão, que rapidamente surgiam nos centros urbanos alemães.

O ponto de partida para a imigração oficial de alemães para o Brasil foi o decreto de D. João VI, datado de 16 de março de 1820, declarando de maneira explícita o interesse do governo em incentivar a entrada de indivíduos alemães e daqueles “de outros países” que considerassem oportuno se estabelecerem em território brasileiro¹²⁸. Segundo o estudo de Carlos Fouquet, “a despeito de toda a boa vontade de seus homens públicos, não era-lhes possível solucionar todos os problemas que surgiram com a Independência. Havia carência de homens experimentados e ao Estado não era possível manter senão um contato muito superficial com os imigrantes, que permaneciam quase abandonados.”¹²⁹ Mesmo que essa situação não fosse consequência devido à indiferença ou má-vontade do governo, o que acontecia na maioria dos casos era o desamparo dos imigrantes, tanto na cidade, quanto na mata virgem.

Quantas vezes falam de suas cartas, seus relatos a solidão e a falta de amparo. Não é propriamente de solidão que se queixam muitos deles, em seus relatos, mas sim de falta de amparo. O que eles e seus filhos buscavam era aquele auxílio que as autoridades não lhes podia proporcionar. Encontraram-no em seu vizinho, e suas sociedades se tornaram órgãos de auxílio mútuo, democráticos e acalentadores de esperança no futuro, ajudando os novatos e sua prole a se ambientarem na sociedade em formação, fornecendo-lhes orientação para viver.¹³⁰

Desse modo, o associativismo aparece como uma forma comum de auxílio mútuo para a obtenção de melhoramentos, direitos políticos ou sociais. Assim como nos países da Europa e mesmo nos Estados Unidos, aqui no Brasil, não havia naquela época, necessidade de registrar como pessoas jurídicas as sociedades ou associações, sendo que, muitas e talvez a maioria das

¹²⁸ SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. *Uma São Paulo Alemã: Vida Quotidiana dos imigrantes Germânicos na Região da Capital (1827-1889)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 45.

¹²⁹ FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil, 1808-1824-1974*. São Paulo: Instituto Hans Staden, p. 156.

¹³⁰ Idem Ibidem., p.156.

pequenas sociedades, utilizaram-se dessa faculdade até 1930, quando entrou em vigor nova legislação. As sociedades tomam as mais diversas formas e se destinam a fins os mais diversos, sejam beneficentes, cooperativistas, sociais, econômicos, culturais religiosos ou políticos.¹³¹

Frequentemente surgiram associações e grupos religiosos que se empenharam em benefício de famílias, crianças, doentes ou velhos. Entre elas podemos destacar a *Deutsche Hilfsverein*, ou Sociedade Alemã Beneficente, que foi fundada aos 24 de setembro de 1863, “com o fim de prestar socorro aos pobres orphãos, viúvas e doentes da raça germânica que fallão a língua allemã”. Além de amparar indivíduos em precárias condições de sobrevivência, conseguia emprego, alimentação e moradia para imigrantes recém chegados à capital em São Paulo, e sem perspectivas de trabalho. E com o passar dos anos, a sociedade deixou de atender apenas à comunidade teuta, abrangendo quaisquer indivíduos que, por necessidade, precisassem de seu amparo. Atualmente é a mais antiga instituição alemã existente na cidade de São Paulo, com ampla sede no bairro do Butantã.¹³²

Nesse mesmo intuito, no ano de 1923, instalou-se em São Paulo uma *Gesellenverein* Kolping, expandindo-se após para o Rio de Janeiro (1924), Itapiranga (1931) por ocasião da visita do Secretário Geral Nattermann da Obra Kolping Internacional (1931) e em Curitiba (no princípio dos anos 40).¹³³

¹³¹Para mais informações gerais ver “As Sociedades”. FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974*. São Paulo, Instituto Hans Staden; São Leopoldo, Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974., p. 155- 168.

¹³² SIRIANI, p. 231-232.

¹³³ DIE GETREUEN, ZWEIMONATSSCHRIFT DES REICHSVORBANDES FÜR DIE KATHOLISCHEN AUSLANDDEUTSCHEN UND DES ST. RAPHAELSVEREINS, Beilage: St. Raphaelsblatt, 1932

Estas primeiras Comunidades foram fundadas por imigrantes alemães. Porém, a Segunda Guerra Mundial pôs fim em tudo, restando apenas as comunidades Kolping de São Paulo e de Itapiranga.

Em 1973 teve início uma nova etapa no âmbito dessa instituição, criou-se a Federação Nacional que deu um grande impulso ao seu desenvolvimento. Foram fundadas mais Comunidades Kolping em vários lugares, incluindo o Município de Rio do Sul como veremos abaixo.

A Comunidade Kolping de Itapiranga

Sabemos que a colonização do oeste catarinense foi promovido por várias empresas colonizadoras, dentre as quais a maioria era privada. Essas empresas colonizadoras perceberam grandes perspectivas de lucros na revenda das terras às quais estavam interessados os migrantes que vinham principalmente do Rio Grande do Sul.

As empresas colonizadoras adquiriam grandes áreas de terras através de concessões em troca da construção de estradas ou através de compra. Essas terras eram divididas em lotes e revendidos aos migrantes. Desse modo, a colonização do oeste catarinense foi intermediada por essas empresas de colonização que fundavam e organizavam novas colônias.

O processo de colonização da região do Município de Itapiranga, naquela época chamada de Colônia Porto Novo, se insere nesse contexto de fundação de novas colônias. Mas, no caso de Itapiranga, é necessário assinalar algumas particularidades. O que diferencia a colonização de Itapiranga do resto das demais colonizações do oeste catarinense é o fato de ter

sido organizada pela “Sociedade União Popular para Alemães Católicos”¹³⁴, comumente chamada *Volksverein*, fundada e dirigida pelos Jesuítas de São Leopoldo em 1912. No entanto, a Sociedade União Popular não era propriamente uma empresa colonizadora, pois não tinha como objetivo a simples revenda de terras. A atuação da Sociedade União Popular visava também o desenvolvimento econômico dentro de um conjunto de idéias e princípios éticos e morais que objetivavam um determinado estilo de vida social. Nesse estilo de vida social, a idéia de religião e etnia ocupavam um lugar de destaque, juntamente com o caráter de trabalho associativo e cooperativo entendidos enquanto mecanismos de desenvolvimento econômico.

Sendo assim, a colonização da região do extremo-oeste catarinense foi gerenciada pelos Jesuítas, e dessa maneira, formada dentro de um sistema de tradição correspondente ao catolicismo europeu, especialmente germânico. Compreende-se que este catolicismo, também conhecido como catolicismo-social era mais voltado para as questões sociais e políticas dos católicos e se insere em um contexto maior conhecido como Doutrina Social da Igreja. Segundo Erneldo Schallenberger, o “catolicismo-social alemão formulou um estatuto social que, durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, mobilizou a sociedade alemã e a Igreja Católica em particular diante do acelerado processo de industrialização, da urbanização desenfreada, da afirmação do liberalismo e da emergência do socialismo. Sem referência igual, traduziu suas propostas em movimentos sociais e em formas associativas que marcaram profundamente o curso da História”¹³⁵. Nesse sentido

¹³⁴ Para mais detalhes sobre “Sociedade União Popular para Alemães católicos” ver: WERLE, André Carlos; DIRKSEN, Valberto. *O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga)*. Florianópolis, 2001. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, p. 72-106.

¹³⁵SCHALLENBERGER, Erneldo. *Social-Catolicismo E Associativismo Cristão: Alemanha E Sul Do Brasil*. Disponível em: << <http://www.brasilalemanhaonline.com.br/site/materias/tese3.htm> >>. Acessado em Novembro de 2004.

“fundamentou seu pensamento na premissa de que a valorização de todo o esforço e de toda a construção individual adquire sentido e expressão quando comungadas e articuladas coletivamente”¹³⁶.

Desse modo, objetivando o amparo às organizações corporativas, da liberdade sindical e até da organização de associações interconfessionais estabeleceram-se construções teóricas e desenvolveram-se práticas associativas que referenciaram a ação católica num mundo marcado pela influência da ideologia liberal, pelo Estado anticlerical, pelo avanço tecnológico, pelo desenfreado individualismo e pela difusão da doutrina socialista¹³⁷. O catolicismo-social, emergido na Alemanha na segunda metade do século XIX e base para a Doutrina Social da Igreja, buscou a sua reafirmação entre os imigrantes teutos com a fundação, em 1912, da Sociedade União Popular para Alemães Católicos do Rio Grande do Sul, que centrou suas atividades em torno da educação, da religião, da família e da propriedade, concebidas como os esteios de um desenvolvimento comunitário autônomo.¹³⁸

A Sociedade União Popular comprou as terras destinadas à instalação da Colônia Porto Novo, da Empresa Chapecó-Pepery Ltda. Segundo André Carlos Werle, “a *Volksverein* colonizou as terras entre os rios Macuco e Pepery-Guaçú, onde planejou implantar Porto Novo: uma colônia formada exclusivamente de colonos de fala alemã e de religião católica”¹³⁹

¹³⁶ Idem Ibidem.

¹³⁷ Idem Ibidem.

¹³⁸ SCHALLENBERGER, Erneldo. *Cooperativismo e Política: Redes de Associações e Estado na Constituição do Marco Tecnológico e na Organização da Agricultura Sul-Brasileira no Período Vargas*. Disponível em: << >>. Acessado em Outubro de 2004.

¹³⁹ WERLE, André Carlos; DIRKSEN, Valberto. *O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga)*. Florianópolis, 2001. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, p.58.

Analisando o modelo de estruturação das glebas, as terras deveriam ser divididas em pequenas propriedades rurais, em moldes não muito diferentes dos lotes das antigas colônias. Isto resultaria numa estrutura fundiária ideal para o desenvolvimento da vida comunitária dos colonos. 25 hectares seria terra suficiente para uma família se estabelecer, sobreviver e até progredir. Pequenas comunidades, com lotes não muito distantes de um pequeno centro com igreja e escola, talvez ainda uma venda e salão de festas seria o cenário ideal para a nova colônia da *Volkverein*¹⁴⁰.

Desse modo, a Sociedade União Popular seguia uma estrutura ideal de colonização. Essa estrutura ideal, seria aquela que mais facilitasse a integração dos colonos, em eventos recreativos e religiosos, especialmente os que estavam localizados mais distantes do centro da comunidade. Por isso era importante organizar as linhas coloniais de modo que as comunidades não se distanciassem muito uma das outras e os lotes estivessem próximos do centro da comunidade onde havia a igreja e a escola¹⁴¹. Mas as atividades orientadas pelos Jesuítas não se restringiam somente à venda e organização dos lotes coloniais. Dentro do contexto amplo, abrangiam também o incentivo e organização de escolas, seminários e hospitais, além de associações direcionadas à vida social e cooperativas que visavam o desenvolvimento econômico. Com isso, pretendiam “assumir os interesses materiais, espirituais e culturais dos associados”¹⁴².

A Comunidade Kolping se estabelece na colônia Porto Novo dentro dessa estrutura ideal do modelo de colonização da Sociedade União Popular. Ao se instalar em Porto Novo a

¹⁴⁰ Idem Ibidem. p.118-119.

¹⁴¹ Idem Ibidem. p.119

¹⁴² Idem Ibidem. p.122.

Comunidade Kolping, naquela época chamada de “Grêmio Católico de Artífices” trouxe consigo os ideais e programas de atividades fundamentadas no catolicismo-social europeu.

No Grêmio Católico de Artífices logo após a Santa Missa reuniram-se no Hotel Frantz numerosos interessados para fundar uma Sociedade Recreativa. Na apresentação oficial inscreveram-se imediatamente 19 pessoas que se declararam Sócios da Sociedade Católica de Artífices. O Reverendo Sr. Nattermann deu a jovem Sociedade um lema e conclamou outrossim os presentes para com ânimo e perseverança iniciarem a tarefa.¹⁴³

Mas o contexto econômico que existia no oeste catarinense era muito diferente do contexto europeu, este marcado pelas mudanças ocorridas no processo de revolução industrial e o advento da modernidade. A situação da colônia de Porto Novo, assim como as demais colônias fundadas no oeste catarinense, resumia-se às necessidades típicas de uma sociedade agrária, a saber, problemas elementares como a deficiência financeira, o desamparado e a distância aos grandes centros consumidores, a devastação do solo através de métodos e técnicas incorretas de produção são alguns dos exemplos que podem ser citados.

Sendo assim, as atividades da Comunidade Kolping tiveram de ser ajustadas a essa nova realidade, os temas abordados nas suas reuniões e debates deveriam ser principalmente relacionados com esses problemas de ordem emergencial, e dito em outras palavras, para conseguir uma maior aceitação entre os colonos era necessário que a Comunidade Kolping se aproximasse dos colonos. Uma das maneiras de conseguir essa aproximação foi através da promoção da divulgação do ideal de companheirismo e ajuda mútua plasmada pela imagem do principal fundador Adolf Kolping. Na segunda assembléia de fundação do Grêmio Católico de Artífices, dia 15 de novembro de 1931,

¹⁴³ Livro de atas do Grêmio Católico de Artífices (1911-1937).

O Sr Rohde esclareceu que leigos e sócios desinteressados da Agremiação não trazem nenhum proveito para a Comunidade. Todo aquele que quiser ser sócio da Comunidade, incondicionalmente teria que ser sócio por puro idealismo e convicção e ocupar o espaço que lhe for confiado.¹⁴⁴

Em seguida na mesma assembléia o Sr. Dalinghaus leu trechos do livro *Adolf Kolping und sein Werk*, e assim transmitiu à Assembléia, em notável apresentação uma visão sobre o início das *Gesellenverein* e a vida do principal fundador Adolf Kolping. E nessa mesma assembléia o Sr. Aierle leu ao público¹⁴⁵ o Estatuto Geral do Grêmio Católico, assim como o Programa social e religiosos educativo do Grêmio Católico de Artífices. Na ata da primeira Assembléia Geral Ordinária de 19 de novembro de 1931, novamente o “Sr. Dalinghaus apresentou um trabalho sobre *Adolf Kolping und sein Werk*, apresentando assim aos presentes uma clara visão sobre o primeiro desenvolvimento da Comunidade”.¹⁴⁶

Agindo dessa maneira a Comunidade Kolping funcionava como um “importante mecanismo de conservação e recriação de valores e da cultura. Constituindo-se pela necessidade do exercício e da explicitação de crenças e convicções religiosas e progressivamente, vão revelando-se também espaços para onde convergem diferentes necessidades: sociabilidade, educação, fortalecimento de identidades e mútua ajuda”.¹⁴⁷ Segundo Schallenberger. “os migrantes, em condições sócio-ambientais diferenciadas, ao mesmo tempo em que sentiram a ausência de políticas públicas, viram-se, de certa forma, jogados diante de certo vazio de referenciais norteadores da reinvenção de sua identidade. As

¹⁴⁴ Livro de Atas do Grêmio Católico de Artífices em Porto Novo.(1931-1937)

¹⁴⁵ Refere-se aos sócios do Grêmio Católico de Artífices, que nessa ocasião constavam com 19 pessoas inscritas.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ HILLESHEIM, Jaime; MENDONÇA, Elaine Cristina, *Algumas Reflexões sobre o Associativismo Religioso em Blumenau*. IN: SCHERER-WARREN Ilse; CHAVES, Iara Maria. *Associativismo civil em Santa Catarina: trajetórias e tendências*. Florianópolis: Insular, 2004. p.76

famílias isoladas e as comunidades locais dispersas e desprovidas de instrumentos de mobilização social, facilmente se acomodavam diante das situações limite definidas pelas rotinas do cotidiano. A vivência da mesmidade, o atraso cultural e tecnológico e a falta de oxigenação das idéias representava, pois, o empecilho maior para a afirmação de uma ideologia social que tivesse como referencia a utopia cristã.¹⁴⁸

Dessa forma, além de serem realizadas palestras e reuniões voltadas para os assuntos referentes ao trabalho e a sociedade, realizavam-se também confraternizações com fins recreativos. Na Assembléia Geral Ordinária de 13 de março de 1932,

“o Sr. Schikling propôs que em cada Assembléia fosse por algum associado, abordado algum tema qualquer que fosse. Ocasionalmente deveria ser designado um associado neste sentido. A primeira dissertação será apresentada no Hotel Schöler pelo senhor Schikling. A posposta foi aceita por todos.”¹⁴⁹.

Nessas confraternizações realizavam-se discussões sobre assuntos polêmicos como a origem do socialismo e seu desenvolvimento, sobre as situações políticas, comerciais e sociais na Alemanha e os atuais destinos e finalidades das Associações Kolping na Alemanha, sobre o comportamento cristão e visão mundial. Por exemplo na assembléia de 13 de março de 1932:

O senhor Vice-presidente Dalinghaus pediu a palavra e lança a pergunta se as suas observações feitas na última reunião por acaso podiam ser interpretadas contra a Sociedade União Popular. Nisso tomou a palavra o presidente e justificou o real sentido e objetivo as Sociedade do Grêmio Católico, qual seja: a alegre descontraída concentração dos associados, etc. A Associação Católica não se destinava para fins comerciais, pois isto não fazia parte, em principio, do programa específico da sociedade

Em todas as hipóteses, deverá ser evitado que o Grêmio de Artífices se coloque lado a lado com outras Sociedades com objetivos opostos, pois na última assembléia o

¹⁴⁸ SCHALLENBERGER, Erneldo. *Social-Catolicismo E Associativismo Cristão: Alemanha E Sul Do Brasil*. Disponível em: << <http://www.brasilalemanhaonline.com.br/site/materias/tese3.htm> >>. Acessado em Novembro de 2004.

¹⁴⁹ Livro de atas do Grêmio Católico de Artífices em Porto Novo (1931-1937).

senhor Dalinghaus em certo sentido se expressou negativamente contra outras Sociedades.¹⁵⁰

Em momentos oportunos de descontração também se abordavam assuntos inéditos para a época como a influência da lua sobre a vida das plantas, por exemplo. Entre as atividades organizadas destacavam-se as excursões que eram conduzidas com o objetivo de promover um intercâmbio de informações e sociabilidade entre os colonos:

ao anoitecer a convite do antigo associado Senhor Rohde, foi feita uma visita rápida à colônia do mesmo, afim de apreciar um modelo de organização colonial, onde cada qual teve um novo impulso para as suas próprias atividades. [ata do dia 28 de março de 1932]¹⁵¹

Nos anos seguintes, mais precisamente em 1933, a Sociedade União Popular emprestou dinheiro para a compra de lotes para a construção do edifício onde seria a sede do Grêmio Católico de Artífices. Sem perda de tempo, a diretoria logo fez o orçamento das madeiras necessárias para construção e muitos sócios doaram as toras necessárias para a madeira.

¹⁵⁰ Idem. Refere-se a assembléia anterior na qual o Sr. Dalinghaus propôs que se realizasse uma viagem para conhecer e futuramente se unir à “Associação Germânica de Artesãos de Porto Alegre”.

¹⁵¹ Idem.



Prédio da Comunidade Kolping de Itapiranga
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

Existia certa urgência na construção do edifício, pois este foi utilizado no ano de 1934 para a realização do Congresso Católico. A realização do congresso trouxe um novo ânimo para os colonos de Porto Novo.

Dando seqüência [à assembléia] foram admitidos à Sociedade definitivamente 3 novos sócios, o Ver. Senhor Präses proferiu algumas palavras sobre o dia de hoje [05/12/1937], aniversário do dia de Kolping, e recomendou aos recém admitidos, como os demais irmãos em Kolping conservar fidelidade e firmeza na grande Obra de Kolping. Acentuou principalmente que a Sociedade dos Artífices não é uma entidade mundana, mas sim, uma Sociedade Religiosa. Falou ainda sobre a Saudação Kolping: Deus abençoe a honrosa Arte do Artífice. Honroso significado que a Arte manual, ou obra braçal foi introduzida por Deus, e que o próprio Deus nos colocou em meio a esta mão de obra.¹⁵²

¹⁵² Idem.

Através dessas atividades a Comunidade foi se firmando entre os colonos e aos poucos atingindo cada vez mais o seu objetivo principal de sanar os problemas da colônia pelo viés do associativismo e ajuda mútua, e por uma rigorosa vida religiosa.

No ano de 1936 a sociedade se compunha de 161 pessoas. As associações, juntamente com suas atividades e participações na vida associativa dos colonos, serviam como veículos norteadores influenciando os padrões éticos e morais da sociedade, suas formas de conceber o mundo atuando sobre ele e lhe conferindo um sentido. Esse sentido é apreendido pelos colonos através de indicações de padrões comportamentais considerados certos, justos e bons pela comunidade. A aceitação desses padrões assegurava a manutenção da organização social.

Mas o processo da campanha de nacionalização comandada por Getúlio Vargas após o golpe de 1937 abalou toda a estrutura de associativismos da região. Somente foram permitidas a existência de associações de cunho recreativo. Juntamente com a proibição da língua alemã cessaram também os encontros, pois todos os colonos eram de origem alemã e não compreendiam muito bem a língua portuguesa. Durante esse período, o prédio da Comunidade Kolping foi utilizado pelos colonos para a estocagem de grãos e de fumo que era produzido na colônia. Mais tarde com a eclosão da segunda guerra mundial a situação das Comunidades Kolping passou por pesadas repressões, tanto na Alemanha quanto no Brasil.

Segundo uma investigação realizada pelo Pe. Arsênio José Schmitz,

no começo da II guerra mundial as “Associações de Profissionais Autônomos” de muitas Dioceses (da Alemanha) tinham caído vítimas do nazismo. Os jovens tinham sido convocados todos para o serviço militar. No fim da ditadura nazista, de 150.000 associados haviam sobrado entre 30 a 40 mil associados. Dezenas de milhares de jovens tinham sido mortos na guerra. As Casas Kolping tinham sido desapropriadas ou destruídas pelas Bombas. A Igreja dos “Minoritas”, com a sepultura do Pe. Adolfo Kolping, tinha sido reduzida a pó e cinza. O assistente Eclesiástico Geral Mons. Hürth, tinha morrido durante um ataque aéreo na Casa Kolping de Colônia no dia 27.09.1944. seu representante tinha sido sepultado nas ruínas de sua cidade natal, Düren. O Assistente Eclesiástico Heinz Richter e o Administrador da Casa

Kolping de Colônia tinham sido condenados pela polícia secreta e morrido, em abril de 1945 no campo de concentração de Ohrdruf. O mesmo sucedeu a muitos Assistentes Eclesiásticos e Membros da Obra Kolpig da Alemanha e de outros países como a Áustria, a Holanda, a Bélgica, e Luxemburgo. Na Europa Oriental: Yugoslávia, Romênia, Tchecoslováquia, Polônia e Danzig, a Obra Kolping foi extinta e as Casas Kolping confiscadas pelos regimes comunistas.¹⁵³

No Brasil as coisas não foram muito diferentes. Durante a guerra as Comunidades Kolping foram todas, com exceção de duas, dissolvidas porque eram consideradas “ninhos de nazistas”¹⁵⁴. As duas Comunidades Kolping que sobreviveram, a de Itapiranga e outra de Piraquara em São Paulo. Essas comunidades conseguiram se manter porque reduziram suas atividades e se enquadraram na categoria de sociedades recreativas que não dispunham nenhum alcance político.

Com o termino da guerra, e a morte de grande parte dos dirigentes, a “Obra Kolping”, como é chamada a ordem de nível internacional, passou por uma reorganização da estrutura administrativa. Reuniram-se os Conselhos Gerais da Suíça, da Alemanha e da Áustria com o objetivo de organizar uma Direção Geral, mas existindo a impossibilidade dos alemães entrarem em outros países, os conselhos decidiram que a direção seria exercida por um trio de Assistentes Eclesiásticos Nacionais, um em cada país¹⁵⁵. Dessa maneira, a Obra Kolping se mostrava presente em muitos países desenvolvidos, mas por decisão tomada no “Congresso Internacional em Comemoração ao Centenário da Morte de Pe. Adolfo Kolping”, realizado em

¹⁵³ SCHMITZ, Arsênio José. *Obra Kolping Estadual de Santa Catarina, Subsídios para uma Reflexão e Orientação*. Rio do Sul: Imprensa Continental LTDA, 2000. p.35

¹⁵⁴ Idem. Ibidem. p. 36.

¹⁵⁵ Idem. Ibidem. p. 37-38.

Colônia, na Alemanha, em 1965, chegava à hora das atividades se expandirem mais intensamente nos países em desenvolvimento.¹⁵⁶

Para não pulverizar os recursos por todo o mundo resolveram concentra-los mais em um espaço determinado. Após inúmeras análises e debates, foi decidido no Congresso Internacional em Salzburg na Áustria em 1968, realizar o projeto chamado de “Ação Brasil”, que consistia em concentrar as atividades maciçamente no Brasil. As razões que levaram os participantes do Congresso a optar pelo Brasil foram: a grande extensão geográfica do país; o fato do Brasil se encontrar em uma fase de passagem de um país agrário para industrial e por isso necessita de pessoas profissionalmente preparadas para esta nova fase; e o fato de existir no Brasil uma “Família Kolping” em atividade que poderá prestar um importante papel no início dos trabalhos.¹⁵⁷

Desse modo, em 22 de novembro de 1973 reuniram-se as primeiras Comunidades Kolping e formaram uma Federação Nacional. Essa Federação auxiliou e estimulou a fundação de outras comunidades e organizou-as em níveis dentro da Federação Nacional, momento em que é fundada a Obra Kolping de Santa Catarina, em Rio do Sul.

A Obra Kolping de Rio do Sul

Para compreender a formação da Obra Kolping de Rio do Sul, devemos considerar a criação da diocese em 03 de agosto de 1969 e a ordenação e posse de seu primeiro bispo, Dom Tito Buss, como um fator que influenciou diretamente nesse evento. Iniciou-se em decorrência

¹⁵⁶ Idem. Ibidem. p. 39.

¹⁵⁷ Idem. Ibidem. p. 41.

disto um intenso movimento de renovação da vida religiosa em Rio do Sul. Nos primeiros anos, as prioridades estavam centradas em torno de três grandes linhas pastorais: 1) formação de equipes de catequese em todas as comunidades, 2) Formação de equipes para a Celebração da Palavra (Equipes de Culto Dominical), 3) Formação das equipes administrativas (Conselho de Fábrica ou Diretoria). Mais tarde, em 1975, criou-se uma 4ª equipe: a de Promoção Humana, quando tem início a Obra Kolping Diocesana.¹⁵⁸ A primeira ata do livro da Obra Kolping apresenta a data de 11 de setembro de 1975, a qual contava com a presença do padre Justino Kleinwächter, assistente nacional da “Obra Kolping do Brasil”; o bispo diocesano Dom Tito Buss que a longo tempo já tinha contatos com os trabalhos das comunidades Kolping; frei José Afonso, vigário de Santa Maria (SC), padre Evaristo Borget, vigário da paróquia de Rio do Sul, padre Lino Anderle e Sidnei Vitali, lotados na paróquia de Rio do Sul e várias outros leigos convidados¹⁵⁹

Qual o propósito desta quarta linha pastoral com a Obra Kolping é a questão que veremos a seguir, mas para tanto, é interessante analisar alguns aspectos da sociedade rio-sulense que incidem diretamente sobre este evento.

O município de Rio do Sul tem sua colonização ligada à Colônia de Blumenau e sua emancipação ocorreu em 15 de abril de 1931. Desde os primórdios, teve como atividade econômica principal a agricultura. As indústrias surgidas após, ou antes, de sua emancipação política sempre estiveram diretamente ligadas à agricultura e extração vegetal.¹⁶⁰ Entre estas, a

¹⁵⁸ KLUG, João; DIRKSEN, Valberto; VOIGT, André. *Igreja, Religião e Religiosidade*. IN: KLUG, João; DIRKSEN, Valberto. *Rio do Sul: uma história*. Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 1999, p. 253.

¹⁵⁹ Ata da reunião para formação da Diretoria da “Obra Kolping Diocesana de Rio do Sul” Santa Catarina, p.1.

¹⁶⁰ TOMASINI, Daniel; HOERHNN, Rafael C.L.S.I Atividades *Econômicas*. IN: KLUG, João; DIRKSEN, Valberto. *Rio do Sul: uma história*. Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 1999, p.153.

que mais se destacou foi a indústria madeireira, que durante muito tempo foi uma das bases da economia não só do município de Rio do Sul, mas de toda a região do Alto Vale do Itajaí¹⁶¹.

Devido a uma desenfreada exploração da madeira promovida durante décadas, as reservas do município e de toda região se encontravam, já nos anos sessenta, muito reduzidas, e a madeira deixou de ser a principal atividade da região. Somente as indústrias de grande porte sobreviveram, pois mantinham reservas de pinus. Em consequência disto, muitas empresas buscaram outras forma de atividades e investimentos, de modo que a partir de 1970 ocorre um considerável aumento no número de estabelecimentos industriais. Segundo dados do “Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico de Santa Catarina”, foram criadas 75 novas indústrias, dentre as quais as que mais se destacaram durante os anos de 1970-1980, foram as empresas de beneficiamento de madeira, artigos de vestuário e metalurgia.¹⁶² O aspecto mais importante que deve ser levado em consideração neste desenvolvimento industrial do município de Rio do Sul, é que este ocasionou um considerável deslocamento demográfico da zona rural em direção à urbana. Segundo dados do IBGE, em 1969 a população de Rio do Sul era de 13.053 pessoas na zona urbana e 24.878 na zona rural, o que demonstra que nesse momento a agricultura ainda era a principal atividade econômica. Contudo, observando os dados do ano de 1980, ocorre uma inversão da estatística, visto que 33.362 habitantes já moravam na zona urbana e apenas 2.878 continuavam na zona rural.¹⁶³

Essa migração rural não passou despercebida aos olhos do Pe. Arsênio José Schmitz, de modo que começou a coordenar os trabalhos da Obra Kolping no ano de 1977. Em carta

¹⁶¹ Idem. Ibidem., pg. 161

¹⁶² Idem Ibidem., p. 168-169.

¹⁶³ Idem Ibidem., p.168.

enviada para as Irmãs do Instituto “Serviam” de Braço do Norte ele traça um paralelo do contexto da Santa Catarina dos anos 70 com o da Alemanha no século XIX:

A situação social de Santa Catarina é muito parecida com a da Alemanha no século passado: migração rural, urbanização crescente, industrialização sem planejamento. Estes fenômenos mostram sinais claros de marginalização de grandes massas humanas: 30 ou 40 anos atrás a migração dos excedentes populacionais do interior dirigiam-se mais para o interior ainda. Assim é que aqui se encontram muitas pessoas que, elas mesmas ou os pais, vieram da região de Tubarão. Agora, no entanto, a corrente migratória se dirige para as cidades. Costumam dizer que as nossas cidades não crescem mas “incham” para exprimir a impossibilidade de controlar e planificar o seu desenvolvimento.¹⁶⁴

Existia uma preocupação por parte dos religiosos sobre a migração, ou êxodo das pessoas do campo para a cidade, mas ao analisar outro fragmento desta mesma carta, percebemos que não era propriamente a migração que preocupava, mas o tipo de pessoas que estava migrando.

...o tamanho médio da propriedade rural está em 20 hectares, por isto, por lei do governo federal, não poderão estas propriedades ser divididas. O número médio de filhos por família está entre 4 e 6 conforme a região. Alguns falam até de 7 ou 8. a consequência disto é que matematicamente certo que mais do que a metade da juventude terá que migrar. Para onde? Os fatos mostram que não vão para a Amazônia, mas para a cidade.¹⁶⁵

Nesse sentido, havia uma grande preocupação acerca da juventude, que devido o esgotamento do trabalho no campo, procurava melhores oportunidades de emprego nas cidades. Este fato não é exclusivo para o caso de Rio do Sul, podendo ser observado também em outras partes não só de Santa Catarina como também em outros Estados brasileiros. Nas pequenas propriedades rurais era prática comum que normalmente um dos filhos permanece na propriedade trabalhando junto com os pais e os demais buscam alternativas de emprego em

¹⁶⁴ Carta de Arsênio José Schmitz de Rio do Sul, para Irmã Joana de Braço do Norte, dia 30 de setembro de 1977. Acervo da Obra Kolping de Rio do Sul.

¹⁶⁵ Idem Ibidem.

centros urbanos. Mas, no caso observado pelo padre Arsênio, existia um agravante principalmente no que se refere a juventude. Na mesma carta, ele expõem suas preocupações:

Vamos ver alguma coisa sobre a marginalização: a juventude do interior, onde existe um forte controle social, vai a igreja e se comporta, em parte sob esta pressão dentro dos padrões morais estabelecidos. Uma vez na cidade se sente livre. o rapaz ganha pouco e sem a família que o acolha e ampare se sente desenraizado. Muitos, depois de pagar o aluguel de casa e a alimentação, gastam o restante nas casas de jogo, bebidas e nas casas de prostituição. Um dado importante é que na estrada entre Blumenau e Rio do Sul (86km) há 297 casas de prostituição conhecidas pela polícia. A moça: tornou-se comum dizer: para a moça a cidade traz no primeiro ano um filho. Ela não terá mais coragem de voltar para casa dos pais que também dificilmente a aceitam por causa da desmoralização da família no interior. [...] além deste fato, a moça é explorada no trabalho. Para conseguir um emprego tem que assinar que recebe o salário mínimo, mas na realidade não lhe é pago. Muitas moças do interior acabam nas casas de prostituição.¹⁶⁶

Nestes termos, a grande preocupação apresentada pelo Pe. Arsênio era em relação ao que ele denominava de “marginalização”, ou seja, o afastamento dos valores sociais e morais previstos pela Igreja Católica, que ocorriam em consequência dessa migração. Dito em outras palavras, para o religioso esse comportamento por parte dos jovens, acabaria em um afastamento total das relações com a Igreja, e isto era de fato um problema importante em sua opinião.

Mas, para além dos motivos do Pe. Arsênio, foram apresentados outros fatores que influenciaram a fundação da primeira Obra Kolping Diocesana do Brasil. De acordo com o Pe. Justino Kleinwächter, publicado no periódico “Brasil-Post” de São Paulo de 8 de novembro de 1975, os objetivos se estendem para além da ordem local, pois: 1) o trabalho Kolping não significa somente organizar cursos profissionais, mas sim se relaciona principalmente com a formação de uma comunidade na qual a pessoa isolada se transforma em personalidade. Este objetivo independe da classe social do trabalhador. E a formação deste espírito comunitário é

¹⁶⁶ Idem Ibidem.

visto como necessário em geral e para Santa Catarina. O *Gemeinschaftsgeist* [espírito comunitário], as atividades cooperativistas e sindicais, a socialização progredem muito lentamente e sua necessidade aumenta na medida em que a urbanização avança e as dificuldades do meio rural crescem. 2) o bispo local Dom Tito Buss via na Obra Kolping uma chance de abranger de forma concreta e firme a formação da consciência referente à realidade social do evangelho. Pois, o ideal Kolping é um acontecimento que procura abranger o homem em sua totalidade na sociedade e na vida espiritual. 3) a região sul oferece mais chances para o início de um enraizamento da Obra Kolping no povo brasileiro: pela tradição, pela estrutura eclesiástica e pela formação escolar. Financeiramente são necessários menos recursos. Aqui o ideal precisa atuar e a partir daqui ele pode crescer. 4) a estruturação social da população em pequenas cidades e zonas rurais pelo menos promove a *Gemeinschaftsidee* [idéia comunitária] e necessita exatamente nesse momento a ajuda e incentivo para a formação profissional fora da agricultura.¹⁶⁷

Com esses objetivos a meta era organizar e agregar mais sete novas comunidades. Isto foi decidido na reunião dos diretores diocesanos de todas as obras sociais em Santa Catarina (CNBB-IV Ação Social) em Lages, na qual foi apresentado o ideal Kolping. De acordo com Padre Justino, das sete comunidades, foram fundadas: Dona Ema, Rodeio, Ibirama, Salete, Taió, Ituporanga; pois a comunidade de Santa Maria-Benedito Novo que já existia há dois anos logo se engajou.¹⁶⁸

Desse modo, para alcançar os objetivos gerais e também para sanar os problemas observados pelo Pe. Arsênio, foi importante a atuação da diretoria da Obra Kolping de 1975

¹⁶⁷ BRASIL-POST, São Paulo, 8/11/1975. Acervo do Instituto Martius-Staden. São Paulo.

até 1977 que conseguiu adquirir um terreno para a instalação do prédio onde deveria funcionar a instituição. Conforme registrado em ata, a compra do terreno para a construção do prédio foi possível através da ajuda solicitada a “Adveniat”¹⁶⁹ e, de acordo com os registros daquele ano, a compra de um terreno para a instalação era a preocupação principal que definiu o início das atividades junto à população.

Logo após a compra do terreno, iniciaram-se os planejamentos e projeções para a construção do centro Kolping. Na ata de 31 de janeiro de 1977, “falou-se na urgência do encaminhamento para a Áustria do projeto detalhado da construção que abrigaria 40 pessoas, afim de que não sofram atraso de verbas. Discutiu-se a viabilidade de se construir quartos para cada duas pessoas e banheiro, sanitário e pia para cada três pessoas”¹⁷⁰. Nesse sentido, já havia uma demanda por parte da população, que mobilizava os dirigentes da Obra Kolping. A preocupação era que, se os prédios não fossem construídos logo, a ausência de instalações apropriadas poderia vir a ter um efeito contrário e poderia causar o descrédito dessa instituição perante a população.

Deste modo, durante o ano de 1977, iniciaram-se os trabalhos de construção dos prédios onde funcionariam as oficinas, o alojamento e a direção. O ato de lançamento da pedra fundamental foi realizado em uma grande comemoração. A julgar pela descrição registrada na ata, houve uma intensa mobilização por parte da diretoria:

foram distribuídas as tarefas tais como, providência de livro ouro para a ata do ato solene de inauguração, tijolos, areia, ferramentas, martelo, colher de pedreiro, etc, para o ato da inauguração. Contactos com as rádios e jornais locais, providências com fotógrafos, providências de faixas, mesa, serviço de som, tesouraria instalada

¹⁶⁸ Idem Ibidem.

¹⁶⁹ A organização Adveniat tem como meta uma ajuda financeira, adquirida através de doações da Igrejas Alemã, para países pobres. Ata da Reunião da Diretoria da Obra Kolping Diocesana de Rio do Sul, 09/08/1976, p. 05.

¹⁷⁰ Idem 31/01/1977, p. 8.

para efetuar o recebimento de donativos e fornecer recibos. Todas as providências foram tomadas, tendo sido distribuídas as tarefas ao encargo dos membros da diretoria e outros.¹⁷¹

Tal mobilização demonstra que se tratava de um momento importante. Seu objetivo era começar a construção e ao mesmo tempo transmitir, por meio de um evento festivo, a importância da Obra Kolping para a população.



Lançamento da pedra fundamental da Obra Kolping-Rio do Sul
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

Nesse sentido, no dia 3 de abril de 1977, realizou-se no terreno adquirido pela Obra Kolping, uma festa que deu início às atividades, a qual contava ao mesmo tempo com o intuito

¹⁷¹ Idem 30/03/1977, p. 10.

de promover o conhecimento da instituição entre a população católica e empresários donos de indústrias locais e mostrar os benefícios que a instituição poderia trazer para ambos.¹⁷².



Evento no terreno da Obra Kolping-Rio do Sul
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

Com os resultados obtidos nesse evento festivo, a diretoria da Obra Kolping percebeu que a divulgação e propagação das idéias seriam o melhor caminho para alcançar bons resultados. O ano seguinte ao início das construções representou para os dirigentes um período de muito trabalho e desenvolvimento no sentido da divulgação e propagação dos ideais e das pretensões das suas atividades. Tanto é que esse procedimento é adotado todas as vezes que ocorre algum evento, por exemplo, na conclusão dos primeiros prédios, no ano de 1978, mais precisamente no dia 16 e abril, quando aconteceu a inauguração da Escola de Marcenaria, que ocorreu de forma semelhante ao lançamento da pedra fundamental, isto é, por uma grande festa.

¹⁷² Idem 05/04/1977, p. 10.



Inauguração da Marcenaria da Obra Kolping-Rio do Sul – 1
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)



Inauguração da Marcenaria da Obra Kolping-Rio do Sul – 2
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

Este evento festivo evidencia o caráter propagandístico, como pode ser observado nas fotografias, contando com a presença de um público maior, destacando-se a participação do Governador do Estado Antônio Carlos Konder Reis, do Bispo diocesano Dom Tito Buss, de muitas outras autoridades como secretários de Estado, Deputados, políticos e religiosos do mais alto destaque, do povo em geral e principalmente dos membros das comunidades

Kolping de toda a diocese e principalmente de Pe. Justino, assistente nacional da Obra Kolping.¹⁷³

Um fato curioso, mas que certamente deve ter contribuído para o entretenimento na festa e para a divulgação da inauguração da marcenaria, foi o aparecimento pouco comum do Pe. Justino descendo literalmente de pára-quedas no meio da festa. Essa apresentação pode ser vista como uma estratégia de atrair a atenção principalmente dos jovens, que eram o público alvo das Obra Kolping, pois pára-quadismo não era algo que podia ser visto todos os dias. Pode-se lembrar aqui a ênfase que o próprio Kolping dava ao entretenimento dos jovens. Tanto é que durante os dois dias do evento, o Pe. Justino realizou várias acrobacias, utilizando um pára-quedas com o emblema das Comunidades Kolping, garantido sua divulgação entre a população e, de certo modo, procurando conferir um caráter lúdico dessa instituição.



Pe. Justino Kleinwächter – evento da inauguração da marcenaria
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

¹⁷³ Ata do Registro das principais ocorrências e atividades desenvolvidas pela Obra Kolping Diocesana de Rio do Sul, no processo de tempo de março até o dia 16 de Abril de 1978, data em que aconteceu a Inauguração da Escola de Marcenaria, p. 29.

Veremos adiante que, além das atividades e cursos profissionalizantes, eram realizadas também outras atividades de caráter lúdico para o entretenimento dos membros da comunidade.

A inauguração da marcenaria deu uma nova dinâmica para a Obra Kolping de Rio do Sul, pois puderam colocar em prática as atividades e intenções que até então somente permaneciam nas palavras. Com a vinda de um mestre marceneiro da Áustria, logo foram organizadas as turmas para o curso de marceneiro. Esse curso teve uma grande demanda de alunos jovens e também adultos. Um dos motivos dessa demanda pode ser entendido pela quantidade de indústrias madeireiras existentes no município e pela carência de mão-de-obra qualificada nessas empresas. Além do curso de marceneiro, foram realizados outros cursos como, por exemplo, de eletricista, de encanador, de eletrônica, culinária e assim por diante. Trata-se portanto, de profissões que não utilizam máquinas e ferramentas caras e poderiam ser realizadas em salas de aulas normais.

Com o passar dos anos, os cursos profissionalizantes foram se incrementando e, durante toda a década de 80, grande parte dos cursos recebiam o apoio de órgãos como Senai, Senac, Fucat e Senar. Depois que as indústrias madeireiras deixaram de ser o ponto forte da economia rio-sulense e começaram a se desenvolver novas indústrias, como a têxtil e a metalurgia, os cursos realizados também sofreram alguns ajustes. Diante da demanda de emprego dessas indústrias que se desenvolviam, a Obra Kolping se mobilizou para promover cursos que tivessem ligação com estes ramos industriais, como por exemplo, o curso de torneiro mecânico e soldador, assim como o curso de corte e costura. No entanto, para realizar esses cursos eram necessários equipamentos específicos e máquinas semelhantes às usadas nas indústrias.

A impossibilidade de conseguir recursos para comprar este tipo de maquinário, ensejou o pedido de auxílio da Obra Kolping às Comunidades Kolping da Alemanha. Várias máquinas usadas foram enviadas pelos alemães, porém, o alto valor do equipamento causou vários contratempos no porto de Itajaí. Segundo consta na ata de 12 de setembro de 1988, o “Pe. Arsênio foi a Itajaí e lá informaram que não poderia mais receber e informaram que proibem a entrada de máquinas da Alemanha. O Deputado Luis Henrique falou que poderiam deixar entrar máquinas usadas no Brasil se fossem para entidades filantrópicas. Pe. Arsênio foi á Brasília e especificou todas as máquinas. Seriam máquinas para as oficinas. Só o valor de metade das máquinas seria de 172 mil dólares”¹⁷⁴. Devido a vários problemas de ordem burocrática, somente em 1989, “após mais de um ano de luta, finalmente as máquinas doadas pela Alemanha estavam em nosso poder, elas serão destinadas ao aperfeiçoamento e especialização de mão-de-obra.”¹⁷⁵



Descarregamento de máquinas vindas da Alemanha 05/06/1989
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

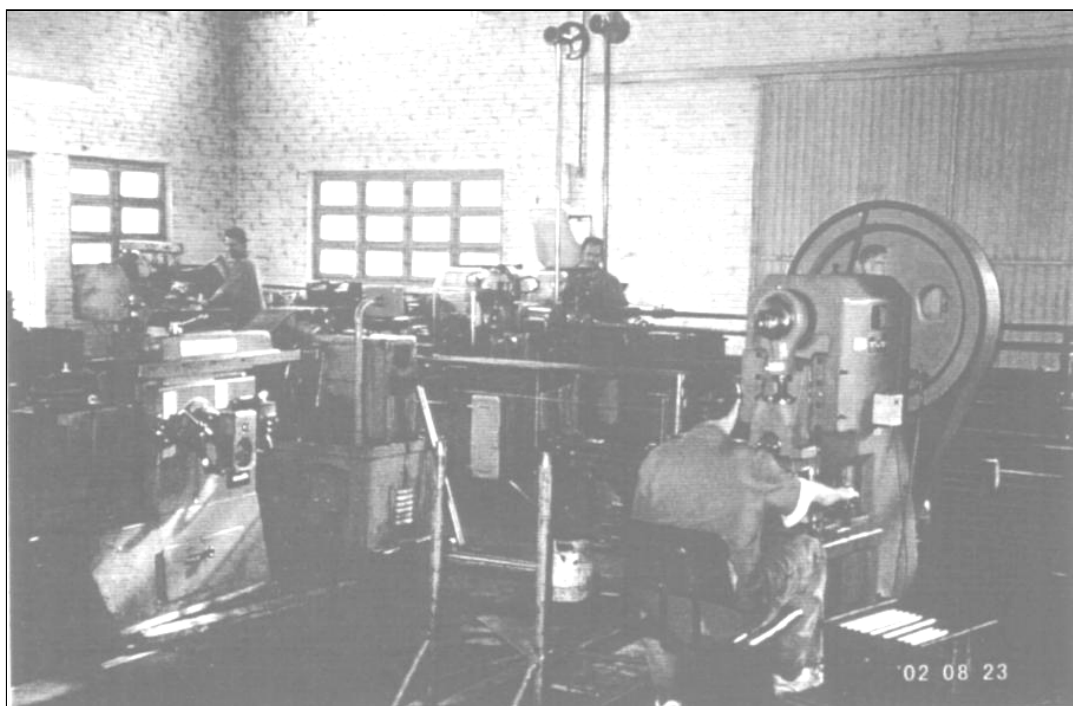
¹⁷⁴ Ata da Reunião da Diretoria da Obra Kolping Diocesana de Rio do Sul, 12/09/1988, p. 74-75.

¹⁷⁵ Ata da Reunião da Diretoria e Coordenação da Obra Kolping Regional de Santa Catarina. 05/06/1989, p. 80-81

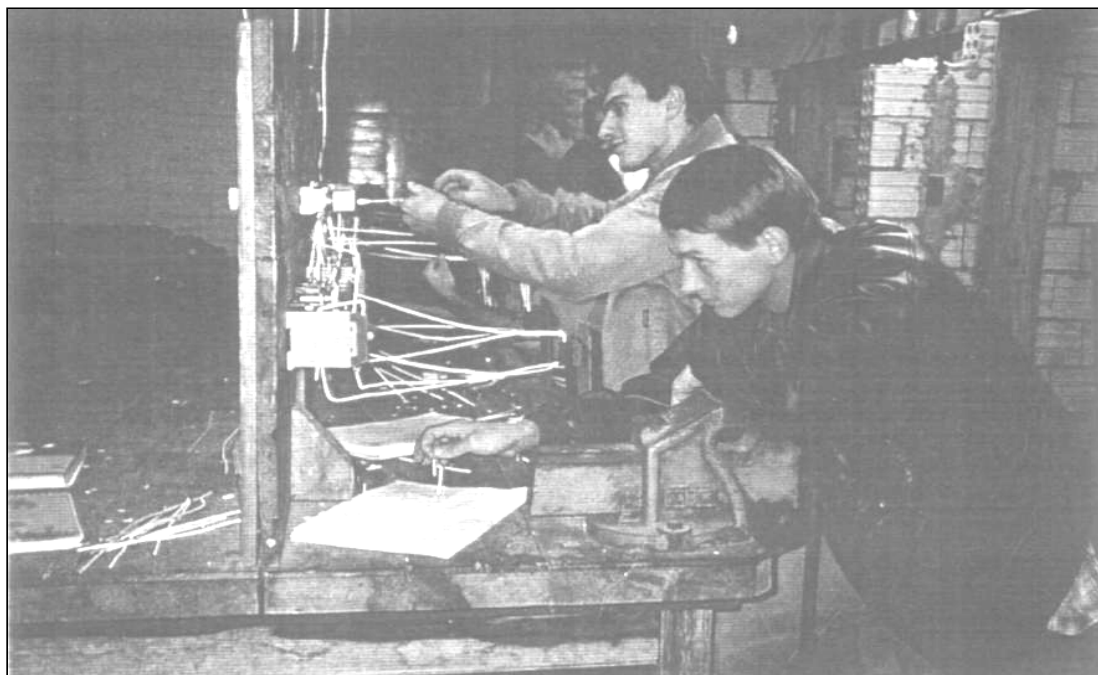
Entre as máquinas provenientes da Alemanha destacam-se quatro tornos mecânicos, sendo que desta data em diante o curso de torneiro mecânico é o maior atrativo da instituição. Além das máquinas de metalurgia, foram enviadas também outras máquinas, o que promoveu a realização de outros cursos como de costura industrial, de soldador, de ajustador e de oficina mecânica, que atualmente ainda são ministrados.

Para ter uma idéia mais clara sobre a atuação da Obra Kolping nos últimos anos, é interessante observar as fotografias das atividades mais recentes realizadas na instituição.

Entre os cursos profissionalizantes destacam-se:



Curso de mecânico
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)



Curso de eletricista
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)



Curso de costura industrial
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)



Curso de ajustador
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)



Curso de torneiro mecânico
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

Estes são alguns exemplos de atividades realizadas junto aos trabalhadores. Através desses cursos, objetivava-se assegurar melhores chances de emprego a esses trabalhadores qualificados e assim garantir sua posição dentro da sociedade. Agindo desse modo, a Obra Kolping contribuía para a regulamentação de determinada ordem social. No entanto, apontava também para uma solução dos problemas que desafiavam a sociedade rio-sulense: a recente urbanização com o surgimento e desenvolvimento das indústrias. Durante a realização dos cursos, os trabalhadores não eram somente instruídos profissionalmente, mas sim recebiam também noções e concepções acerca da sociedade. Essas concepções eram fundamentadas em uma visão cristã da sociedade, isto é, calcados por valores católicos, tal qual constam nos estatutos gerais da Instituição Kolping, não muito diferentes dos estatutos originais elaborados por Adolf Kolping: “Artigo 5º: A Obra Kolping do Brasil tem por objetivo a promoção integral do homem, principalmente do trabalhador, mediante ação e formação nos campos: religiosos, profissional, social familiar, recreativo e cultural, visando a sua melhor participação na família, no trabalho e na sociedade”.¹⁷⁶ Dentro dessa perspectiva, recebem grande importância os exemplos de vida e os ideais de Adolf Kolping que servem de fundamentos doutrinários que regem esses objetivos.

Porém, para alcançar os objetivos gerais propostos pelos estatutos da Obra Kolping, era importante que suas atividades se estendessem para além do âmbito profissional dos trabalhadores. As atividades deveriam abranger também o âmbito recreativo e lúdico. Procurando preencher as horas vagas dos trabalhadores, normalmente realizam-se jogos e eventos esportivos, além de eventos festivos e intercâmbios entre as comunidades vizinhas. Entremontes, em muitos casos são realizadas atividades que visam tanto o lazer e o

¹⁷⁶ OBRA KOLPING DO BRASIL, *Documentos da O.K.B.* São Paulo: 1999. p. 09.

entretenimento, quanto o proveito como atividade laboral, por exemplo, o desenvolvimento da piscicultura ou apicultura.



Desenvolvimento da apicultura
(Acervo da Obra Kolping - Rio do Sul)

Desse modo, pretendendo abranger todos os âmbitos da vida dos trabalhadores, a Obra Kolping buscava preparar e condicionar os trabalhadores para o seu ingresso na sociedade. As atividades formativas visam o desenvolvimento das potencialidades desses trabalhadores, no sentido de fazer com que adquiram determinados conhecimentos, determinados critérios de pensamento e de atitudes. Através de seminários e reuniões de reflexão sobre família, trabalho e cidadania, lançam as bases de uma conduta social compreendida como correta e justa. Ao mesmo tempo essa atuação promove uma ligação consistente do trabalhador com a Igreja, garantindo a continuidade dos fundamentos religiosos na sociedade. A aceitação desses princípios por parte dos trabalhadores garantia o equilíbrio e a estabilidade da ordem social.

Considerações

Durante essa dissertação propomos analisar a dinâmica das Comunidades Kolping, desde sua fundação até os dias atuais, na organização da vida associativa e das atividades sócio econômicas, principalmente na preparação solidária para o mundo do trabalho, no contexto de colonização dos migrantes no município de Itapiranga e, mais tarde, no contexto urbano da emergente cidade de Rio do Sul.

Desse modo, em primeiro momento tornou-se necessário compreender e reconstruir o surgimento e consolidação das *Gesellenvereine* Kolping no contexto histórico-social da tardia industrialização da Alemanha no séc. XIX. Dentro desse contexto, analisou-se a natureza, os princípios organizativos e os ideais normativos (religiosos, sociais e políticos) das *Gesellenvereine* Kolping, tais como formulados pelo seu fundador Adolf Kolping. A partir disso, buscou-se compreender o sentido que essas associações adquiriram dentro do contexto das sociedades industriais. Em seguida, ao analisar os diferentes contextos históricos, a saber, da colonização de Itapiranga e desenvolvimento do setor industrial com conseqüente urbanização em Rio do Sul, foi possível investigar a maneira e os motivos que levaram a instituição das Comunidades Kolping nesses lugares.

Considerando que o extremo-oeste catarinense, mais precisamente a Colônia de Porto Novo, é uma região de colonização gerenciada pelos jesuítas, compreende-se que este era mais voltado para as questões sociais e políticas dos católicos. Os objetivos mais amplos dos Jesuítas eram fortalecer a religiosidade da comunidade católica e uni-la para a solução de suas

dificuldades, tendo em vista que aquela comunidade fazia parte de uma região de condições de existência fundada na urgência econômica.

Já o cenário de Rio do Sul, uma sociedade que passava por algumas oscilações econômicas, caracterizadas por uma substituição infra-estrutural da indústria de extração para a de transformação, assim como pelo abandono da agricultura perante a nova oferta de emprego na cidade, evidencia um contexto de dificuldades e problemas sociais. A progressiva “marginalização” e o abandono dos valores religiosos em face ao desânimo do desemprego motivaram os agentes religiosos católicos a promover estratégias para adaptar-se às novas necessidades da população. Uma dessas estratégias foi promover através da Obra Kolping um ideal de trabalhador. Ajudando o trabalhador por meio do profissionalismo pretendiam melhorar suas condições sociais e assim garantir uma maior aproximação deste com o grupo religioso do qual faziam parte.

A partir dos casos analisados, pode-se pensar que a aceitação desse ideal, ou seja, desse sistema de representação, por parte dos trabalhadores impede que aconteça qualquer distanciamento das dificuldades do presente e das necessidades imediatas de existência da própria sociedade. Na maioria das vezes é por esta razão que a religião tem maiores oportunidades de se manifestar nas sociedades ou nas classes sociais mais desfavorecidas. A religião, enquanto sistema simbólico, fornece elementos capazes de justificar determinada ordem social, com promessa de posterior compensação das classes menos favorecidas, isto é, os sacrifícios na terra serão recompensados numa vida eterna. Por outro lado, por meio dos agentes religiosos, a religião se apresenta no dia a dia procurando canalizar os esforços comuns em direção à solução dos problemas enfrentados pelo grupo social, especialmente quanto às dificuldades relativas à existência material.

Analisando as Comunidades Kolping a luz das teorias sociológicas de Max Weber, as reflexões acerca da relação entre religião e sociedade proposta na introdução desta dissertação, pode-se perceber como certa concepção religiosa do mundo – a saber, aquela incorporada pelas comunidades Kolping segundo os ideais de seu fundador – influenciou a vida associativa e as atividades econômicas, tanto no trabalho do campo, no caso de Itapiranga, quanto no da cidade, em Rio do Sul. As reflexões propostas por Max Weber constituem o marco teórico fundamental para desenvolver nossa hipótese de que os valores éticos e religiosos das comunidades Kolping exerceram uma importante influência no desenvolvimento da vida associativa e na existência material dos trabalhadores de Itapiranga e Rio do Sul.

Fontes

Documentos:

- Acervo do Museu Municipal de Itapiranga.
- Acervo da Comunidade Kolping de Itapiranga.
- Acervo da Obra Kolping de Rio do Sul.
- Arquivo Instituto Martius-Staden São Paulo.
- Acervo do Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETB). São Leopoldo. UNISINOS.

Internet:

- *Kolping Internacional*, Disponível em: <<http://www.kolping.net>>. Acessado em: 07 de setembro de 2003.
- *A Obra Kolping no Brasil*, Disponível em: <<http://www.kolping.com.br>>. Acessado em: 22 de maio de 2007.

IHLI, Stefan. *Hatten die Gesellenvereine eine politische Bedeutung? Eine Untersuchung an Hand des Schriftums Adolf Kolpings*. Disponível em: <http://www.ihlisoft.de/theologie/kolping_text.htm>. Acessado em 22 maio de 2007.

Livros:

Comunidade Kolping. *Kolping, A História*. Itapiranga, 2001.

COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef Anton. *Adolph-Kolping-Schriften, Soziale Frage und Gesellenverein*. Band 3, Teil I: 1846-1852, Colônia: Kolping-Verlag GmbH, 1985.

COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef Anton. *Adolph-Kolping-Schriften, Soziale Frage und Gesellenverein*. Band 4, Teil II: 1852-1858, Colônia: Kolping-Verlag GmbH, 1986.

COPELOVICI, Rosa; HANKE, Michael; LÜTTGEN, Franz; STÜTTLER, Josef Anton. *Adolph-Kolping-Schriften, Soziale Frage und Gesellenverein*. Band 5, Teil III: 1859-1865.

Colônia: Kolping-Verlag GmbH, 1985

LÜTTGEN, Franz. *Adolph-Kolping-Schriften, Erzählungen aus einem Volksbuch und den „Rheinischen Volksblättern“*. Band 11. Colônia: Kolping-Verlag GmbH, 1997.

LÜTTGEN, Franz. *Adolph-Kolping-Schriften, Dokumente über den Kölner Gesellenverein 1849 bis 1865*. Colônia: Kolping-Verlag GmbH, 1998.

Adolf Kolping und seine Werk. Heiderdruck, Bergisch Gladbach. Acervo do Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETB). São Leopoldo. UNISINOS

Periódico:

DIE GETREUEN, ZWEIMONATSSCHRIFT DES REICHSV ERBANDES FÜR DIE KATHOLISCHEN AUSLANDDEUTSCHEN UND DES ST. RAPHAELSVEREINS, Beilage: St. Raphaelsblatt, 1932.

Bibliografia/Referências

- ANTONETTI, Guy. *A economia Medieval*. Trad: Hilário Franco Junior. São Paulo: Atlas, 1977.
- ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. *Religião e Modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola, 1996.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Revolução industrial e capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- AVILA, Fernando Bastos de, *O pensamento Social cristão antes de Marx: Textos e comentários*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1972.
- BAIROCH, Paul. *Revolução industrial & subdesenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *A igreja e os intelectuais: contribuição para a construção da sociedade*. Bauru, SP: EDUSC, c1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismos: séculos XV-XVIII*. Vol. II - *Os Jogos das Trocas*. Trad: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural, Entre Práticas e Representações*. [Trad. Maria Manuela Galhardo] Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHATELET, François; DUHAMEL, Olivier. *Historia das idéias políticas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

- DIRKSEN, Valberto. *Viver em São Martinho : a colonização alemã no Vale do Capivari*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1995.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- ENGELS, Friederich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1986.
- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974*. São Paulo, Instituto Hans Staden; São Leopoldo, Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.
- GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. Trad: Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- HEILBRONER, Robert L. *A Formação da Sociedade Econômica*. Trad: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ª ed. 1974.
- HOBBSAWM, Eric. J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____ *As origens da revolução industrial*. São Paulo: Global, 1979.
- _____ *Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado*. Trad. Marina Leão Teixeira Virato de Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre História Operária*. Trad. Waldea Barcellos, Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- HÜNERMANN, Wilhelm. *So began Adolf Kolping vor 100 Jahren. In.: Der Familienfreund. Hauskalender und Wegweiser für das Jahr 1952*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1952. Acervo do Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETB). São Leopoldo. UNISINOS.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KLUG, João; DIRKSEN, Valberto. *Rio do Sul: uma historia*. Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio do Sul, 1999.

LAGRÉE, Michel. *O tempo das paixões: Praguejadores e turiferários (1830-1914); O tempo da razão (1914-1960)* In: *Religião e tecnologia: a benção de Prometeu*. Bauru: EDUSC, 2002.

LEFORT, Claude. *Pensando o Político. Ensaio sobre democracia, revolução e liberdade*. Tradução: Eliana M. Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MANTOUX, Paul. *A Revolução Industrial no século XVIII*. São Paulo: Editora UNESP, HUCITEC.

MARX Karl *O Capital: Crítica da Economia Política. Livro Primeiro: o Processo de Reprodução do Capital*. Vol. I. Trad: Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Difusão Editora, 6º ed. 1980.

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e conflito de classes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PIERUCCI, Antônio Flavio de Oliveira; PRANDI, José Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PLUM, Werner. *Relatos de Operários sobre os primórdios do Mundo Moderno do Trabalho. Aspectos Sociais e Culturais da Industrialização*. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung. 1979.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *Max Weber, Entre a Paixão e a Razão*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

SALVADOR, Jose Gonçalves. *Cristãos-novos Jesuítas e Inquisição*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1969.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília 1990.

TINTELOTT, Hubert. *Las Asociaciones Católicas como parte de la Sociedad Civil y de la Iglesia*. Disponível em: < www.kolpinglinks.net/2333_sg_sociedadcivil.doc >. Acessado em: Outubro 2004.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *Historia das ideias religiosas no Brasil - a igreja e a sociedade brasileira*. São Paulo: Grijalbo, 1968.

Instituto Superior de Estudos da Religião. *Catolicismo e sociedade na imprensa brasileira 1964-1980*. Rio de Janeiro: M. Zero, 1985.

VOIGT, Márcio Roberto; DIRKSEN, Valberto. *Imigração e cultura alemã no Vale do Itajaí: educação, religião e sociedades na história de Timbó (SC) - 1869-1939 /*. Florianópolis, 1996. 150f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Ensaio de Sociologia*. Org: H.H Gerth; C. Wright Mills. Trad. Waltensir Dutra; revisão técnica Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1982.

WERLE, André Carlos; DIRKSEN, Valberto. *O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga)*. Florianópolis, 2001. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

WERLE, André Carlos. KLUG, João. *A Revista de Tropas do Exército Católico Alemão. Congressos Católicos na Alemanha e no Sul do Brasil*. Florianópolis: 2006. 219 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina.